



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MIGUEL ÁGUEDA SANTOS**

**A Imaculada na vida e obra de Maximiliano Kolbe,  
“Mártir da Caridade” e “Apóstolo do séc. XX”**

Dissertação final  
sob a orientação de:  
Prof. Doutor Alexandre Freire Duarte

**Porto**  
**2019**



**A Imaculada na vida e obra de Maximiliano Kolbe,  
“Mártir da Caridade” e “Apóstolo do séc. XX”**

## RESUMO

encarando a realidade de que se vive num Mundo marcado pela indiferença e pelo individualismo – no qual o homem se preocupa apenas e só consigo mesmo –, este Trabalho versa sobre o exemplo de vida de Maximiliano Kolbe, também enquanto o mesmo se articula com a temática central do seu pensamento: Maria, a Imaculada. Neste sentido, começa-se por fazer um enquadramento histórico do período em que ele viveu, passa-se para uma breve referência à sua vida – aquela que, findando em martírio num “campo de concentração” nazi, permitirá que se o denomine de genuíno apóstolo dos tempos modernos –, e conclui-se com aquela mencionada temática, que se mostrará como sendo uma verdadeira expressão de alguém que acolheu e viveu, na plenitude do amor, a mensagem do Evangelho e a missão que lhe fora confiada. Como é deixado bem claro, tudo na vida do padre Kolbe orbita a Imaculada, a qual se converte para ele, e se pode converter igualmente para nós, num fulcro de apoio para uma contínua conversão espiritual que permita uma maior intimidade amorosa com Deus. Uma intimidade que facilite o se estar no Mundo sem ser do Mundo, de modo a se poder servir do que no mesmo pode ser colocado ao serviço da missionação e da evangelização.

**Palavras-chave:** Maximiliano Kolbe; “campos de concentração”; martírio; Imaculada; amor; missão

## ABSTRACT

Facing the reality that one lives in a world marked by indifference and individualism – in which human beings only and only cares with themselves –, this paper deals with the example of the life of Maximiliano Kolbe, also while it articulates with the central theme of his thought: Mary, the Immaculate. In this sense, this Study begins with the presentation of the historical background of the period in which he lived, it goes on with a brief reference to his life – on which, ending in martyrdom in a Nazi “concentration camp”, will allow him to be called a genuine “apostle of modern times” –, and concludes with that mentioned theme, which will prove to be a true expression of someone who welcomed and lived, in love’s fullness, the Gospel message and the mission entrusted to him. As it’s made clear, everything in Father Kolbe’s life orbits the Immaculate, who becomes for him, and can also become for us, a fulcrum of support for a continuous spiritual conversion that allows a greater loving intimacy with God. An intimacy that facilitates one’s being in the World without being of the World, so as to be able to use what can be employed in the service of missionation and evangelization.

**Keywords:** Maximilian Kolbe; “concentration camps”; martyrdom; Immaculate; love; mission

## SIGLÁRIO

### **Abreviaturas bíblicas**

*Col.* – Carta aos Colossenses

*Dn.* – Livro de Daniel

*Gal.* – Carta aos Gálatas

*Gn.* – Livro do Génesis

*Jo.* – Evangelho segundo São João

*Js.* – Livro de Josué

*Lc.* – Evangelho segundo São Lucas

*Mt.* – Evangelho segundo São Mateus

*Sal.* – Livro dos Salmos

*Tg.* – Carta de São Tiago

*1Cor.* – Primeira carta de São Paulo aos Coríntios

*1Jo.* – Primeira carta de São João

*1Tm.* – Primeira carta a Timóteo

*2Cor.* – Segunda carta de São Paulo aos Coríntios

*2Cr.* – Segundo livro das Crónicas

## Outras siglas e abreviaturas

*AAS* – *Acta Apostolicae Sedis*

*ASS* – *Acta Sanctae Sedis*

BAC – Biblioteca de Autores Cristianos

card. – Cardeal

*CdIC* – *Catecismo da Igreja Católica*

cf. – conferir

col. – coluna

*DH* – DENZINGER, Heinrich; HÜNERMAN, Peter – *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*

dir. – diretor

*DSp.* – VILLER, Marcel; GUIBERT, Joseph de; CAVALLERA, Ferdinand; BAUMGARTNER, Charles [et al.] (dir.) – *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*

ed. – edição

etc. – *et caetera*: e os demais

ENMI – Editrice Nazionale Milizia dell’Immacolata

et. al. – *el alli*: e outros

int. – introdução

M.I. – Milícia da Imaculada

p. – página

P. – padre

rec. – recensão

S. – São / Santa / Santo

Ss. / SS. – Santíssima

s.l. – *sine loco*: sem local

s.a. – *sine anno*: sem ano

vol. – volume

## INTRODUÇÃO

Durante uma viagem à Polónia, que realizámos por ocasião das Jornadas Mundiais da Juventude de 2016, tivemos a oportunidade e o infortúnio de poder visitar o “campo de concentração” de Auschwitz e Birkenau. “Oportunidade” – dissemos nós – na medida em que pudemos ver, com os nossos próprios olhos, uma realidade que até então só conhecêramos dos livros e dos documentários de História; “infortúnio”, porque, por momentos, não conseguimos deixar de imaginar as condições degradantes, o sofrimento, o medo, a angústia e o desespero de quantos por ali passaram. De facto, foi uma experiência um tanto ou quanto sombria para nós, mas este sentimento, que tanto nos impactou, não era universal. Na realidade, deparámo-nos com pessoas a tirarem *selfies* de uma forma completamente descontraída junto à entrada do “campo de concentração”, nos longos corredores ladeados por arame farpado ou nos carris de comboio através dos quais chegaram tantos homens, mulheres e crianças sem saber qual seria o desfecho do seu trajeto.

Hoje em dia todos sabemos – com a exceção de algumas criaturas bizarras que negam a História para benefícios próprios e (ou) a promoção de atitudes antissemitas – qual foi o desfecho para cerca de seis milhões de pessoas: a morte. Pessoas que, no fundo, não fizeram nada para ali estar; pessoas que viviam a sua vida normalmente; pessoas de todos os estratos sociais; mas tendo todas elas vivido num tempo e num lugar dominados pelo desprezo total da vida e dignidade humanas. Valores? Direitos? Infelizmente estas realidades, basilares e norteantes para qualquer sociedade humana que se preze em ser genuinamente humana, não existiam no pensamento dos nazis. Subsistiam apenas os deveres e, mesmo esses, destinavam-se meramente àqueles que tinham as condições mínimas para realizar trabalhos forçados, pois, se não as tivessem eram abatidos.

Voltando à nossa visita, recordamo-nos de percorrer paulatinamente os longos corredores e, aqui e ali, surgia algo que suscitava em nós um avivar da atenção para alguma atrocidade que teria ocorrido naquele preciso. A nossa imaginação assim estimulada e, tal como referimos, acabámos a pensar, mais do que uma vez, acerca de como seria a vida num

“campo de concentração”. Ora, no meio de tantos e tão longos corredores, chegámos ao corredor das casernas onde os presos “descansavam”. Por baixo de uma dessas casernas encontrava-se o “*bunker* da fome”. O nome, já de si assustador, faz jus à barbaridade ali experimentada. Por um lado, era, e ainda é, um *bunker*; isto é, um abrigo subterrâneo sem luz, sem água, sem higiene ou qualquer outra realidade considerada básica para a sobrevivência humana. Por outro lado, era “da fome”, dado que quem para lá fosse enviado permaneceria sem comer até acabar por sucumbir.

Nas imediações do *bunker* existe uma imagem que faz referência a uma das pessoas que ali sofreu: Maximiliano Kolbe. Para nós ele era, devemos admitir com total frontalidade, um verdadeiro desconhecido, pois não nos lembramos de ter contactado com a biografia deste mártir da Igreja, nem ao longo dos nossos anos de seminário, nem durante os de estudos superiores. Posto isto, tentámos, desde tal encontro com a mencionada imagem, perceber e conhecer um pouco melhor a sua história, visto que para haver uma referência tão flagrante à sua pessoa, algo de diferente deveria ter ocorrido para se destacar no meio de tantas e tantas outras vítimas. Foi a partir daí que nos fomos dando conta que se tratava de um sacerdote católico polaco que, cumprindo em chave de amor o ensinamento-capital desse mesmo amor revelado maximamente por Jesus (cf. *Jo.* 15,13), entregou a sua vida em substituição da de um pai de família.

O exemplo deste padre ficou-nos na retina da memória, pois, não raras vezes, quando abordámos o tema do nazismo e dos “campos de concentração”, fizemo-lo numa perspectiva puramente histórica que, encapsulando-nos a respeito de um tempo longínquo perdido na noite do tempo, criava uma barreira opaca entre esse passado e o nosso presente. No entanto, dêmo-nos conta, e cremos que todos nos devemos dar conta, de que esta página negra da história da humanidade escreveu-se em meados do século XX, o que significa que, e apenas para termos uma perspectiva, os nossos avós já eram nascidos aquando deste tormento. Ou seja: não foi há uma eternidade que não nos diga respeito, tendo sido, isso sim, há um tempo suficientemente recente para que, se não prestarmos atenção ao mesmo, o que nele ocorreu poder voltar a acontecer – basta recordar as diatribes antijudaicas, por exemplo, dos líderes iranianos dos nossos dias. Um tempo sobre o qual nos devemos debruçar, a fim de que também os testemunhos como o do padre Kolbe não caiam no esquecimento.

E não o caiam, no meio de uma sociedade que, como sabemos, atravessa uma crise de valores, decorrente de cada um tender a querer viver por e para si, erigindo os seus valores na única pauta de conduta do seu agir e, ao mesmo tempo, querendo impô-los

demagogicamente aos demais sob as mais equívocas “bandeiras”, tais como as do progressismo, humanismo, ecologismo, etc. Neste enquadramento e embora seja muitas vezes evocado, o “outro” deixa de ser relevante a partir do momento em que invade o “meu espaço”, revelando, na perfeição, que somos “mestres” na arte de descobrir as imperfeições dos demais e, ao mesmo tempo, “alunos ‘mediócras’” de reconhecermos as nossas próprias imperfeições.

Face ao apresentado antes, podemos dizer, agora, que são essencialmente dois os motivos da escolha do tema para esta Dissertação: em primeiro lugar, conhecer o contexto polaco e a vida de Maximiliano Maria Kolbe, a fim de que, em segundo lugar, o seu exemplo venha a ser mais e melhor divulgado nos mais diversos contextos. Deste modo, esperamos, sinceramente, que o presente Trabalho possa vir a servir para a divulgação do “mártir da caridade”; aquele que, também por ter feito o que fez para granjear este epíteto, é, indubitavelmente, um dos grandes apóstolos do século XX.

O corrente Trabalho encontra-se dividido em três grandes capítulos. No primeiro, percorreremos, sucintamente, a história da Polónia no período compreendido entre 1894 e 1941, ou seja, o período da vida de Maximiliano Kolbe. Nesta parte mais histórica do nosso Estudo, o objetivo passará por compreender de que modo o Catolicismo polaco influenciou, ou não, o povo da Polónia na luta contra as diversas vicissitudes que o assombraram. Assim, abordaremos: a divisão da Europa Centro-Oriental, com particular preocupação para a tríplice divisão da Polónia; o período da Polónia independente; a relação entre Igreja Católica e o nazismo, a fim de enquadrarmos a Segunda Guerra Mundial, os “campos de concentração” e a Polónia novamente ocupada, a partir de setembro de 1939, por parte de alemães e russos; por fim, realçaremos o papel do papado e as consequências catastróficas que aquele conflito causou ao povo polaco. De notar que, embora este vá ser o primeiro capítulo a surgir no nosso Estudo, o mesmo foi o segundo a ser por nós realizado, pois quisemos que tudo o que nele estivesse patente tivesse uma inequívoca ligação com algum aspeto da vida do nosso Autor, o que só seria logrável se, antes, tivéssemos elaborado aquele que será o segundo capítulo desta Dissertação: aquele referente à vida de Maximiliano Kolbe.

Na sequência do que acabámos de referir a findar o parágrafo anterior, no segundo capítulo da nossa Dissertação faremos uma viagem pela curta, mas frutífera, vida de Maximiliano Kolbe. Começaremos pela infância, período no qual se torna deveras importante abordar o ambiente e contexto familiar, passando para a sua formação inicial no

seminário, a sua estadia em Roma, a sua ordenação sacerdotal e todos os passos dados pelo nosso Autor até regressar novamente à sua pátria. Depois, já centrados neste período que começou com o seu regresso à Polónia, abordaremos: a sua doença; o seu amor à Imaculada, espelhado na fundação da Milícia e da Niepokalanów; bem como na missão por terras japonesas. A partir daqui, aludiremos às suas deportações e consequente prisão definitiva nos campos de concentração. No seio da agonia por si experienciada em Auschwitz, tentaremos perceber o modo como Maximiliano Kolbe, por um lado, vivia e, por outro lado, até que ponto conseguia, ali mesmo, desempenhar a sua missão.

Por fim, o terceiro e último capítulo do nosso Estudo versará sobre aquele que nos pareceu ser o assunto mais significativo no pensamento do nosso Autor: Maria, a Imaculada. Deste modo, apresentaremos o que o mesmo disse sobre esta, de modo a tentarmos perceber quem é, para ele, a mesma. Após tentarmos lograr o fito antes indicado e intimamente ligado com ele, encetaremos a apresentação: da relação da Imaculada com o Espírito Santo e com Jesus Cristo; da sua relevância para a ordem franciscana conventual, da qual o padre Kolbe fez parte; e, por fim, da devoção à Imaculada nos tempos hodiernos. De notar que para a realização deste terceiro capítulo limitámo-nos a estudar, exclusivamente e embora com grande atenção e cuidado, os próprios escritos do nosso Autor<sup>1</sup>.

No que concerne à bibliografia, procurámos, para o primeiro capítulo, consultar e estudar sólidos e incontroversos manuais de História da Igreja e, ao mesmo tempo, uma relevante História da Polónia, com a finalidade de ficarmos a conhecer o contexto histórico polaco nesta fase abominável da história da humanidade. A respeito do segundo capítulo, procurámos algumas biografias do padre Kolbe, que lemos e estudámos cuidadosamente, optando, no fim, por seguir maioritariamente aquela que foi escrita por Félix Ochayta Piñeiro, evitando, desse modo, estar a fazer uma proliferação de citações de outras obras que em nada acrescentariam aos dados presentes nessa fonte documental. Acerca destas duas primeiras partes, é de realçar que também intentámos completar o nosso Trabalho com alguns pertinentes documentos do Magistério da Igreja que permitissem mostrar o que este foi aduzindo sobre os temas tratados naquelas partes do nosso Estudo. Enfim, no que concerne ao nosso terceiro capítulo, analisámos exclusivamente os próprios escritos de

---

<sup>1</sup> As referências aos escritos de Maximiliano Kolbe, sejam estas citações ou meras alusões, serão por nós feitas no “corpo de texto”, mediante o seguinte esquema: *Scritti*, A, B – em que A corresponde ao número do texto, e B ao número da página em que tal texto se encontra justamente em tais *Scritti*, palavra esta que remete para: KOLBE, Massimiliano M. – *Scritti di Massimiliano Kolbe*, ed. Centro Nazionale Milizia dell’Immacolata. Roma: ENMI, 1997

Maximiliano Kolbe, traduzidos para italiano pelo Centro Nazionale Milizia dell'Immacolata, bem como algumas entradas do consagrado “*Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*” para compreendermos melhor algumas temáticas levantadas por aqueles escritos.

De facto, e acerca do nosso precedentemente mencionado terceiro capítulo da nossa Dissertação, decidimos seguir o conselho, a nós feito conhecer pelo nosso orientador, que o então professor de teologia Avery Dulles deu a respeito de como alguém deveria aproximar-se, nos primeiros ciclos de estudos teológicos, do pensamento de um autor: «o texto, o texto, o texto»<sup>2</sup>. Por outras palavras: abordámos da melhor maneira que sabíamos aquilo que ele disse e não através de comentários já feitos, que – como pudemos verificar, cruzando-os entre si –, muitas vezes não eram senão meros comentários a comentário anteriores – algo que, nós mesmos, nunca aceitaríamos fazer. Olhando para trás, aquele conselho revelou-se importante. E isto por dois motivos principais: por um lado, em muito beneficiou o nosso conhecimento acerca de Maximiliano Kolbe; por outro lado, o nosso Trabalho poderá trazer algo de genuinamente original para o futuro.

Dará isto, que acabámos de referir, a ideia de que a nossa Dissertação tem pouca qualidade e que nos esforçámos pouco na sua elaboração? É possível, sobretudo para quem olhar, superficialmente e com rapidez, para o nosso Estudo com os olhos enviesados de quem possa pensar que a qualidade de um, e o esforço posto num estudo é medido pelo número de notas de rodapé presentes nele. Contudo, uma leitura atenta do nosso Trabalho poderá revelar justamente o oposto, dado que, depois da nossa redação e em conjunto com o nosso orientador – que nos orientou para algumas delas –, consultámos uma série de fontes de informação sobre o tema constante na nossa terceira parte<sup>3</sup>, e concluímos que as mesmas

---

<sup>2</sup> DULLES, Avery – *The Craft of Theology: From Symbol to System*. New York: Crossroad, 1995, p. 75.

<sup>3</sup> Indicamos aqui, e meramente aqui – não obstante a sua eventual repetição na “Bibliografia” pudesse dar um ar de maior substancialidade a esta (o que não é, de todo, a nossa preocupação, nem seria cristã e intelectualmente honesto) –, estas fontes de informação que, não obstante tenham sido por nós consideradas para serem debatidas com o nosso orientador, acabámos por não usar no decurso do nosso Estudo: DI MURO, Raffaele – *La sofferenza in San Massimiliano Kolbe*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014; DOMANSKI, Giorgio – *Il pensiero mariano di p. Massimiliano Kolbe*. Roma: L.E.M.I., 1971; FROSSARD, André – *N'oubliez pas l'amour: La Passion de Maximilien Kolbe*. Paris: Robert Laffont, 1987; GLADYS, Andrzej – A teoria do infinito desenvolvimento do homem segundo São Maximiliano Maria Kolbe. *Itinerarium*, 199 (2011) 91-107; MANELLI, Stefano Maria – *Il folle dell'Immacolata: san Massimiliano Kolbe*. Frigento: Casa Mariana, 1976; MANTEAU-BONAMY, Henri-Marie – *La doctrine mariale du Père Kolbe*. Paris: Dessain et Tolra, 1975; MONZANI, Egidio – *San Massimiliano Maria Kolbe. L'innamorato di Maria*. Camerata Picena: Shalom, 2013; STEHLIN, Karl – *The Immaculata Our Ideal: The spirit of the Militia Immaculatae according to Fr. Maximilian Kolbe*. [s.l.]: Kolbe Publications, 2016; VÁZQUEZ BORAU, Josep Lluís – Maximiliano Kolbe, donación y dignidad. *Liceo franciscano*, 210 (2018) 211-234; VILLEPELÉE, Jean-François – *La Mission de l'Immaculée du père Kolbe*. Paris: Lethielleux, 1976.

levar-nos-iam, tão-somente, a estar a repetir, por outras palavras – talvez mais belas do que as nossas – o que já havíamos dito, não adicionando virtualmente nada ao avançado por nós.

Penultimamente, devemos mencionar que, a nível da abordagem formal à elaboração do presente texto, seguimos: as orientações da gramática portuguesa; as regras gerais de elaboração de trabalhos científicos no âmbito da teologia; e uma versão adaptada e simplificada da NP-405. Posto isto, se ainda persistir, em algum local, algum lapso ou algum defeito de coerência, esses passaram totalmente despercebidos, não só a nós e ao nosso orientador, mas igualmente às distintas pessoas a quem pedimos para – com conhecimento na matéria e uma distância ótica e crítica face a este texto que nós mesmos, a partir de certa altura, deixámos de ter – ler com cuidado este Trabalho. Contudo, e como é evidente, se aqueles lapsos ou defeitos permanecerem, a responsabilidade não incumbe a essas pessoas, mas estritamente a nós e ao nosso orientador.

Para terminarmos esta “Introdução”, resta-nos agradecer a todos aqueles que, de uma ou outra forma, ajudaram à realização desta Dissertação – a qual não é senão um elo de uma longa caminhada formativa académica e espiritual –, os quais, sabendo certamente quem são, não precisam de ser aqui nomeados. A todos o nosso mais sincero “muito obrigado”.

# CAPÍTULO 1

## A FORÇA DO CATOLICISMO POLACO FRENTE ÀS ADVERSIDADES (1894-1941)

Conhecer uma pessoa aponta necessariamente para o entendimento da moldura em que tal pessoa viveu, pois, como sabemos, todos nós somos quem, e o que, somos também em função das circunstâncias históricas, sociais e, entre outras, culturais em que estamos inseridos. Se assim é, compreendemos a conveniência de, antes de falarmos do nosso Autor e de parte significativa do seu pensamento, ponderarmos o horizonte histórico em que aquele viveu, não em abstrato, mas focando-nos naqueles elementos de tal horizonte que mais pontes estabelecem com o concreto da vida de Maximiliano Kolbe. É isso que, tal como foi apontado na “Introdução”, faremos neste primeiro capítulo da nossa Dissertação, seguindo, particularmente três primordiais fontes de informação: a fundamental história da Polónia de Adam Zamoyski e os trabalhos dirigidos, sobretudo, por Jean-Marie Mayeur, de um lado, e, de outro lado, por Huber Jedin.

### 1.1.- A divisão da Europa Centro-Oriental

No século XIX e no contexto que mais nos diz respeito tendo em vista a persecução deste nosso Estudo, a Europa centro-oriental estava dividida em três grandes estados: a Rússia, a Prússia e a Áustria, esta última dividida na Áustria propriamente dita e na Hungria no ano de 1867<sup>4</sup>. No caso particular do que atualmente é a Polónia, país no qual nos vamos focar, já no congresso de Viena, realizado entre setembro de 1814 e junho de 1815, estava repartida por aqueles três antes mencionados estados: 82 por

---

<sup>4</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo (Religione-Politica-Cultura): Liberalismo, industrializzazione, espansione europea (1830-1914)*. Roma: Borla; Città Nuova, 2003, vol. 11, p. 619.

cento era russo, 10 por cento era da Áustria e os restantes 8 por cento pertenciam à Prússia<sup>5</sup>.

Esta problemática das três zonas polacas ocupará grande parte da atenção dos gabinetes políticos e governantes daqueles três estados (e não só) até à fundação da República da Polónia em 1918. No dizer do historiador polaco Adam Zamoyski, «a “Questão Polaca” atormentou a diplomacia europeia de novecentos como se fosse um agulhão numa já de si ferida consciência, induzindo um grande desconforto quer nos amigos da Polónia, quer nos seus inimigos. (...) Mas mesmo aqueles [primeiros] estavam demasiado ocupados em sepultarem o assunto sob frases piedosas»<sup>6</sup>.

Como é de esperar, a apontada divisão colocava entraves à população polaca. Os “ocupantes” tentam moldar o povo à sua imagem e a todos os níveis, como por exemplo: na língua, na cultura ou nos hábitos e costumes. Mas será que isso era realmente possível? Não. À medida que o tempo avançava, e agora referindo-nos ainda a toda a Europa centro-oriental, vemos que apesar das adversidades, os movimentos nacionalistas se vão portando cada vez mais fortes. Os povos não desistiam de lutar por aquilo que consideram ser o seu. A aspiração à liberdade permanece em todos os momentos perante a repressão e, na realidade e por exemplo no que concerne à Polónia, «em vez de ocorrer uma desintegração nas suas partes componentes, a nação polaca sobreviverá, ainda que de algum modo transformada»<sup>7</sup>. Neste sentido, e aquando da Primeira Guerra Mundial, o fator nacional será deveras importante<sup>8</sup>.

### **1.1.1.- A Igreja como primeiro fator de coesão na Polónia ocupada**

Na Polónia, a adesão aos costumes “estrangeiros” nunca foi minimamente fácil. No seio do povo polaco existiu sempre uma «apaixonada e tenaz adesão dos polacos à sua língua e ao seu passado histórico [patente também na] atividade dos emigrantes [na qual era mais firmemente visível] a esperança de voltar a recuperar a sua liberdade e unidade»<sup>9</sup>. Neste seguimento, os atritos existentes entre as potências causadoras da divisão, como a dissolução do Império Russo e a derrota dos Impérios Centrais,

---

<sup>5</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1988, vol. 8, p. 261.

<sup>6</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*. London: William Collins, 2015, p. 247.

<sup>7</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 249.

<sup>8</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 619.

<sup>9</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 261.

funcionavam como pressuposto para o restabelecimento da independência política e social da Polónia.

A população polaca era, em grande parte, analfabeta. O analfabetismo estava presente e era preocupante em especial na zona russa, aquela que, por larga margem, detinha a maior parte da população. Por isto e igualmente pela convergência de outros fatores que são despicientes nomear nesta nossa Dissertação, era necessário haver um fator de coesão que fosse suficientemente forte e que tivesse a capacidade de manter a vontade de restabelecer a independência política do país. Basicamente, era necessário haver alguma realidade capaz de congrega a população em favor deste único objetivo. Este laço de união foi encontrado e representado pela Igreja Católica que se sobrepunha às fronteiras políticas<sup>10</sup>, pois, como nos dizem os livros de História – no caso presente da nossa próxima citação, o extenso manual de Hubert Jedin –, os polacos aliavam «fé na ressurreição de Cristo com a convicção da ressurreição da Polónia»<sup>11</sup>.

Esta importância que a Igreja Católica tinha no espaço polaco, traduz-se na confissão dominante, ou seja, enquanto nos 20 milhões de habitantes que viviam no espaço que será a Polónia os católicos estavam em maioria, na Ucrânia, por exemplo, com os seus cerca de 25 a 30 milhões de pessoas, a confissão dominante já era a ortodoxa<sup>12</sup>. «Na população cristã a Igreja tradicional, estabelecida pelos séculos, manteve em toda a parte uma base sólida. Sobretudo no mundo rural dominava um surto de sincretismo entre cristianismo e magia “cristã”, entre cristianismo “folclórico” e “folclore cristianizado”»<sup>13</sup>. Portanto, nesta época, o objetivo passa por manter aquilo que estava bem, aquilo que poderia facilitar e/ou melhorar a situação da Igreja e própria situação social. Dentro dos objetivos encontramos nomeadamente o «esforço por manter a língua materna na catequese, no canto, na pregação»<sup>14</sup>.

Encontro-nos em finais do século XIX, inícios do século XX e deparamo-nos com um estereótipo tremendamente presente e solidamente vincado: polaco-católico; russo-ortodoxo; prussiano- luterano. No seio dos ocupantes, apenas o Império Austríaco representava uma tradição de absolutismo católico que, não obstante os problemas, se manteve presente.

---

<sup>10</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 261-262.

<sup>11</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 262.

<sup>12</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 621.

<sup>13</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 621.

<sup>14</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 622.

## 1.2.- As “três zonas” polacas

«A situação da Igreja Católica polaca tornou-se no último decénio do século XIX particularmente difícil na zona russa e prussiana»<sup>15</sup>. Vamos, a seguir e de um modo assaz breve devido ao que é a finalidade derradeira desta nossa Dissertação – apresentar a vida e, especialmente, o pensamento espiritual de Maximiliano Kolbe na sua relação com a Imaculada –, contextualizar a situação da Igreja Católica no íntimo destes regimes adversos.

### 1.2.1.- O setor russo

Recuando um pouco no tempo para melhor percebermos o contexto, chegamos até 1863-1864, anos em que os polacos levaram a cabo uma insurreição no setor ocupado pelos russos. Esta insurreição, que acabará por falhar, contou com a participação de sacerdotes católicos, o que levou a que fossem tomadas medidas adversas para Igreja. «O elenco de sacerdotes, sobretudo religiosos, condenados pelos russos por haver apoiado a insurreição compreendia 466 nomes, dos quais 30 condenados à morte»<sup>16</sup>. Após o falhanço de tal revolta,

«o governador geral do governo [russo] ocidental pôs em prática um regime draconiano com represálias contra bispos e sacerdotes, que continuaram nos decénios seguintes, com o encerramento de conventos, a dissolução da diocese de Chelm, a vigilância da cura de almas e medidas para a introdução da língua russa dentro da Igreja»<sup>17</sup>.

Os sacerdotes católicos que se mantiveram inamovíveis contra tais medidas,

«eram flagelados ou deportados coercivamente para remotas zonas da Sibéria e os camponeses que haviam apoiado e escondido aqueles passaram a viver aterrorizados, o que alimentou uma melhor estruturada rede de apoio clandestina que, levando a uma resistência mais visível para as autoridades, acabou por conduzir a uma diminuição das tensões que abriu as portas a negociações entre o Papado e o regime dos Czares»<sup>18</sup>.

Foi no mencionado contexto que Leão XIII, Papa entre 1878 e 1903, entra em negociações diretas com o czar Alexandre II, Alexandre III e Nicolau II, a fim de aliviar a situação dos polacos. Todavia, esta tentativa de negociação não surtiu os efeitos esperados, pois os czares temiam pelos seus interesses. Ainda assim, o Papa, exorta os

---

<sup>15</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 623.

<sup>16</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 624.

<sup>17</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 262.

<sup>18</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 273.

bispos polacos para que contribuam para «a concórdia mútua e para a harmonia amistosa entre o poder espiritual e o poder secular. As exortações aos polacos a obedecer às leis e a mostrar-se fiéis ao czar da Rússia (...) contribuiram certamente muito pouco para a distensão»<sup>19</sup>.

Aos poucos, as leis adversas à Igreja aumentavam e os problemas multiplicavam-se. Em primeiro lugar a língua. O governo russo pretendia que a religião fosse ensinada em russo. Ora, a Igreja Católica não aceita essa medida e, como tal, os ortodoxos foram tomando o seu lugar, pois estes, aceitavam ensinar na língua que o governo requeria. O mesmo acontece nas escolas, nas quais, mais uma vez, se exige o russo. As escolas católicas não aceitam seguir esse caminho e chegam a ser criadas escolas secretas<sup>20</sup>. Estas escolas são, no nosso entender, importantes, na medida em que através da recusa à realização do exame em russo, “obrigam” o czar Nicolau II a conceder manifestos de tolerância em abril e outubro de 1905.

Como é de esperar, os manifestos de tolerância foram acolhidos com grande alegria e entusiasmo, pois parecia garantido o livre desenvolvimento da vida eclesial polaca no setor russo. Entre outros, a partir do manifesto, puderam ser inclusive eliminadas as tensões que haviam surgido ao redor da aceitação do idioma polaco.

Pio X, Papa entre 1903 e 1914, dirigiu-se aos bispos polacos em 1905, elogiando a sua fidelidade à Santa Sé e invitando-os a trabalhar em prol da paz, da justiça e da educação cristã<sup>21</sup>. As boas relações a que assistimos neste período dão lugar a uma convenção assinada em Roma dia 22 de julho de 1907. Testemunhamos, por isso, uma melhoria refletida no «número de comunidades de religiosos e religiosas, que nos últimos anos tinha diminuído rapidamente e só no final do século XIX tinha experimentado um certo aumento. Surgiram centros de caridade e de atividades sociais»<sup>22</sup>. Basicamente, podemos dizer que a Igreja podia agora respirar de uma nova forma, com margem para progredir nos campos a que se sentia chamada a ser, estar e agir.

A tolerância fez com que muitos fiéis regressassem ao Catolicismo Romano. Quem não via esta situação com bons olhos eram os ortodoxos, e não nos devemos

---

<sup>19</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 262.

<sup>20</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 263.

<sup>21</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA: PIO X – *Carta aos arcebispos e bispos polacos* [13 de dezembro de 1905]. ASS 38 (1905-1906) 321-328.

<sup>22</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 264.

esquecer que antes da tolerância, no «Império Russo a Igreja Ortodoxa era protegida pelo estado. As outras Igrejas não são toleradas. Era legalmente impossível, para um ortodoxo, tornar-se católico»<sup>23</sup>. Isto levou a que, em 1908 e num congresso ortodoxo, fosse exigida a revogação do antes mencionado édito de tolerância<sup>24</sup>.

A pressão exercida sobre o Catolicismo polaco era cada vez maior, tal como o poeta Zygmunt Krasinski refere numa carta que enviou ao Papa Pio IX citada, em parte, por Adam Zamoyski: «o sistema de ação russo é uma enorme e despiedosa máquina que trabalha dia e noite, esmagando milhares de corações e mentes a cada minuto formando, assim, um formidável e irreconciliável inimigo de toda e qualquer independência espiritual»<sup>25</sup>. Assim, chegou-se ao exílio daqueles que haviam fundado residências para religiosos, como, por exemplo, as congregações dos redentoristas e dos franciscanos – a que pertencerá Maximiliano Kolbe.

Dos religiosos passou-se para o controlo exercido sobre os párocos, as paróquias e as próprias dioceses. Mais: os russos aprovaram movimentos devidamente condenados pelas autoridades romanas, como por exemplo o movimento cismático dos mariavitas, fundados, por inspiração de Maria Franciszka Kozłowska, pelo sacerdote Jan Maria Michal Kowalski no ano de 1906. E isso porque os russos acreditavam que, através do pendor mais supostamente místico do seu carisma, conseguiriam influenciar o próprio Catolicismo Romano.

### **1.2.2.- O setor austríaco**

É indubitável que a situação mais favorável para a Igreja Católica era a vivida no setor austríaco, na assim denominada região da Galiza. Aqui, tal Igreja foi claramente privilegiada, adquirindo uma forte autonomia no seio da monarquia augsburga. Um dos grandes exemplos das facilidades que este setor tinha relativamente aos outros, é a questão da língua, pois, o idioma polaco era ensinado nas escolas, bem como usado nos tribunais e em todos os departamentos civis<sup>26</sup>.

O uso da língua polaca ia permitindo que os polacos tivessem preponderância sobre os outros povos, pois em tal setor é constituído por 45 por cento de polacos

---

<sup>23</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 622.

<sup>24</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 264.

<sup>25</sup> Zygmunt Krasinski citado por ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 256.

<sup>26</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 266.

católicos, 43 por cento de ucranianos ortodoxos, 11 por cento de judeus e 1 por cento de protestantes luteranos. Assim sendo, apesar do número de católicos polacos de rito latino não ser muito diferente do número de ucranianos unidos a Roma, a Igreja «pôde, contudo, estruturar a organização eclesiástica no arcebispado de Lwów com as dioceses sufragâneas de Przemysl e Tarnów, assim como o arcebispado de Cracóvia»<sup>27</sup>. É de referir, neste cenário, que todas as arquidioceses e dioceses tinham uma estreita relação com a Santa Sé.

Um dos aspetos preponderantes neste tipo de situações é a formação. E o sistema de formação polaco possibilitou o desenvolvimento da ciência, da arte e da imprensa. Relativamente à imprensa, é deveras importante a revista mensal “*Przeгляд Powszechny*”, na qual, sendo redigida pelos jesuítas, os católicos se pronunciam sobre o caminho a tomar perante algumas questões dúbias da atualidade. Esta tornar-se-á o órgão principal do catolicismo polaco, mesmo para além da Galiza<sup>28</sup>.

Uma questão marcadamente presente é a questão social – ou não estivéssemos próximos da publicação da Encíclica “*Rerum Novarum*” de Leão XIII. Esta encíclica, exarada a 15 de maio de 1891, fala-nos, entre outros assuntos: da Igreja na sua relação com a questão social; da comunhão; e do papel do magistério. Na linha deste texto, os eclesiásticos polacos desejam colocar em prática as indicações do Santo Padre<sup>29</sup>.

Aliada à questão social está a questão da vida religiosa. Esta ganhou um novo fôlego no setor austríaco. São muitas as ordens antigas que regressam, mas também ordens novas que se fixam no território polaco. Assim temos os jesuítas, os redentoristas, os albertinos e as albertinas, as irmãs de São Miguel Arcanjo ou a Irmandade da Beatíssima Virgem Maria, entre outras.

Posto isto, não se pense que a vida dos polacos no sector austríaco foi um “mar de rosas”. De facto, em consequência da partição da nação polaca em três zonas ter coincido, no que concerne à história do Império Austríaco, às reformas encetadas pelo imperador José II, uma rígida burocracia foi implementada em todas as esferas da vida. Eis uma realidade que feriu, em particular, a mentalidade dos cidadãos polacos, mais habituados a uma maior flexibilidade administrativa que respeitava melhor as suas diversas idiossincrasias<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 266-267.

<sup>28</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 267.

<sup>29</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 268.

<sup>30</sup> Cf. ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 266.

### 1.2.3.- O setor prussiano

Ao contrário do que acontecia no setor austríaco e do mesmo modo do que acontecia no setor russo, a Igreja Católica atravessará dificuldades no seio do setor prussiano. Iam-se acentuando, de facto, «decénio após decénio as diferenças entre o governo protestante e a população católica, especialmente a que fala polaco»<sup>31</sup>. Todavia, um pouco à semelhança do que acontece nos outros dois setores em que a antiga Polónia se vira fracionada,

«a pressão provocou uma feroz resistência, consciente e inteligente, de toda a população, unida em torno do clero, da Igreja e da elite social [católica]. Contra a expectativa de Berlim, um dos resultados vitais do *Kulturkampf* polaco-católico foi um forte crescimento da consciência nacional polaca nas camadas mais amplas da sociedade»<sup>32</sup>.

Em consequência do exposto anteriormente, a consciência nacional dos polacos era cada vez maior à medida que as dificuldades iam aumentando de modo mais ou menos progressivo. De facto, quando o Chanceler prussiano Otto von Bismarck declarou o seu *Kulturkampf* – a guerra aos católicos e às tendências nacionalistas – um mecanismo opressor foi posto em prática. Posto isto, a solidariedade para com a Igreja Católica era enorme e, conseqüentemente, a consciência nacional polaca no âmbito eclesiástico ia apresentando indícios de intensificação, algo que se tornava perceptível a partir do exemplo da estátua de Adam Mickiewicz, poeta polaco, colocada no jardim da igreja de São Martinho de Poznan no ano de 1859<sup>33</sup>.

A década de 70 do século XIX revela-se particularmente difícil. Passamos pela lei do controlo estatal da escola, pela imposição do alemão nas escolas primárias, pela abolição do polaco no ensino médio ou pela inserção do idioma alemão nos negócios e nas corporações. Todas estas medidas tinham, indubitavelmente, repercussões negativas no âmbito eclesiástico<sup>34</sup>.

Os eclesiásticos continuavam a tentar fazer aquilo que sempre tinham feito e, como é óbvio, recorriam à língua polaca para as suas pregações. Daqui geram-se novos e assaz graves problemas: dá-se a prisão de padres, bispos e até do arcebispo Mieczyslaw Halka-Ledóchowski. Fruto destas medidas do *Kulturkampf* «ficaram vacantes 97 paróquias e 200000 católicos viram-se privados de uma cura de almas

---

<sup>31</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 268.

<sup>32</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 624.

<sup>33</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 268

<sup>34</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 269.

regular»<sup>35</sup>. Nesta época tremendamente difícil para a Igreja Católica no setor prussiano, a administração eclesiástica era mantida em segredo por delegados especiais. Todavia, «os católicos polacos (...) retomaram a luta e redobram os seus esforços tendo em vista ao desenvolvimento da sua autonomia social, cultural e eclesiástica»<sup>36</sup>. O “patriotismo” dos polacos é, de facto, algo de admirável: eles não baixam os braços durante todas estas dificuldades, sendo que o Cristianismo é sempre um elo inquebrável de ligação entre os membros constituintes do povo.

De facto, depois da prisão de Mieczyslaw Ledochowski – pai do futuro Superior Geral da Companhia de Jesus, Włodimir Ledóchowski – fruto da sua contestação daquela perseguição aos católicos – algo que fez dele um herói nacional –, os movimentos nacionalistas polacos e a Igreja Católica formam uma frente comum. Diz-nos Adam Zamoyski:

«Os esforços encetados pelas autoridades para descobrirem e prenderem os sacerdotes católicos recalcitrantes passaram a ser bloqueados por grupos de camponeses zangados que os protegem, numa manifestação de uma aliança formidável aliança (...) que teve no empenho dos sacerdotes em ministrarem aulas clandestinas de língua polaca um curioso caminho para, não só a preservação do idioma, mas para passarem a ser vistos com uma aura de santidade»<sup>37</sup>.

Posto isto, relativamente ao número de sacerdotes, vemos, entre outros exemplos que podiam ser para aqui trazidos, que em 1873 eram 813 no arcebispado de Gniezno-Poznan. Durante o *Kulturkampf* baixou até aos 513, no entanto, já em 1910 voltou aos 821. Relativamente à formação sacerdotal, a academia de Lubranski, que havia sido seminário de 1780 a 1896, viu-se obrigado a encerrar as portas e só voltou a abrir em 1889. O mesmo acontece com os conventos e as casas religiosas sediadas no setor prussiano: passam dificuldades, por vezes muito sérias, mas, depois, acabam a florescer novamente<sup>38</sup>.

#### **1.2.4.- Considerações finais acerca dos “três setores” e reflexos na população polaca**

«A diferente evolução política nos três setores polacos fez com que a vida eclesial outorgasse uma configuração interna ao Catolicismo polaco. A notícia sobre a atividade dos prelados e do clero em numerosas paróquias, as realizações das ordens e

---

<sup>35</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 269-270.

<sup>36</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 270.

<sup>37</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 262.

<sup>38</sup> Cf. JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 272.

congregações e os êxitos das associações a diferentes níveis reforçaram a consciência da identidade polaca. A firme adesão à fé católica e ao nacionalismo polaco fundiram-se numa unidade indivisível<sup>39</sup>».

Com tudo aquilo que já vimos até aqui, pensamos que é possível afirmar que os ocupantes nunca conseguiram do povo polaco aquilo que realmente pretendiam. E porquê? Varias respostas poderiam ser dadas, mas todas elas resumir-se-iam, em derradeira análise, a uma: à firmeza na adesão à fé católica e ao forte nacionalismo polaco. Independentemente da situação difícil em que se encontravam, «a sociedade polaca não conhece uma descristianização de massa. O rito e a prática obrigatória eram seguidos por uma maioria avassaladora – cerca de 90 a 95% da população católica»<sup>40</sup>.

A opressão crescente levada a cabo pelo absolutismo ortodoxo russo e pelo protestantismo da Prússia tornou mais fácil a identificação entre a Polónia e o Catolicismo, sobretudo nos espaços rurais. Por sua vez, nas cidades, o confronto do idioma polaco com as outras línguas, culturas e religiões, abriu o caminho para uma firme identificação entre religião e nacionalidade<sup>41</sup>. Em última instância, podemos dizer que a opressão criou nos polacos uma «mentalidade de gueto»<sup>42</sup>.

### 1.3.- A Polónia independente

O dia 5 de novembro de 1918 é um dia genuinamente histórico para a Polónia e o povo polaco em geral, pois é o dia «em que as potências centrais proclamam o Estado soberano polaco que, após o Tratado de Versalhes, recuperava de novo a sua própria identidade, superando assim uma divisão que se havia prolongado durante mais de 100 anos»<sup>43</sup>. Pouco tempo depois um governo provisório é proclamado e o grande herói da resistência durante a Primeira Guerra Mundial,

«[Józef] Pilsudski, é libertado da prisão alemã onde estava recluso e dirige-se para Varsóvia, onde é apoteoticamente recebido por uma multidão e acolhido com apreço notavelmente pelo Príncipe, e político socialista, Zdzislaw Lubomirski e o Arcebispo Aleksander Kakowski. (...) É nessa ocasião que Pilsudski proclama ao mundo que “o estado polaco está a erguer-se graças à vontade de toda a nação»<sup>44</sup>.

---

<sup>39</sup> JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, p. 273.

<sup>40</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 625.

<sup>41</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 625.

<sup>42</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 11, p. 626.

<sup>43</sup> JEDIN, Hubert; REGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1984, vol. 9, p. 170.

<sup>44</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 292.

Ainda assim, é necessário ter em conta que as fronteiras da República da Polónia – saídas daquela extraordinariamente complexa reunião parisiense, com uma tão ou mais complexa história – são o fruto de inúmeros tratados e de longas guerras, mais do que de um processo baseado na atenção à aferição dos locais onde viviam aquelas pessoas que se identificavam como “polacas”. Adam Zamoyski sintetiza isto mesmo quando refere

«que as fronteiras com a Alemanha dependeram quase que inteiramente de acordos com os membros da “*Entente Cordiale*” [França e Grã-Bretanha]” e aqueles dependeram quase de todas as considerações exceto das razões de estado polacas. (...) Já as fronteiras com a Rússia e com o recém-criado estado Checo e Eslovaco dependeram, não em palavras, mas de ações concretas, por vezes bélicas, no terreno»<sup>45</sup>.

### 1.3.1.- O lugar da Igreja na Polónia renovada

Em 1919 inicia-se uma discussão entre, por um lado, a direita política, defensora da Igreja como Igreja do Estado e, por outro lado, a esquerda política, defensora de um regime de separação tendencialmente estrita. No ano de 1921 é assinada uma constituição que definia a confissão católica como aquela que ocupava o posto principal, dado que é aquela que reúne a maior parte da nação. Por sua vez, é garantida a todos os cidadãos a liberdade de consciência e de culto. Mais tarde, «a concordata, prevista no texto da constituição e assinada em 1925, confere uma situação privilegiada à Igreja Católica»<sup>46</sup>, o que, no dizer dos autores da secção dedicada à História da entrada “Polónia” na “*Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*”, «favoreceu a sua vasta atividade: imprensa, editoriais, retiros, obras apostólicas nas paróquias e no próprio estrangeiro»<sup>47</sup>.

No verão de 1919 é nomeado núncio para a Polónia o recém-nomeado bispo Achille Ratti, futuro Pio XI. Este permanecerá na Polónia até 1921 e aí terá boas relações com as autoridades, tanto civis como eclesiásticas<sup>48</sup>. Ora, como a Polónia era um país com uma grande densidade populacional, o grande objetivo do episcopado passa pela reorganização da própria Igreja. Assim iniciam-se as negociações entre

---

<sup>45</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 293.

<sup>46</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo (Religione-Politica-Cultura): Guerre Mondiali e Totalitismi (1914-1958)*. Roma: Borla; Città Nuova, 1997, vol. 12, p. 698.

<sup>47</sup> KARPINSKI, Jerzy; PECÁK, Kazimiers – Polónia: 4) História, in *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Lisboa: Verbo, vol. 15, col. 465.

<sup>48</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 698.

Achille Ratti, os bispos polacos e o governo da República da Polónia, numa tentativa de restauração e reestruturação<sup>49</sup>.

Fruto do antes aduzido esforço, foram criadas nove sedes episcopais<sup>50</sup>, bem como restauradas as dioceses de Lodz e Katowice<sup>51</sup>. Entretanto, com a partida do nuncio para o papado, chega a Katowice o salesiano August Holond, o qual virá a ser deveras importante pelas suas ideias rejuvenescedoras. Entre as iniciativas levadas a cabo, destacamos a criação da Universidade Católica Polaca. Mais além disto, tal salesiano irá ganhar um grande prestígio sobretudo pela forma como coopera com o Estado em favor da independência da Igreja.

Conforme já foi dito, no ano de 1925, quando Pio XI já era o Papa, foi assinada a concordata entre a Santa Sé e a Polónia. O documento tinha como principal objetivo garantir «a plena liberdade da Igreja e deixava a salvo o influxo da Cúria romana na configuração da Igreja da Polónia»<sup>52</sup>. Estava, dessa forma, dado mais um passo para a afirmação e progressiva incrementação da autonomia da Igreja Católica no seio do Estado polaco.

### **1.3.2.- As minorias**

Se nos deixássemos levar por uma análise apressada, poderíamos incorrer no grave lapso de pensarmos que o que se vai mencionar seria improvável, mas, na verdade, é um facto: a Polónia ainda vive um clima um pouco tenso, muito por força das minorias presentes. «Em 1921 há de facto da Polónia 18,6 milhões de polacos, (68,5% da população global) e 8,5 milhões de “minorias” (31,5%)»<sup>53</sup>, ou seja, as minorias acabam por ser uma grande percentagem da população. Isto faz com que, por exemplo, a ideia de uma Polónia Católica, fosse uma ideia bastante perigosa. Um outro problema existente nesta época é o próprio facto da Igreja como elemento de coesão nacional. Isto pode parecer estranho, mas é uma realidade: a questão é que vemos muitos movimentos políticos com “aparências” cristãs, e até vemos os cristãos intensamente inseridos em assuntos políticos, mas isto levou a que se deixasse de ter a capacidade de distinguir

---

<sup>49</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 750.

<sup>50</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 750.

<sup>51</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie (dir.) [et al.] – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 698.

<sup>52</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 750.

<sup>53</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 700.

entre a vertente política e a vertente eclesial, donde o Catolicismo acabou por como que ser instrumentalizado<sup>54</sup>.

Já em 1927, a Polónia conta um total de «27,1 milhões de habitantes, dos quais 20,3 milhões (75 por cento do total) eram católicos (...) 2,8 milhões (10,5 por 100) ortodoxos, outros 2,8 milhões (10,5 por 100) judeus e um milhão (3,8 por 100) de protestantes»<sup>55</sup>. As minorias, também por força da liberdade de consciência e de culto que lhe fora concebida, conseguiram expandir-se, de tal modo que o número de fiéis está sempre a aumentar, similarmente ao que aconteceu com a Igreja Católica. Dois exemplos podem ser avançados: por um lado, os ortodoxos – compostos por ucranianos, bielorrussos e russos – chegam a ter na Universidade de Varsóvia um centro de Teologia Ortodoxa; e, por outro lado, os evangélicos têm também o seu próprio centro de estudos.

### 1.3.3.- O reforço da posição da Igreja Católica polaca

A já mencionada concordata de 1925 veio reforçar a posição da Igreja Católica na Polónia. Havia, é certo, momentos de tensão entre as autoridades civis e as autoridades eclesiásticas, contudo, a Igreja sempre conseguiu desenvolver-se dentro de uma certa amplitude de movimentos que lhe foi sendo permitida de um modo mais ou menos benévolo. Deste jeito, a «Polónia apresentava-se a si mesma como um país declaradamente católico»<sup>56</sup>.

O desenvolvimento crescente da Igreja Católica manifestava-se e passava, essencialmente, pelos seguintes aspetos: «reforma do clero secular; papel crescente das ordens religiosas, renovadas depois da catástrofe precedente; explosão dos vários círculos da *inteligência* católica»<sup>57</sup>, aos quais se deve anexar o incremento da afluência aos seminários e às faculdades de teologia. Por outro lado, influenciada por Pio XI, a Igreja distancia-se das lutas políticas e condena todos os tipos de extremismos, do comunismo aos grupos de extrema-direita.

Pode-se tentar apresentar o reforço da Igreja Católica na Polónia em números e dados concretos. Assim, «de 1918 a 1939, o número de bispos passou de 23 a 51, o de

---

<sup>54</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 701.

<sup>55</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 749.

<sup>56</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 751.

<sup>57</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 705.

sacerdotes diocesanos alcançou os 12940 (com um aumento de 43%), o de sacerdotes regulares 16663 (62%), o de irmãos leigos 4567, o de religiosas chegou a 16820 e o de conventos a 2027»<sup>58</sup>. Através destes dados é possível afirmar que, após a reunião e a reestruturação da Polónia, a Igreja viveu tempos de expansão, tempos frutíferos para a evangelização. Estes tempos ficam ainda marcados: pelos congressos religiosos, pelas peregrinações, pelas organizações e associações católicas, por uma pastoral intensiva, uma imprensa católica organizada, um maior e melhor ensino teológico nos seminários e faculdades de teologia<sup>59</sup>.

## **1.4.- A Igreja Católica e o nazismo**

Antes de falarmos da nova invasão da Polónia pelo exército do Terceiro Reich, é importante falar brevemente das relações entre a Igreja Católica e o nazismo. Com isto em linha de conta, perceberemos melhor a situação da Polónia novamente ocupada.

Nas eleições de 1930 na Alemanha dá-se um brusco crescimento nos apoiantes do partido nazi. Com cerca de 18 por cento dos votos, tal partido passa de 12 para 107 representantes no Parlamento. Assim sendo, à luz da legalidade e das escolhas legitimamente democráticas, as portas abrem-se para a “catástrofe” que estaria para vir. Já nesta altura, uns anos antes do descalabro, a conferência episcopal alemã, ou pelo menos parte desta, demonstra o seu descontentamento, a sua preocupação e, neste sentido e como vemos mais à frente, o cardeal Adolf Bertram «condena o “nacionalismo exagerado” com termos vagos»<sup>60</sup>. No entanto, ficamos com a impressão de que, nesta altura, as opiniões ainda são um pouco dúbias, ou seja, parece que há mesmo quem lhe queira conceder uma espécie de “benefício da dúvida”. E isto, seja por motivos de desejo de pacificação, seja por precaução, seja por outras razões que a História ainda não foi capaz ainda de descortinar.

### **1.4.1.- O regime de Adolf Hitler**

O povo alemão, depois do trauma das penalidades que teve que experienciar após as aplicações das punições decorrentes do Congresso de Versalhes, vive na esperança de

---

<sup>58</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 751.

<sup>59</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 751.

<sup>60</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 559.

um regime forte; um regime centrado no homem. Esta esperança levou a que, com o tempo, a ideia de Adolf Hitler se tornar o máximo dirigente alemão fosse ganhando força. A ilusão era tanta que se tornou uma realidade, quando no dia 30 de janeiro de 1933 Hitler chega ao poder<sup>61</sup>. Apesar das tentativas de resistência do Centro e do Partido Católico, as eleições ditam uma maioria conquistada para um governo democraticamente legitimado e liderado, com aspirações claramente expansionistas, por Adolf Hitler.

Tudo corria de feição ao Partido Nazi e, perante isso e face ao conhecimento que já havia da natureza e magnitude das ambições nazis, o dirigente polaco Josef Beck, que à ocasião era o responsável pela administração e gestão da política externa da República Polaca, considerou gravemente a possibilidade de pedir, à França e à Grã-Bretanha, um ataque militar preventivo à Alemanha que impedisse a concretização de tais pretensões. Informado dessa intenção, através da ampla rede de espionagem germânica já infiltrada em largos âmbitos políticos europeus, Adolf Hitler

«assina [com a Polónia] um pacto de não-agressão que deveria manter-se em vigor por dez anos. (...) Todavia, após a *Anschluss* [ou conexão] com a Áustria [no ano de 1938], tornou-se evidente, por um lado, para a Polónia que aquele pacto não teria grande viabilidade de durar durante mais tempo, e, por outro lado, para os seus aliados ocidentais que não haveria qualquer possibilidade de um auxílio prático à Polónia»<sup>62</sup>.

Mas regressemos novamente à Alemanha, fazendo, igualmente, um breve “voltar de página” para trás do ponto de vista cronológico, face ao dito a respeito do período subsequente à *Anschluss*, pois não é ainda o momento de nos centrarmos no que aconteceu à Polónia. Pois bem, perante a realidade da ascendência do poder de Hitler, o episcopado alemão viu-se diante de um problema: deverá manter a condenação do nazismo?

«Muitos católicos fazem pressão sobre o episcopado para que seja revogada. Só os bispos da província de Colónia, unidos sobre o card. Schulte, são favoráveis a que se mantenha. Já em 28 de março, não sem precipitação, o card. Bertram [tal como já foi mencionado] publica uma declaração da conferência episcopal que, sem revogar a condenação de erros a nível religioso e aduaneiro, não considera necessárias as proibições e advertências anteriores»<sup>63</sup>.

Para compreendermos melhor o que virá a suceder, veremos a seguir quer a mentalidade do povo alemão, quer a opinião do próprio episcopado. Hitler começara por

---

<sup>61</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 560.

<sup>62</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 311-312.

<sup>63</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 561.

agir como um “lobo em pele de cordeiro” – ou seja, aparentemente parece querer satisfazer todas as esperanças do povo alemão –, contudo, os objetivos dele eram bem diferentes. A legitimação do Terceiro Reich alemão vai adquirir uma nova e revigorada feição quando, no dia 20 de julho de 1933, o mesmo logra assinar uma concordata com a Santa Sé. Neste processo é de destacar a figura do vice-chanceler germânico, von Papen, o qual – enquanto representante, mais ou menos abertamente assumido, dos católicos no Regime Nazi – consegue convencer o Reich de que é de extrema importância para o próprio regime assinar tal concordata. Neste sentido, como diz o próprio texto da concordata,

«Sua Santidade o Sumo Pontífice Pio XI e o Presidente do Reich Germânico, concordam no desejo de consolidar e desenvolver as relações de amizade existentes entre a Santa Sé e o Reich germânico, desejando regular as relações entre a Igreja Católica e o Estado em todo o território do Reich germânico de maneira estável e satisfatória para ambas as partes»<sup>64</sup>.

Em condições normais, estaria assim dado o mote para uma eventual boa relação entre a Santa Sé e o Reich alemão. Ao longo dos 32 artigos da concordata, o Regime Nazi concorda com as normas que a Santa Sé lhe propõe, pois, logo no primeiro artigo está escrito que «o Reich germânico garante a liberdade da profissão e do exercício público da religião católica. Reconhece o direito da Igreja Católica, no âmbito das leis gerais em vigor, de regular e administrar livremente seus próprios negócios e de emitir, no campo de sua jurisdição, leis e decretos que obriguem seus membros»<sup>65</sup>. Seguidamente, ao longo do texto, há outros artigos que estimamos serem importantes: no terceiro, fala-se da permanência de um núncio; depois, no quarto, na liberdade para comunicar com os bispos; no quinto, aborda-se a proteção que o estado deve dar ao clero; já no décimo nono, estabelece-se a preservação das faculdades de teologia.

Com esta breve resenha sobre alguns artigos da concordata, ficamos com a ideia de que a Igreja Católica vai poder continuar a sua missão. Mas será que alguém, na ocasião, acreditaria de facto que a concordata iria ser cumprida? Aliás será que alguém acreditaria verdadeiramente na concordata? Seja como for, a realidade é que no breve período durante o qual a concordata esteve em vigor, Adolf Hitler aumentou o seu prestígio entre os católicos alemães<sup>66</sup>.

---

<sup>64</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concordata entre a Santa Sé e o Reich alemão* [20 de julho de 1933]. AAS 25 (1933) 389.

<sup>65</sup> IGREJA CATÓLICA – *Concordata entre a Santa Sé e o Reich alemão*, 390.

<sup>66</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 564.

## 1.4.2.- O eclodir dos problemas

A concordata, quando vista com uma boa distância crítica, não passa de uma boa dose de ilusão. Porquê? Porque o objetivo de Hitler nunca passou pelo favorecimento da Igreja Católica, nem sequer com a sua verdadeira aceitação, mas com uma tentativa de “domesticação” da mesma para se eliminar possíveis focos de rejeição da ideologia nazi que pudessem surgir do âmbito católico. Neste sentido, quando von Papen regressa de Roma já haviam começado a prisão de padres e de leigos, bem como a dissolução de organizações católicas. A partir daqui começam os problemas e as tensões entre o governo alemão e a Santa Sé<sup>67</sup>.

É certo que a concordata permitirá, durante algum tempo, o persistir do existir da Igreja Católica alemã e garantiu, em grande parte do seu território, uma certa liberdade para os seus diversos membros da mesma. A mesma funcionou, pelo menos até ao ano 1938, como uma relativa proteção perante o totalitarismo. Todavia, «a oposição entre o nazismo e a Igreja é fundamental. O antissemitismo racista do nazismo é certamente anticristão»<sup>68</sup>. Face a isto, era inevitável que surgisse o conflito, na medida em que para a Igreja «não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (*Gal. 3,28*). Ou seja; a mensagem confiada à Igreja era radicalmente oposta à veiculada pelos ideólogos e políticos do Terceiro Reich.

### 1.4.2.1- A tomada de posição por parte da Igreja Católica

Perante o incrementar das situações que preocupavam a Igreja Católica – nomeadamente o aumentar das ameaças –, aquela começa a interrogar-se: que fazer? A Igreja corria sempre o risco de ver as suas posições a agravarem a situação. Assim sendo, mesmo dentro do episcopado, vemos duas posições: «protestos públicos e firmeza, ou uma série de pedidos visando obter algumas concessões (...) a maior parte, seguindo o card. Bertram, inclina-se para a segunda fórmula»<sup>69</sup>. Por conseguinte, é possível depreender, deste clima de “respeito”, uma atitude que evidencia aquele que poderá ter sido o receio que a generalidade dos bispos alemães terá tido em dar a conhecer as suas mais verdadeiras convicções.

---

<sup>67</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 562.

<sup>68</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 564.

<sup>69</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 565.

Quem se pronunciará sobre o assunto será Pio XI, através de uma Encíclica sobre a situação da Igreja Católica no Reich Alemão. Por ser de extrema importância, a versão oficial do documento é redigida em alemão – algo que ocorre pela primeira vez na história da Igreja<sup>70</sup>. Não há dúvidas quanto a quem se dirige a encíclica, contudo, na mesma nunca vem mencionado o nome de Hitler. Ainda assim, a autoridade nazi proibirá a difusão da mesma dentro de um cenário em que já se intensificava a propaganda antirreligiosa, particularmente com a supressão de organizações religiosas e até da escola confessional.

Note-se que Pio XI decide publicar a aludida Encíclica – de título “*Mit Brennender Sorge*” (“*Com grande preocupação*”) –, pois, «com grande preocupação e com assombro crescente vimos observando, há muito tempo, a via dolorosa da Igreja e a opressão progressivamente agudizada contra os fiéis, de um e outro sexo, que permaneceram devotos no espírito e nas obras»<sup>71</sup>. No decorrer da Encíclica, nota-se a preocupação do papado em querer deixar bem explícito que a Santa Sé não tem qualquer responsabilidade naquilo que está a acontecer, pois, a própria concordata assinada em 1933, tinha apenas como objetivo o ajudar os fiéis, na medida do maximamente exequível. Contudo, os pactos, apesar de assinados, não foram cumpridos<sup>72</sup>.

Não obstante o facto que apontámos no final do parágrafo anterior, o facto é que viveu-se um certo tempo de interregno; um tempo no qual o papado não se pronuncia sobre a situação. E Pio XI explica-nos o motivo:

«A moderação que, apesar de tudo isto, demonstramos até agora não foi sugerida por cálculos de interesses terrenos, nem muito menos por debilidade, mas simplesmente pela vontade de não arrancar, junto da fraqueza, alguma planta boa; pela decisão de não pronunciar publicamente um juízo enquanto os ânimos não estivessem propriamente dispostos para compreenderem a sua inevitável necessidade; pela decisão de não negar definitivamente a fidelidade de outros à palavra dada, antes que a irrefutável linguagem da realidade arrancasse os véus através dos quais se soube e se pretende ainda agora disfarçar, conforme um plano preestabelecido, o ataque contra a Igreja»<sup>73</sup>.

A partir desta citação percebemos os motivos pelos quais o papado, segundo a opinião manifesta de Pio XI, não se manifestou anteriormente adverso ao nazismo. No

---

<sup>70</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 567.

<sup>71</sup> IGREJA CATÓLICA: Pio XI – *Mit Brennender Sorge* [Carta Encíclica de 14 de março de 1937], prólogo. *AAS* 29 (1937) 168.

<sup>72</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA: Pio XI – *Mit Brennender Sorge*: n.º 1, 168-171.

<sup>73</sup> IGREJA CATÓLICA: Pio XI – *Mit Brennender Sorge*: n.º 1, 170.

entanto, ficamos com a ideia de que a principal razão era a proteção do povo cristão alemão.

Relativamente ao documento papal que tem estado a ser por nós considerado, podemos ainda afirmar que condena as tendências panteístas, a divinização da raça e o culto do Reich. Em sentido contrário, exorta à permanência na verdadeira fé, insiste no primado do bispo de Roma, no cuidado com o (ab)uso dos termos católicos, no direito natural para se viver e expressar a fé, na preocupação com a educação dos jovens ou nos problemas que podem advir de todas as formas de uso manipulador da imprensa e da rádio como forma de condicionamento da consciência das populações.

### **1.4.3.- A Propaganda antirreligiosa**

A encíclica “*Mit Brennender Sorge*” não foi bem acolhida no seio do governo alemão. Foi até recebida com alguma surpresa, visto que até ali nunca a Santa Sé se havia manifestado sobre a situação. Neste sentido, ao sentir-se de algum modo questionado, o Regime Nazi começa uma «campanha de propaganda religiosa levada a cabo por Goebbles e Rosenberg»<sup>74</sup>. Pouco tempo depois, também por força da entrada na Segunda Guerra Mundial, dá-se a supressão das organizações católicas e das escolas confessionais, especialmente as católicas, fossem estas as académicas, ou aquelas que podemos denominar de catequéticas.

No momento da entrada neste conflito, «Hitler anuncia a proibição de todas as medidas antirreligiosas. Mas a trégua dura apenas até à vitória sobre a França»<sup>75</sup>, tendo a opressão regressado e regressado em força: dá-se a confiscação dos edifícios e das propriedades religiosas, a supressão de conventos e mosteiros, a proibição de peregrinações públicas, a proibição das publicações impressas ligadas à Igreja, tudo isto sob a justificação do estado de guerra que o país estava a atravessar<sup>76</sup>. Ainda que, por vezes, pareça surgir alguma forma de “luz ao fundo do túnel” através de medidas pró-Igreja, o desfecho foi quase sempre favorável aos nazis.

Os ideais de Hitler ganhavam cada vez mais força. No dia 1 de setembro de 1939 são aprovadas as medidas em favor da eutanásia – que abriu as portas a diversas formas de eugenismo –, ao mesmo tempo que se acentuava a política anti-semita. Recordemos,

---

<sup>74</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 567.

<sup>75</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 567.

<sup>76</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 567.

por exemplo, que, por esta altura, apenas os cidadãos de (suposta) origem ariana poderiam exercer cargos na função pública, ao passo que os judeus eram considerados cidadãos de segunda classe<sup>77</sup>. Já no outono de 1941 tem início a deportação dos judeus para os campos de concentração entretanto instalados em territórios polacos.

Apesar de tudo, «na sociedade alemã a Igreja Católica é um grupo muito importante que conserva a própria instituição e o próprio sistema de valores. Por isso o nazismo vê na Igreja um grande obstáculo à própria ambição totalitária»<sup>78</sup>. Independentemente das pressões do Regime Nazi face à Igreja, os católicos alemães aumentam a frequência da sua participação nas cerimónias – nomeadamente a prática dominical – e não têm receio em afirmar que são cristãos, ainda que, a partir de 1939, com o estalar da Guerra, a situação se tenha inevitavelmente alterado, em particular com o surgir de alterações relacionadas com os jovens – destinatários privilegiados das campanhas de recrutamento militar obrigatório<sup>79</sup>.

## 1.5.- A Polónia novamente ocupada

Em outubro de 1938 os militares alemães ocupam, sem grande resistência não obstante embora tenham tido que remover do poder os que se lhes opunham, a zona dos Sudetas – região localizada no noroeste da antiga Checoslováquia – e, face a isso,

«os polacos reocuparam a Zaolzie (a parte da área da Cieszyn que os checos haviam anexado em 1918) numa medida, em parte, de demonstração de força, e, em parte, de posição estratégica para fortalecer o flanco meridional da Polónia face a um eventual ataque alemão. (...) Todavia esta ação nada mais logrou, na prática, do que criar a impressão de que a Polónia era um agressor apenas um pouco menos grave do que a Alemanha ou a Itália»<sup>80</sup>.

Após quase um ano de uma paz tensa, no dia 1 de setembro de 1939, a Polónia é mesmo atacada pelo III Reich alemão. Dezassete dias volvidos, a nação polaca sofre também um ataque da União Soviética<sup>81</sup>. Tem assim início a Segunda Guerra Mundial, que terá efeitos espirituais e materiais catastróficos para toda a população. Assim tem início uma nova divisão da Polónia, desta feita entre a Alemanha e a Rússia, «fruto do

---

<sup>77</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 568.

<sup>78</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 570.

<sup>79</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 571.

<sup>80</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 312.

<sup>81</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 751.

pacto de não-agressão assinado poucos dias antes pelos representantes de Hitler e Estaline»<sup>82</sup>.

Com a reestruturação, após a divisão da Polónia entre as esferas de presença germânica e soviética em consequência do mencionado pacto, a Polónia e o povo polaco conheceram novos dias. Foram tempos difíceis a nível económico e social, mas isso não impediu que fossem, simultaneamente, ocasiões de florescimento no campo da cultura, das ciências e das artes. Infortunadamente, o período de renascimento foi breve, pois, «nem o nazismo hitleriano nem o regime estalinista viam com bons olhos a ressurreição da nação polaca»<sup>83</sup>. De facto, o mencionado pacto “Molotov–Ribbentrop”, mais do que visar, a curto prazo, uma paz entre aqueles dois estados, tinha em vista, a longo prazo e na eventualidade do início daquele conflito – que já vimos que iria mesmo ocorrer –, «um esforço sustentado por parte da Alemanha e da Rússia para destruírem não só o Estado polaco, mas igualmente a própria nação polaca»<sup>84</sup>.

### **1.5.1.- A divisão da Polónia**

Como já dissemos anteriormente, ainda que somente de passagem, deu-se uma nova divisão da Polónia após o findar da resistência polaca em fins de setembro de 1939. A parte ocidental, com cerca de 16,9 milhões de católicos, ficou sob o domínio do Reich alemão. Por sua vez, a parte oriental foi anexada pela União Soviética. Ora, tanto num lado como no outro os problemas serão virtualmente ilimitados para o Catolicismo polaco<sup>85</sup>, sendo que «a resposta dos polacos ao programa de destruição total é a da resistência total»<sup>86</sup>; ou seja e por outras palavras talvez mais prosaicas, os polacos nunca baixam os braços na hora de defender os interesses do seu país e a possibilidade da vivência da sua fé.

Ora bem, no território ocupado pelos nazis – que é o que mais nos interessa tendo em consideração a finalidade desta Dissertação –, a Igreja Católica viu-se privada da sua liberdade. Em última instância, podemos dizer que funcionava quase de forma ilegal. Não havia por onde fugir, pois «uma grande parte dos bispos e sacerdotes foram presos

---

<sup>82</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe: Mártir de la caridad*. Madrid: BAC, 2009, p. 6.

<sup>83</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe: Mártir de la caridad*, p. 6.

<sup>84</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 313.

<sup>85</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 751-752.

<sup>86</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 712.

e transportados para campos de concentração, todas as associações e organizações foram proibidas e o culto acabou limitado à sua mínima expressão»<sup>87</sup>. Assim, no final do ano de 1939, já temos cerca de 97 por cento dos lugares de culto encerrados e 90 por cento dos eclesiásticos presos ou, mais grave ainda, condenados à morte, muitas das vezes sem qualquer acusação formal<sup>88</sup>. Também isto revela uma realidade que não pode ser ignorada, se se desejar compreender retamente o mais abrangente cenário vigente nos territórios onde o Regime Nazi detinha o controlo: a Santa Sé, por muito que deveras quisesse e tenha tentado fazer algo a esse respeito, não lograva prestar ajuda a esta tão imensamente perseguida Igreja.

Todas as comunidades católicas conhecem o mesmo destino: a perseguição – e isto em contraste com a hierarquia da Igreja Ortodoxa que vai tentando colaborar cada vez mais com os ocupantes, de modo a procurar afastar eventuais consequências nocivas de uma oposição e, por outro lado, alcançar obter eventuais benefícios para si. Não obstante as perseguições, a Igreja Católica vai reforçando, mais uma vez, o seu prestígio. No meio da adversidade, que em geral «visava decapitar a sociedade polaca e constituir uma força de trabalho complacente e sem líderes»<sup>89</sup>, a Igreja empenha-se: na atividade social, no ensino, nos movimentos juvenis e na formação dada no Seminário Maior. Tudo era feito com o máximo cuidado, pois, o mais pequeno “passo em falso” poderia ser punido com a morte. É de salientar também a caridade praticada pelos religiosos e a união entre judeus e cristãos nas horas de adversidade<sup>90</sup>.

É importante salientarmos ainda algumas figuras importantes durante este contexto geográfico e cronológico. Perante a ausência do cardeal August Hlond, que não tinha possibilidade de regressar à pátria, «o prestígio da Igreja incarna na pessoa do arcebispo de Cracóvia Adam Stefan Sapieha, celebre pela sua intransigência»<sup>91</sup>, ou seja, alguém que se caracteriza pela sua rigidez quando se trata de defender os interesses da Igreja Católica e o destino dos fiéis. Salientamos também o bispo de Lvów, Andrey Szeptycky, que, juntamente com Sapieha, participou de modo íntimo nos, e dos sofrimentos do povo polaco.

---

<sup>87</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 752.

<sup>88</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 712.

<sup>89</sup> ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 317.

<sup>90</sup> Cf. MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 713; ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 322.

<sup>91</sup> MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.) – *Storia del Cristianesimo*, vol. 12, p. 713.

### 1.5.2.- Pio XII perante a II Guerra Mundial

Durante o período em que Pio XII liderou a Igreja, entre 1939 e 1958, a Santa Sé aumentou o seu prestígio, quer no seio dos protestantes, quer no que a liberais diz respeito. Este facto deve-se, sobretudo, às qualidades de estadista do papa perante a Segunda Guerra Mundial. A política exterior do Sumo Pontífice perante a guerra pode resumir-se em três pontos: «neutralidade; iniciativas em favor da paz; e ajudas de carácter humanitário. A tudo isto é adicionado um quarto elemento de cariz problemático, o do seu “silêncio”»<sup>92</sup>.

Relativamente à neutralidade afirma-se, num primeiro momento, que é fruto da própria personalidade de Pio XII, um diplomata, um homem de paz; por outro lado, falamos nos pactos lateranenses, através dos quais a Santa Sé se via afastada dos problemas estritamente políticos<sup>93</sup>. Dito isto, observe-se que ao invés do termo “neutralidade”, que pode relacionar-se com uma indiferença passiva, o Papa prefere utilizar o termo “imparcialidade”, o qual abarca uma maior valorização da verdade e da justiça. Por outro lado, a Igreja, entendendo-se a si mesma e já desde o período patrístico como “mãe”, estava persuadida de que não devia tomar partido quando se trata de matérias terrenas, pois assim, não corre o risco de preferir, nem de desvalorizar, nenhum dos seus filhos<sup>94</sup>.

Passando para as iniciativas em favor da paz, podemos, em traços muito gerais, dividi-las em dois grupos: as relacionadas com a “doutrina” e as mais diretamente vinculadas com o que podemos denominar de “política prática”. No dia 24 de agosto de 1939, numa radiomensagem aos governantes e aos povos que se tornará um esteio das suas subsequentes intervenções, Pio XII diz:

«Aos primeiros para que, depostas as acusações, as ameaças, as causas da recíproca desconfiança, tentem resolver as atuais divergências com o único meio adequado, isto é, com comuns e leais acordos; aos povos: para que, na calma e na serenidade, sem agitações desordenadas, encorajem as tentativas pacíficas de quem os governa»<sup>95</sup>.

É de realçar que Pio XII, faz questão de relembrar a paz em grande parte das suas mensagens, todavia, ele não apela «a uma paz qualquer, mas sim a uma paz justa e

---

<sup>92</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 133.

<sup>93</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 134.

<sup>94</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 134.

<sup>95</sup> IGREJA CATÓLICA: PIO XII – *Radiomensagem aos governantes e aos povos no iminente perigo de guerra* [24 de agosto de 1939]. *AAS* 31 (1939) 334.

duradoura»<sup>96</sup>. Para que esta paz fosse possível, era necessário também apelar aos Estados, no sentido de garantir para todo o povo a segurança, a sobrevivência e o respeito pela dignidade da pessoa humana.

Relativamente às ajudas humanitárias pontificias, encontramos uma situação muito parecida com aquela que a Santa Sé vivenciou na Primeira Guerra Mundial, ou seja, o problema não estava relacionado com *o que* fazer, mas sim com o *como* fazer. Havia, de facto, muito a fazer, contudo as atrocidades eram tantas que se tornou difícil prestar um verdadeiro auxílio. Ainda assim, a vontade de ajudar nunca faltou<sup>97</sup>.

À semelhança do que havia sucedido na anterior Guerra Mundial, a Santa Sé assume a tarefa de procurar pessoas desaparecidas e de dar notícias às famílias daqueles que se encontravam presos ou feridos. Não é uma missão fácil, acima de tudo porque a Alemanha e a Rússia haviam negado qualquer ajuda a esse processo. Assim sendo, as atividades do Vaticano cingiam-se, em grande parte, à caridade. Uma caridade prestada a todos e a qualquer um, mas, principalmente, àqueles que, por altura da Guerra, eram considerados de “segunda categoria”<sup>98</sup>. No meio da adversidade Pio XII «exorta a não desesperar nunca», apesar de uma «humanidade que não cessa de dilacerar-se numa guerra de extermínio»<sup>99</sup>.

No decorrer da guerra há um país que vive uma situação especial: a Polónia, justamente aquele que mais nos interessa para a nossa Dissertação. O cenário, quer nas regiões ocupadas pela Alemanha, quer nas regiões russas, é calamitoso. Por muito esforço que fizesse, o Vaticano não conseguia ajudar os polacos de maneira nenhuma, pois qualquer tentativa era boicotada<sup>100</sup>.

Por último, devemos falar do assim denominado “silêncio de Pio XII”. Sobre este tema desencadearam-se grandes debates, tentando perceber qual o objetivo de Pio XII com este «silêncio perante a aniquilação de milhões de judeus»<sup>101</sup>. Deve-se ter em atenta consideração que este silêncio funciona, antes de mais, tendo em vista uma ajuda, pois, a missão que o Papa ocupa, implica um cuidado extremo nas palavras que proferia. Neste sentido,

---

<sup>96</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 140.

<sup>97</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 147.

<sup>98</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 148.

<sup>99</sup> IGREJA CATÓLICA: PIO XII – *Radiomensagem sobre as bases da ordem nova* [24 de dezembro de 1941]. *AAS* (1942) 11.

<sup>100</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 150.

<sup>101</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 152.

«o Papa e seus colaboradores estavam plenamente convencidos de que um protesto inflamado pontificio não só não colocaria fim às ações assassinas, como aumentaria o seu ritmo e suas dimensões, e ao mesmo tempo, arruinaria as possibilidades de influência diplomática que ainda lhes restava, em favor dos judeus de alguns estados, como Roménia ou Hungria»<sup>102</sup>.

Assim sendo e procurando-nos colocar numa perspetiva desprovida de preconceitos negativos, pode compreender-se com alguma facilidade o comportamento do Sumo Pontífice, tendo em conta que a crítica profunda certamente não resolveria os problemas existentes – e, porventura, até os poderia aumentar – e, por outro lado, colocaria em causa a pouca influência que a Santa Sé ainda e/ou já tinha junto de alguns países.

Se assim é e como confirmamos, o objetivo do “silêncio” passa, primeiramente, pelo não agravar a situação, tal como acontecera com Pio XI aquando da publicação da Encíclica “*Mit Brennender Sorge*”. Por outro lado, há sempre a consciência de que a intensificação de uma posição adversa por parte do Papa, poderia ter consequências muito graves, não só para os católicos e a Igreja, para também para os próprios judeus. Por conseguinte, o que comumente se denomina de “silêncio” papal pode ser compreendido, sem receio de estarmos a errar, como um meio eficaz para salvar e ajudar o maior número de pessoas<sup>103</sup>.

### **1.5.3.- Consequências da II Guerra Mundial na Polónia e na Igreja Católica polaca**

Na linha do apresentado precedentemente, é importante, agora, focar-nos nos efeitos mais patentes do conflito bélico, suscitado pelo Terceiro Reich, na Polónia e na Igreja existente nesse país. Não sabemos ao certo, mas estima-se que cerca de 5 milhões de polacos tenham morrido nos “campos de extermínio” alemães. Isto é, mais de 20 por cento da população. Um número genuinamente tremendo, pois equivale – nada mais, nada menos – a um em cada cinco cidadãos.

Tal como ainda se pode ver na entrada do “campo de concentração” edificado na povoação de Oswiecim – renomeada, aquando do início da ocupação alemã da Polónia, para o nome que a celebrizará: Auschwitz –, na entrada dos “campos de extermínio” estava escrito o lema “*Arbeit Macht Frei*”. Este *slogan* é uma expressão alemã que,

---

<sup>102</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 154.

<sup>103</sup> Cf. JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 156.

provinda do título de uma novela alemã escrita no século XIX por Lorenz Diefenbach<sup>104</sup> e entretanto muito celebrizada entre todos os estratos sociais alemães, significa algo como “O trabalho liberta”. Com tais palavras, os nazis pretendiam passar a imagem, ambicionada para ser inócua e anódina, de que aqueles que iriam ser enviados para tais “campos”, seriam “apenas” obrigados a trabalhos forçados, tal como era comum – e internacionalmente aceite – em muitos Estados. Todavia, com o passar do tempo, começa-se a reparar que «as vítimas das deportações eram velhos, doentes, mulheres e crianças», logo «o objetivo daquelas medidas não eram [conduzir as pessoas para] “campos de trabalho” (...) mas [para] lugares especiais, expressamente acondicionados para “matar os homens de diferentes formas”»<sup>105</sup>.

Assim sendo, apercebemo-nos que houve um hiato temporal entre o que começou a acontecer e a futura realidade (da aceitação) do reconhecimento de que aqueles que eram deportados para tais “campos”, eram-no para serem assassinados. Com efeito, foi apenas paulatinamente que, através de algumas fontes fiáveis que foram embatendo com obstinação em entorpecidas consciências que muitas das vezes não queriam reconhecer uma tão horrenda realidade, se ficou a saber o que se estava a passar. A saber: que, tal como também ia ocorrendo com outros grupos sociais existentes na Polónia (e não só), os «judeus deportados eram assassinados em câmaras de gás e que os seus cadáveres eram utilizados para fabricar sabão»<sup>106</sup>.

No que à Igreja diz respeito,

«no final da guerra, Polónia tinha que lamentar a morte de quatro bispos, 1996 sacerdotes (entre eles o bem-aventurado Maximiliano Kolbe), 113 religiosos e 238 religiosas. Foram presos nos campos de concentração um total de 3647 sacerdotes seculares, 389 regulares, 341 irmãos e 1117 religiosas»<sup>107</sup>.

Através destes dados, podemos imaginar o estado em que a Guerra deixou a Polónia e a Igreja polaca. No entanto, é importante não esquecer que, em todas as zonas da Polónia ocupada, os polacos sempre mantiveram a sua identidade e em todos os momentos encontraram na Igreja Católica a voz da esperança<sup>108</sup>. Nesta perspetiva, João Paulo II, aquando de uma das suas visitas à sua Polónia natal – que em tanto marcaram o evoluir da história da mesma –, descreve, tendo em consideração também um

---

<sup>104</sup> Cf. ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*, p. 317.

<sup>105</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 154.

<sup>106</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 154-155.

<sup>107</sup> JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, p. 752.

<sup>108</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe: Mártir de la caridad*. p. 5.

horizonte mais amplo do que aquele que nós ponderámos, a mentalidade do povo polaco, dizendo:

«Quando faltaram as estruturas nacionais e estatais, a sociedade, na maior parte católica, encontrou apoio no ordenamento hierárquico da Igreja; e isto ajudou-a a vencer os tempos da divisão do país e da ocupação, ajudou-a a manter, e mesmo a aprofundar, a consciência da própria identidade. Talvez algum estranho julgue esta situação “atípica”; tem, todavia, para os Polacos eloquência inconfundível»<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Discurso à conferência plenária do episcopado polaco em Jasna Góra* [5 de junho de 1979], n.º 2. *AAS* 71 (1979) 789, com tradução para português em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790605\\_polonia-jasna-gora-episcopato.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790605_polonia-jasna-gora-episcopato.html). 16-01-2019 10:30.

## CAPÍTULO 2

### BIOGRAFIA DE MAXIMILIANO KOLBE

Se o contexto histórico em que uma pessoa vive(u) é determinante para se conhecer tal pessoa – e, se esse for o caso, o seu pensamento –, o conhecimento do perfil biográfico de alguém é, de igual modo, radicalmente decisivo para se ser capaz de aproximar, com segurança, aos escritos de um qualquer autor. Na verdade, os traços vitais de um autor marcam, e não podem deixar de marcar – conquanto o que ele escreva seja fruto de uma honestidade pessoal e não de uma ficção autoral –, o que esse aduzido autor escreve. Se isto é assim em geral, é-o de modo particular no que se trata de textos de índole espiritual, porquanto estes tendem a ter muito a ver com a vivência mais íntima de cada uma. É devido ao mencionado, que surge este segundo capítulo do nosso Estudo.

#### 2.1.- A infância

Raimundo Kolbe nasceu no dia 8 de janeiro de 1894, numa povoação que dá pelo nome de Zdunska Wola. Esta povoação com cerca de vinte mil habitantes estava, na ocasião, sujeita ao domínio russo, o que faz com que Raimundo fosse, política e legalmente, um cidadão russo. A sua terra natal caracterizava-se por ser uma terra pobre, na qual grande parte da população trabalhava na tecelagem e, como tal, a vida do ponto de vista económico acabava por ser bastante difícil<sup>110</sup>. Este facto é salientado por vários autores, nomeadamente Maria Winowska, quando esta nos diz que «o operário trabalhava em casa e encontrava-se à mercê dos exploradores. Um casal que trabalhasse com afinco dez horas por dia, mal ganhava para sustentar uma família»<sup>111</sup>.

---

<sup>110</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*. São Paulo: Cidade Nova, 1984, p. 13-14.

<sup>111</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*. 2ª ed. Braga: Edições Lux, 1982, p. 13.

Os seus pais, Júlio Kolbe e Maria Dabrowska, não eram exceção; ou seja, eram também operários da indústria têxtil e, do ponto de vista económico, estavam ao nível dos seus compatriotas. O pai, que muito provavelmente teria ascendências familiares germânicas<sup>112</sup>, era um homem pacato, sem vícios e que frequentava regularmente a igreja. Por sua vez, a mãe, de ascendência polaca, terá sentido o apelo para uma vida religiosa consagrada, no entanto, fruto dos problemas que a sociedade atravessava não lhe foi possível enveredar por essa forma de vida. Fruto daquela sua percepção vocacional há autores, tal como Gino Lubich, que, fazendo leituras provavelmente exageradas, consideram que o casamento dos pais do nosso Autor foi «um casamento que certamente não foi de paixão»<sup>113</sup>. Não obstante, é certo que o casamento entre os dois sempre funcionou cristãmente e ambos o viveram com o máximo da verdade que lhes era possível.

Foi no dia 5 de outubro de 1891 que Júlio e Maria contraíram o sacramento do matrimónio, tendo ela à ocasião 21 anos e ele 20. O objetivo de ambos para o matrimónio sempre foi o mesmo: viverem humildemente até chegarem à perfeição espiritual, pois criam que somente assim poderiam alcançar a salvação. Deste casamento nascem cinco filhos, todavia só sobrevivem três: Francisco, Raimundo e José. Francisco, o mais velho, nasce um ano depois do matrimónio, ou seja em 1892, e, como já referimos anteriormente, Raimundo nasce em 1894.

Ora, com os dois filhos, a casa da família Kolbe em Zdunska Wola começa a tornar-se pequena e Júlio e Maria decidem mudar-se para Pabianice. Nesta localidade, Maria abre uma loja na qual se vendia um pouco de tudo e vai trabalhando também como parteira e enfermeira, ao passo que Júlio arrendará algumas hortas e começa a cultivá-las. Raimundo, que por esta altura está já a completar o ensino primário, ajudava a sua mãe na sua loja, principalmente quando esta se ausentava para realizar outros trabalhos.

Por esta altura, a condição económica da família torna-se mais estável<sup>114</sup> e, com uma vida mais organizada, Júlio sentiu que poderiam ter a possibilidade de enviar pelo menos um dos filhos para a escola, com o desejo de que um dia este pudesse vir a ser sacerdote. A responsabilidade recai sobre Francisco, o mais velho, enquanto Raimundo continuaria a ajudar a mãe na loja. Apesar disso, os pais nunca deixaram de querer que

---

<sup>112</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe: Mártir de la caridad*, p. 10.

<sup>113</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 14.

<sup>114</sup> Cf. LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, 3ª ed. São Paulo: Cidade Nova, 1980, p. 26-27.

os filhos fossem educados cristãmente e, nesse sentido, Raimundo e José, foram confiados ao padre Wladimiro Jakowski que, além dessa educação, lhes foi dando umas lições de latim. E isto, tendo em vista – não só, mas também e nomeadamente – a compreensão e uma atuação mais consciente do que era, por um lado, vivido nas celebrações litúrgicas, e, por outro lado, rezado numa família católica polaca que, tal como ocorria com os fiéis polacos em geral, se identificava profundamente com um conjunto de preces que eram, tantas e tantas vezes, proferidas em latim, justamente devido à sua religião católica<sup>115</sup>.

Raimundo era o mais problemático dos irmãos e, por isso, era o que mais sofria as consequências da mais ríspida educação da mãe. Contudo, seguindo vários autores, um dia tudo mudou, tal como manifestam as próximas palavras, assaz esclarecedoras, de Sergio Lorit:

«Trata-se de um acontecimento que ele sempre manteve, zelosamente em segredo, dentro de si, do qual jamais falou a qualquer dos seus amigos, antes, e dos seus confrades, depois. Um facto que foi revelado somente alguns anos depois da sua morte pela única pessoa que além dele, tinha conhecimento: exatamente Maria Dabrowska»<sup>116</sup>.

Este acontecimento de que nos fala Lorit é o assim denominado “o episódio das coroas”, tal como o define Félix Piñeiro<sup>117</sup>, em que Raimundo terá visionado a Virgem carregando uma coroa branca – que significaria a pureza – e uma coroa vermelha – que significaria o martírio. Raimundo, apesar de, nesse momento, ainda não ser mais do que um jovem, aceitou as duas coroas e daí em diante passou a ser uma pessoa diferente<sup>118</sup>.

Neste momento e conforme vimos, temos Francisco a estudar na escola do comércio e Raimundo a ajudar nas tarefas da sua mãe, indo isto tudo em linha com os planos dos seus pais. Mas os filhos nunca são “dos seus pais” e os planos que estes podem ter para aqueles às vezes não se cumprem. É exatamente isto que acontecerá com a família Kolbe. Na realidade, o farmacêutico de Pabianice, Viktor Kotowski, reconhece as capacidades do jovem Raimundo decide dar-lhe umas lições, para que este pudesse ingressar na escola juntamente com o seu irmão, algo que acabará mesmo por ocorrer<sup>119</sup>. Não é de deixar de mencionar, neste momento, que, segundo o testemunho de alguns dos seus colegas, Raimundo era indubitavelmente aquele que mais

---

<sup>115</sup> Cf. LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 27.

<sup>116</sup> LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 29.

<sup>117</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 12.

<sup>118</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 13.

<sup>119</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 26.

capacidades evidenciava entre os dois irmãos da família Kolbe presentes na antes mencionada escola.

Em 1907, chegam a Pabianice alguns frades menores conventuais que, servindo-se também das suas pregações, aproveitam para fazer um labor de recrutamento de vocações. É em reação a tal labor que «Raimundo sente, desde o primeiro momento, o desejo de responder a tal chamamento»<sup>120</sup>e, por isso, decide falar com os seus pais, para dar a conhecer os ímpetus do seu coração. Apesar de reconhecerem que esse não era o plano que haviam delineado, Julio e Maria não se opõem ao desejo dos seus filhos e é com genuína alegria que dão o seu consentimento.

## **2.2.- A formação no Seminário e em Roma**

Foi nos primeiros dias do mês de outubro de 1907 que Raimundo entra no seminário menor de Lwów, acompanhado do seu irmão Francisco, aos quais se junta, passado algum tempo, o irmão mais novo, José. Esta entrada no seminário dos três filhos suscitará, como é evidente, uma mudança radical na vida da família, pois, os próprios pais decidem consagrar-se a Deus seguindo também eles uma vida religiosa. Assim e num primeiro momento, a mãe, entra para um Mosteiro de beneditinas em Lwów. Posteriormente, muda-se para Cracóvia ingressando numa casa das religiosas de São Félix de Cantalice, na qual irá permanecer até à morte no ano de 1946. Por sua vez, o pai, ingressou no Convento dos franciscanos em Cracóvia. Todavia, uma vez chegado o ano de 1914 e com o desencadeamento da Primeira Guerra Mundial, Júlio decide juntar-se a um grupo de voluntários e lutar pela liberdade da sua pátria, acabando por ser morto pelos russos<sup>121</sup>.

Relativamente aos três irmãos Kolbe, os mesmos tiveram sortes diferentes. O mais velho, seguindo os passos de seu pai, decide abandonar o Convento e tornar-se soldado. Ora, quando regressa da Guerra já não lhe é permitido voltar a entrar para o mesmo, devido a normas internas da própria congregação que em muito o entristeceram e até amarguraram para or esto da vida. Por outro lado, o mais novo, José, falece no decurso do ano de 1930 fruto de uma intervenção cirúrgica que decorreu mal<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 28.

<sup>121</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 14.

<sup>122</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 14-15.

Por sua vez, Raimundo permanece feliz durante os três anos que passa no Seminário Menor, no qual «completa os seus estudos humanísticos e se destaca pelo interesse e aproveitamento nas matemáticas»<sup>123</sup>. Ele sentia-se bem nessa forma de existência e, desse modo, decide solicitar a entrada no noviciado, algo que lhe foi concedido facilmente. Consequentemente, no dia 4 de setembro de 1910, quando tinha dezasseis anos e oito meses, chegara um dos grandes dias da sua vida: o dia da tomada do hábito. Tudo parece estar a correr bem: não há entraves e o jovem seminarista vive conforme aquilo a que se propusera. Nada fazia prever que tivesse uma crise nesta altura; crise esta, que o faz questionar-se se a vida de franciscano conventual seria mesmo a sua vocação. Não obstante, com a ajuda da sua mãe e do Padre Provincial, o nosso Autor decide mesmo pedir o hábito e, assim, entrar no noviciado<sup>124</sup>.

Raimundo, «na tarde de 4 de setembro de 1910, veste o hábito franciscano e muda o seu nome para *Maximiliano*. É um nome que sugere ânsias de grandeza, nome de reis e imperadores, ao qual o seu portador, humilde frade menor conventual, dará honra»<sup>125</sup>. Posto isto, e apesar de ter entrado para o noviciado por vontade própria, nem tudo correu como esperado, tal como nos menciona Lubich:

«Contrariamente ao que se poderia pensar, o ano de noviciado não correu de todo feliz para Maximiliano. Já nos primeiros meses, à medida que tomava contacto com a “*Regra*” e as “*Constituições*” da Ordem e penetrava no espírito que São Francisco exigia dos seus seguidores, mais se sentia invadido por um sentimento de nulidade, de incapacidade, de desolação»<sup>126</sup>.

Ainda assim, Maximiliano Kolbe permanece firme e, passado um ano – mais precisamente no dia 5 de setembro de 1911 –, «realiza a sua profissão religiosa de votos simples em Lwów»<sup>127</sup>. Permanecerá nesta pequena cidade até completar a sua formação humana e religiosa, tendo só depois começado os estudos eclesiásticos em filosofia e a teologia.

Se, inicialmente, Maximiliano começa a frequência de tais estudos na casa do noviciado em Cracóvia, os seus superiores, atendendo às suas reconhecidas capacidades intelectuais, decidem enviá-lo para Roma, a fim de poder estudar na Universidade Gregoriana. Ele acolhe a ordem dos seus superiores e, no dia 29 de outubro de 1912,

---

<sup>123</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 28.

<sup>124</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 29-30.

<sup>125</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 31.

<sup>126</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe*, número 16670, p. 34.

<sup>127</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 31.

chega a Roma. Esta cidade tinha “má fama” e ao pequeno frade já «lhe tinham dito que os costumes da velha cidade deixavam muito a desejar, que às vezes as raparigas romanas se aproximavam dos seminaristas»<sup>128</sup>. Não obstante o ambiente que o rodeia, Maximiliano, durante os sete anos que passa em Roma, não se deixa desviar e dedica-se por inteiro à sua formação espiritual e académica, sendo que, fruto desse duplo empenho, em 1914 Maximiliano faz os seus votos perpétuos – assumindo assim a sua vontade de ser seguidor de Jesus Cristo – e, anos depois, termina o Doutoramento em filosofia<sup>129</sup>.

### **2.3.- A “Milícia da Imaculada”**

Não podemos falar de Maximiliano Kolbe sem falar da “Milícia da Imaculada”. Esta foi a sua obra predileta e, através dela, «quis expressar, já antes de ser sacerdote, o seu amor pela Imaculada e o seu zelo apostólico»<sup>130</sup>. Afora isto, que mais pode ser dito acerca dos motivos pelos quais Maximiliano quis a fundação da “Milícia da Imaculada”? Em resposta, diremos que foi essencialmente por dois fatores: em primeiro, seria como para ser uma proteção para a Igreja perante os sucessivos ataques da maçonaria; em segundo, seria para poder ser um instrumento para fazer face à fragilidade que a Ordem dos Franciscanos Conventuais vivia nos anos em que Maximiliano foi estudante em Roma<sup>131</sup>.

No dia 16 de outubro de 1917, dá-se uma reunião, dentro de uma humilde cela do Colégio Seráfico Internacional, marcada pelas intervenções de um subdiácono; justamente o nosso Autor. Para esta reunião foram convocados seis companheiros: padre José Pedro Pal; frei Quirico Pignalberi; frei Antoni Glowinski; frei Antonio Mansi; frei Enrique Granata; e frei Gerónimo Biasi. Estão assim encontrados os primeiros «cavaleiros da Imaculada»<sup>132</sup>. Nesta primeira reunião ficaram assentes alguns pontos que, desde esse humilde momento, se tornariam significativos para toda a posteridade:

---

<sup>128</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 32.

<sup>129</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 36.

<sup>130</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 38.

<sup>131</sup> Cf. DI MURO, Raffaele – *Storia e Prospettive della Milizia dell’immacolata. Miscellanea Franciscana*, 117 (2017) 240.

<sup>132</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 38-39.

«*Finalidade*: procurar a conversão dos pecadores, dos hereges, dos cismáticos, dos judeus, etc. e especialmente dos maçons; e a santificação de todos sob o patrocínio e por intermédio da Imaculada. *Condições*: 1- Oferecimento total de si mesmo à Imaculada, como instrumento em suas mãos imaculadas. 2- Levar a Medalha Milagrosa. *Meios*: 1- possivelmente uma vez ao dia rezar à Imaculada a jaculatória: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós, e por todos aqueles que a vós não recorrem, principalmente pelos maçons”. 2- Todos os meios legítimos segundo a possibilidade dos diversos estados, condições, ocasiões; isto é recomendado ao zelo e à prudência de cada um; e principalmente a Medalha Milagrosa»<sup>133</sup>.

A Milícia, diz-nos Sérgio Lorit,

«nascida do espírito de São Francisco e orgulhosa destas origens, não se limitaria apenas à Ordem franciscana, e muito menos seria uma confraria de devoção. A Milícia devia ser um movimento, e como tal arrastar as massas e resplandecer sobre todas as Ordens, as Congregações e as Instituições religiosas e sobre todas as obras de ação católica para completar as diferentes vocações e levá-las ao supremo florescer da santidade»<sup>134</sup>.

Os primeiros tempos da “Milícia da Imaculada” não foram fáceis, pois, por um lado, havia a resistência dos superiores, e, por outro, alguns dos companheiros morreram ou ficaram gravemente doentes passado pouco tempo<sup>135</sup>. Face às dificuldades, a atividade da Milícia cingia-se, basicamente, à distribuição de medalhas. Contudo, Maximiliano nunca baixou os braços e aproveitava todos os momentos de silêncio para refletir numa forma para poder vir a desenvolver a “Milícia”. Por isso, o tempo de silêncio acabou por ser benéfico, na medida em que possibilitou um pensamento aprofundado sobre o assunto. Em concreto, dedicaram-se a tentar responder à questão acerca do que é que se deveria exigir aos “cavaleiros da Imaculada”? «De todos os seus eleitos exige-se sempre um *fiat* absoluto, uma docilidade sem reservas, uma obediência heroica»<sup>136</sup>.

Aos poucos, vamos reconhecendo o ideal de vida de Maximiliano Kolbe e, ao mesmo tempo, conseguimos antever o seu amor pelo próximo e, acima de tudo, a entrega total a Deus e à Imaculada. Aquilo que o nosso Autor pede aos outros, o ser-se «heróis da obediência, até ao martírio, se for caso disso»<sup>137</sup>, ele pede-o porque realmente acreditava nisso e, sobretudo, estava disposto a viver as consequências de uma tal sua entrega a esse ideal. Por outras palavras: ele acredita que é possível viver assim e pessoalmente quer viver assim como se fosse um novo David «que se dispõe a

---

<sup>133</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 56.

<sup>134</sup> LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 83-84.

<sup>135</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 40.

<sup>136</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 49.

<sup>137</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 50.

lutar contra todos os Golias da era moderna, que se chamam maçonaria, laicismo, comunismo»<sup>138</sup>.

Raffaele di Muro explica-nos de uma forma muito atilada, e que complementa na perfeição o que já pudemos ir apontando precedentemente ao longo dos parágrafos precedentes, quem é que, para Maximiliano Kolbe, poderia ser o verdadeiro membro da “Milícia da Imaculada”:

«Condição essencial para fazer parte da M.I. é o afeto pela Imaculada. Este é o ato pelo qual o soldado “se abandona” totalmente ao seu amor e à sua proteção. É uma questão de pertencer a Maria sem condições para ela purificar e apoiar o caminho dos crentes, que conseqüentemente, é colocado em posição de realizar uma conversão contínua. Além disso, o conhecimento Dela é cada vez mais perfeito para aprender e viver suas virtudes. Conhecer Maria significa anunciar e testemunhar ao mundo o seu amor para que ele se possa tornar a rainha e Mãe de todos os homens. O carinho que Kolbe tem pela Imaculada Conceição representa o cume de um relacionamento com a Virgem que não é meramente devocional, mas afeta radicalmente a vida espiritual. A associação a Maria é expressa pelo sinal externo representado pela medalha e acima de tudo, por uma dimensão missionária que leva os membros do movimento a realizar a ação pastoral em favor daqueles que se opõem a Igreja e às pessoas que precisam de oração e apoio espiritual»<sup>139</sup>.

Relativamente à obtenção de bênção pontifícia para a “Milícia da Imaculada”, os cavaleiros tinham depositado as suas esperanças no padre Alessandro Basile, visto que ele era o confessor do Papa Bento XV. No entanto, esta bênção tão esperada tardava em chegar, só acabando de ser comunicada por via oral por intermédio de Monsenhor Domenico Jaquet. Perante esta situação, Maximiliano aproveitou um período em que esteve doente, para poder redigir o programa da “Milícia da Imaculada”, a fim de o enviar ao padre Domenico Tavana que era o Vigário Geral da Diocese de Roma, que tem, como sabemos, ao Papa como seu Bispo. Desta vez, a iniciativa correu bem e a bênção chegará mesmo. A partir daqui começa-se a espalhar a palavra acerca, quer da existência da “Milícia da Imaculada”, quer da bênção pontifícia, sendo que, em consequência desse duplo conhecimento, o número de “cavaleiros” constituintes de tal “Milícia” vai-se tornando cada vez maior.

Ao refletirmos sobre a história da “Milícia da Imaculada”, damo-nos facilmente conta de que a mesma não teve uma vida minimamente fácil, todavia, Maximiliano nunca desistiu da sua ideia e do seu ideal, porque, na verdade e como remos verificar mais detalhadamente no derradeiro capítulo deste Trabalho, ele estava consciente e

---

<sup>138</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 41.

<sup>139</sup> DI MURO, Raffaele – *Storia e Prospettive della Milizia dell’immacolata*, 246.

firmemente convicto do facto de que «o caminho mais curto para chegar a Cristo, a “arma de conquista” para fazer Cristo reinar, o meio para Cristo ser dado, é Ela, a Imaculada»<sup>140</sup>.

Na perspetiva de Maximiliano, «é legítimo falar de consagração à Virgem, tendo em conta que esta consagração não é um fim em si mesma, mas um meio para nos consagrarmos mais perfeitamente ao Senhor»<sup>141</sup>. Assim sendo, «o pertencer à Milícia significa uma consagração total ao Reino de Deus, à salvação das almas, por meio de Maria Imaculada»<sup>142</sup>. É importante estarmos bem conscientes destes aspetos, pois, Kolbe era um bom conhecedor de teologia e, como tal, em momento algum ignora a presença e a figura, seja do Deus que salva e santifica, seja de Jesus, único ser que era Deus e Homem e, ao mesmo tempo, o único mediador (inclusivo) entre Deus e a humanidade.

Portanto, seguindo o exemplo do fundador, os membros da “Milícia da Imaculada” devem continuar o ideal começado, tal como lhes disse João Paulo II a 8 de outubro de 1981:

«Exorto-vos, portanto, a viver com sempre mais fervoroso empenho este vosso ideal. Na nossa sociedade, a vossa consagração à Imaculada deve dar testemunhos serenos, confiantes e corajosos. Como o padre Maximiliano sede enamorados e apaixonados da verdade»<sup>143</sup>.

Neste sentido, os “cavaleiros da Imaculada” nunca se poderão esquecer: do testemunho; da oração; do sofrimento; e do trabalho. Sem isto, nada era exequível, com isto, tudo era possível.

Concluindo esta secção do nosso Estudo, podemos dizer que, à imagem do próprio Kolbe e tal como este mesmo refere, a

«M.I. tem um projeto simples e eficaz, mas muito ambicioso: perseguir a santidade de todos! Isto só é possível através da oração, do trabalho e oferecendo o propósito de promover maior fervor nos crentes em Cristo, envolvidos no testemunho e na evangelização. Isso significa promover a possibilidade de uma caminhada espiritual no Senhor, sob a custódia da Imaculada»<sup>144</sup>.

---

<sup>140</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 40.

<sup>141</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 159.

<sup>142</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Discurso aos participantes na assembleia nacional da Milícia da Imaculada* [18 de outubro de 1981], n.º 2. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19811018\\_milizia-immacolata.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/october/documents/hf_jp-ii_spe_19811018_milizia-immacolata.html). 21-04-2019 23:24.

<sup>143</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Discurso aos participantes na assembleia nacional da milícia da imaculada*, n.º 3.

<sup>144</sup> DI MURO, Raffaele – *Storia e Prospettive della Milizia dell’immacolata*, 257.

## 2.4.- O sacerdote

O ano de 1918 será deveras importante na vida de Maximiliano Kolbe, pois é o ano da sua ordenação sacerdotal. No dia 9 de abril, ele recebe a notícia que iria ser recebido ao sacramento do Sacerdócio e logo no dia 28 do mesmo mês é ordenado na Igreja de Santo André della Valle, numa celebração presidida pelo cardeal Basílio Pompili – à data Vigário Geral da Diocese de Roma<sup>145</sup>. Assim, o padre Maximiliano é ordenado aos 24 anos de idade, apesar de ainda não ter concluído a formação teológica, algo que só virá a acontecer no ano seguinte. Por isso mesmo, «a missa converte-se, durante bastantes meses, na sua principal e quase única ação apostólica»<sup>146</sup>.

No dia a seguir à sua ordenação, Maximiliano celebra o que hoje costumamos denominar, particularmente em Portugal, de “missa nova”; ou seja, preside à sua primeira missa. Esta é celebrada «na igreja e no altar expressamente escolhidos por ele: na Igreja de Santo André delle Fratte, no altar onde, em 1842, Nossa Senhora aparecera ao judeu Afonso de Ratisbona»<sup>147</sup>. Era normal que a intenção desta primeira Eucaristia fosse a sua família ou os seus amigos, no entanto, o padre Maximiliano não é apenas um homem, nem um padre normal. Ele é certamente isso, mas é igualmente muito mais do que isso, e, como tal, oferece a sua primeira missa pela conversão: dos cismáticos; dos maçons; e pela conversão de algumas pessoas em concreto<sup>148</sup>. Dado que evocámos esse tema, podemos ainda enumerar algumas outras intenções pelas quais era costume ele celebrar, como por exemplo: o Papa; o Sagrado Coração de Jesus; e a Imaculada.

Durante os vinte e três anos e quase quatro meses de sacerdócio, o padre Maximiliano fez sempre o registo diário das missas que celebrava. Assim, até 14 de fevereiro de 1941, data do último registo que pôde anotar, temos um total de 7695 missas celebradas. Muitas foram celebradas nos sítios onde ele residiu, mas também em lugares onde estava apenas de passagem, especialmente santuários dedicados à Virgem, tais como Lourdes, Paris ou Cracóvia, sendo que, embora apenas por curiosidade, podemos referir que, dando-se atenção a alguns testemunhos, as suas missas seriam simples e durariam cerca de trinta minutos<sup>149</sup>.

---

<sup>145</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 46-47.

<sup>146</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 49.

<sup>147</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 59-60.

<sup>148</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 248.

<sup>149</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 255-258.

Tudo isto já nos dá uma ideia de que o padre Kolbe tinha plena consciência de que a existência sacerdotal não teria sentido sem a celebração da Eucaristia. Acerca disto mesmo, Félix Ochayta Piñeiro refere: «Maximiliano Kolbe considera o sacerdócio como uma graça, com um sinal da predileção por parte de Deus, como uma forma de participação mais plena no mistério de Cristo Crucificado e nas suas preocupações»<sup>150</sup>. A partir daqui, percebemos que ele é, de facto, um verdadeiro sacerdote, na medida em que não procura os “louros” para si e para o seu trabalho, mas tudo o que faz, faz para maior glória de Deus e para a conversão dos pecadores.

É justamente pelo que acabou de ser dito que Maximiliano, à imagem de São Francisco de Assis, sempre se distinguiu por ser, por um lado, fiel a Deus, e, por outro lado, observante aos seus superiores. Por conseguinte, é perfeitamente perceptível a ligação existente entre a sua vocação religiosa e sacerdotal, visto que «na raiz de ambas e como exigência permanente se encontra a busca da santidade»<sup>151</sup>. É precisamente por unir deste modo a vocação religiosa e a vocação sacerdotal que, independentemente do sítio ou da situação em que se encontra, assumir-se-á como um sacerdote católico que age em conformidade com Cristo Bom Pastor – Aquele que dá a vida pelas Suas ovelhas.

A sua atividade pastoral sacerdotal ainda nos tempos que vivia em Roma não se resumia apenas à celebração da Eucaristia. Há um outro sacramento que o padre Maximiliano celebrava e administrava com grande frequência: o sacramento da Reconciliação. Tal como nos diz Felix Ochayta, «consta que acudiam a ele muitos fiéis do exterior, mas também frades do Convento»<sup>152</sup>. A partir desta afirmação, podemos afirmar que o seu papel de confessor não era apenas importante para a comunidade em que estava inserido, mas também era solicitado pelos fiéis que desejavam confessar os seus pecados a Deus através do nosso Autor. A Reconciliação vai acompanhá-lo ao longo da vida, pois, como ainda veremos, celebrará tal Sacramento mesmo nos “campos de concentração”.

Será que, inclusive apenas perante o que acabámos de mencionar, se pode afirmar que Maximiliano Kolbe foi e é um modelo de sacerdote? Segundo os valiosos testemunhos do Magistério, nomeadamente de Paulo VI e João Paulo II, não há dúvidas

---

<sup>150</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 249.

<sup>151</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 250.

<sup>152</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 266.

de que sim: ele é um modelo e um exemplo a seguir. Vejamos isto mesmo a continuação.

De acordo com Paulo VI, ele é um modelo sacerdotal para os dias do pós-II Concílio do Vaticano, de tal forma que, também para manifestar essa sua convicção, decidiu beatificá-lo precisamente durante um sínodo que tratou, no ano de 1971, do sacerdócio ministerial. Na solene beatificação tal Papa referiu que «a Igreja reconhece nele uma figura excepcional, um homem em quem a graça de Deus e a sua alma se unem de modo a produzir uma bela vida bela»<sup>153</sup>.

Por sua vez, João Paulo II, que fala muitas vezes do seu compatriota, dá-lhe grande relevo, colocando-o ao lado de grandes nomes como São Vicente de Paulo, o Cura d'Ars e São João Bosco, não deixando de salientar alguns aspetos mais relevantes do seu viver sacerdotal, como, por exemplo e tal como menciona com acerto Félix Ochayta Piñeiro, a «sua espiritualidade sacerdotal mariana, o seu sentido da modernidade no uso dos meios de comunicação social, etc.»<sup>154</sup>.

## 2.5.- O regresso à Polónia

O padre Maximiliano passou sete anos em Roma. Agora, já com vinte e cinco anos de idade e com o Doutoramento acabado, está na altura de regressar à Polónia, sendo que no mês de julho de 1919 o mesmo já se encontra na sua terra natal<sup>155</sup>.

A Polónia que padre Maximiliano encontrou era uma Polónia diferente daquela de que havia partido, na medida em que havia acabado de sair de uma guerra em consequência da qual tinha readquirido a independência, mas estando ainda profundamente marcada com as consequências da mesma. Gino Lubich descreve-nos o panorama então vigente afirmando que «as cidades e as vilas em ruínas, as fronteiras orientais novamente ameaçadas, as caixas do Estado vazias, a economia à beira do desastre, os cidadãos empenhados (...) um rigorosíssimo regime de poupança»<sup>156</sup>. Por esta pequena descrição, ficamos claramente com a ideia de que a vida, em tais circunstâncias, não seria nada fácil para os polacos.

---

<sup>153</sup> IGREJA CATÓLICA: PAULO VI – *Homilia na beatificação de Maximiliano Maria Kolbe* [17 de outubro de 1971]. *AAS* 63 (1971) 818.

<sup>154</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 245.

<sup>155</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 72.

<sup>156</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 62.

Ora, se a situação da Polónia era má, o estado de saúde do padre Kolbe não era melhor. O jovem padre sofria de tuberculose. Tinha dificuldades fruto disso? É óbvio que sim. No entanto, nunca deixou de obedecer às ordens dos seus superiores. Assim, face à escassez de padres e religiosos e fruto dos graus académicos que havia obtido com distinção em Roma, no outono de 1919 começa a lecionar História da Igreja no Seminário Franciscano de Cracóvia<sup>157</sup>.

A experiência como professor não correu bem. A doença agravava-se a cada dia que passa e a força da sua voz era cada vez mais fraca, de tal modo que os alunos não percebiam aquilo que ele procurava expor. Deste modo, passados dois meses, os superiores destinam-lhe a missão de ficar responsável pelo confessionário da igreja do Convento onde estava a viver<sup>158</sup>. Contudo, esta sua nova missão não melhora em nada a sua situação, antes acaba por deixar o padre ainda pior, porque, embora falasse mais baixo, acabava por falar ainda mais do que nas aulas.

As suas condições de saúde tornaram-se de tal forma delicadas, que os seus superiores decidem que o melhor é enviá-lo para os sanatórios de Zakopane. Deste modo, ele lá permanecerá do dia 21 de junho de 1920 até 20 de agosto de 1921<sup>159</sup>. Tenha-se em consideração que «os sanatórios de Zakopane eram famosos em toda a Polónia pelo ar anticlerical que lá se respirava e pela ausência absoluta de toda a assistência religiosa imposta pela maioria dos dirigentes leigos daquelas casas de saúde»<sup>160</sup>. Como vemos, não era de todo o melhor ambiente para um jovem padre, ainda por cima para um padre com a vivência espiritual de Maximiliano Kolbe.

O ambiente hostil para com a Igreja vivido no sanatório de Zakopane não foi, contudo, um impedimento para Kolbe, o qual, rapidamente, se apercebe que até ali, no meio da doença e do ambiente anticlerical, é possível evangelizar. Aos poucos, a sua condição vai melhorando e começa a caminhar pelos corredores e apercebe-se que se encontram em Zakopane muitos estudantes e professores; isto é, pessoas com consistente formação intelectual junto das quais poderia promover o diálogo, fossem eles judeus, protestantes ou ateus<sup>161</sup>. Destes seus diálogos, palestras ou conferências, surgiu um considerável número de conversões, quer entre os doentes, quer entre o

---

<sup>157</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 51.

<sup>158</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 65.

<sup>159</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 52.

<sup>160</sup> LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 86.

<sup>161</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 53.

peçoal que laborava no dito hospício, facto esse que levou tais pessoas a abeirarem-se do sacramento da Reconciliação para poderem, assim, receber o sacramento da Eucaristia.

## 2.6.- O “*Cavaleiro da Imaculada*”

Com a sua saída do sanatório de Zakopane, o nosso Autor começa por empenhar-se no “renascimento” da “Milícia da Imaculada”. Sobre isto, Gino Lubich diz-nos que

«a sala italiana do Convento foi novamente a sede de encontros em cadeia de pessoas de todas as idades e camadas sociais. As adesões à “Milícia da Imaculada”, depois da estagnação provocada por sua ausência, cresceram de tal maneira que logo se tornou difícil encontrar na cidade salas capazes de conter a multidão dos associados»<sup>162</sup>.

Terá sido também pelo que acabou de ser referido que o padre Kolbe intuiu algo que se revelaria profundamente importante: o esforço de tentar chegar a todos através da comunicação social, visto que presencialmente era impossível.

Não há qualquer dúvida de que o padre Maximiliano Kolbe era dotado de um pensamento que se ia revelando como estando mais à frente do que aquele que era comum na sua época. A prova disso, é justamente o facto antes apresentado: ele teve e manifestou a consciência, já nos anos vinte do século XX, de que a Igreja necessitava de se servir de meios modernos para poder chegar a toda a gente. Deste modo, para ele tornou-se deveras importante o uso da imprensa e/ou da rádio como meios de evangelização<sup>163</sup>. Será que os demais padres, e particularmente os da sua congregação religiosa, pensavam da mesma forma? Podemos desde já afirmar que quando o nosso Autor começou a patentear tais preocupações, ele era quase que uma voz isolada. Para os seus colegas as ideias do padre Maximiliano não passavam de uma utopia; de um sonho irrealizável.

Todavia, as vicissitudes contextuais adversas que se faziam sentir não foram um obstáculo os intuitos do padre Kolbe, e em janeiro de 1922 é publicado o primeiro número do boletim “*Cavaleiro da Imaculada*”<sup>164</sup>, o qual surge com uma significativa tiragem de cerca de 5000 exemplares (tal como acontecerá com o segundo número). O Padre Provincial do nosso Autor tinha permitido a publicação, mas, no entanto, disse-

---

<sup>162</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 83.

<sup>163</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 56.

<sup>164</sup> No original “*Rycerz Niepokalanej*”.

lhe, desde o início, que não a financiava. O que, para muitos, poderia parecer um obstáculo intransponível, foi vivido pelo padre Maximiliano com uma serenidade corajosa que o levou a não desistir da sua ideia, tendo-se empenhado vigorosamente em diversas estratégias de angariação de fundos para a concretização da mesma, não se coibindo de também pedir esmola<sup>165</sup>. À medida que o tempo ia passando a situação ao redor da publicação do aduzido boletim mariano melhora e o padre Maximiliano decide adquirir uma máquina rudimentar para imprimir o mesmo. Esta permite que ele mesmo faça as impressões, o que ao mesmo tempo as tornaria mais baratas<sup>166</sup>.

## 2.7.- De Cracóvia a Grodno

O Convento de Cracóvia não oferecia as melhores condições para a continuidade da publicação do “*Cavaleiro da Imaculada*”. E isto pelos mais diversos motivos, tais como: a exiguidade do espaço; a resistência de alguns membros da comunidade; e até o simples facto de a azáfama ao redor da edição do mesmo afetar a vida comunitária. Neste sentido, o Padre Provincial informa o padre Maximiliano que se mudará para Grodno, pois aí terá mais e melhores condições. Assim foi e, desde o dia 20 de outubro de 1922, Maximiliano Kolbe passa a residir em tal localidade<sup>167</sup>.

Em Grodno a vida começa por correr bem. Aí o nosso Autor encontra frei Melchior Fordon, o qual o ajudará naquilo que estava ao seu alcance, como colocar à disposição das necessidades decorrentes da publicação da revista editada por padre Kolbe três quartos e alguns frades, para que este estivesse um pouco mais à vontade com o trabalho<sup>168</sup>. Todavia, «o padre Maximiliano vivia como os outros, porque não estava dispensado nem do breviário, nem de nenhuma obrigação conventual»<sup>169</sup>. Assim, apesar de toda a ajuda que os irmãos lhe prestavam, ele teve que passar a articular todas as exigências da vida comunitária com o continuar a ser o diretor e redator do “*Cavaleiro da Imaculada*”, bem como o responsável pelo tratar da correspondência relacionada com o mesmo<sup>170</sup>. Visto que ele era praticamente o único redator, importa-

---

<sup>165</sup> Cf. LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 89.

<sup>166</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 94.

<sup>167</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 58.

<sup>168</sup> Cf. LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 93.

<sup>169</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 98.

<sup>170</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 58.

nos saber como era o “jornalista” Kolbe e, para isso, recorremos a Sergio Lorit que nos diz:

«[O padre Maximiliano] não era um jornalista requintado. Nos seus artigos não transpirava nada dos dois diplomas que tinha conseguido. Todavia, era um jornalista bastante eficaz, extremamente popular. Sabia que os seus leitores, na maior parte, não eram aliterados. Colocava-se então no mesmo plano deles, usava a mesma linguagem e conseguia tratar assuntos apologéticos complicados, do modo mais simples, através de diálogos»<sup>171</sup>.

Destas palavras por nós transcritas, ficamos com a ideia de que o padre Kolbe tem a capacidade de traduzir temas difíceis por palavras fáceis, pois tem consciência de que a grande maioria dos leitores do “*Cavaleiro da Imaculada*” não teria formação suficiente para compreender a linguagem académica que ele havia aprendido em Roma. Dessarte, afirmamos que ele se «adaptava admiravelmente às exigências do povo e tinha um notável dom de clareza»<sup>172</sup>.

Apesar do excesso de trabalho que por vezes apoquentava o nosso Autor, as tiragens da “sua” revista continuam a aumentar: há dinheiro suficiente para ir renovando a maquinaria; há cada vez mais assinantes; os seus correligionários acreditam cada vez mais na viabilidade do “sonho” de Maximiliano. Porém, no final de 1925, a doença volta a manifestar-se e o mesmo terá de regressar ao sanatório de Zakopane<sup>173</sup>. Segundo Maria Winowska esta segunda estadia no sanatório terá sido a mais dura de todas, não só pelo facto de que estava tudo a correr bem a nível da publicação do “*Cavaleiro da Imaculada*”, mas também porque os médicos lhe davam poucas esperanças de melhoria e, até, de poder evitar a morte<sup>174</sup>.

Apesar do nosso Autor se ter necessariamente afastado de uma ação direta no seu projeto, o mesmo não se desmorona: o seu Provincial, frei Ludwik Karwaski, tornara-se um apoiante da obra de Kolbe e, como tal, tomou providências imediatamente: nomeou frei Afonso, irmão de Maximiliano, para Diretor da revista durante o período de tempo indeterminado em que este permaneceria no sanatório<sup>175</sup>: «é certo que o padre Maximiliano não está lá, mas o seu irmão, verdadeira ovelha do Bom Pastor, (...) só tem uma única ambição: imitá-lo em tudo, o que significava ir para a frente, sempre

---

<sup>171</sup> LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 94.

<sup>172</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 101.

<sup>173</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 59.

<sup>174</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 117.

<sup>175</sup> Cf. LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 104.

para a frente!»<sup>176</sup>, com o que tudo o que o “*Cavaleiro da Imaculada*” implicava. Em consequência do bom trabalho desempenhado por frei Afonso e seus colaboradores, os resultados não tardaram a chegar, na medida em que os números daquele boletim passam a chegar aos 60000 exemplares.

Pelo inverno de 1927 e contra quase todas as expectativas, Maximiliano tem alta de Zakopane e volta a Grodno. Ao regressar, apercebe-se de que o Convento se torna, à semelhança do que havia acontecido em Cracóvia, pequeno para tanta gente e para tantas impressões que a “sua” revista requeria. Estava, com efeito e como lucidamente se apercebeu o nosso Autor, na altura de, mais uma vez, ocorrer aquela que se tornará a última e definitiva mudança de instalações para o desenvolvimento da grande obra que o padre Maximiliano deixou à Polónia<sup>177</sup>.

## 2.8.- Niepokalanow

Até ao ano de 1927, a Niepokalanow é completamente desconhecida. O próprio termo não existe. Podemos procurar nos mapas da altura que não encontraremos absolutamente nada sobre este sítio. Contudo, a partir daqui, ganha uma enorme dimensão no panorama religioso da Polónia, e hoje é possível afirmar que é considerado um dos maiores santuários da Polónia, a par do santuário de Jasna Góra localizado em Czestochowa<sup>178</sup>.

Como já foi dito, face aos problemas do Convento de Grodno, Maximiliano apercebera-se de que era necessário mudar de lugar. O espaço que lhe estava destinado para a publicação da revista já não era suficiente atendendo às aspirações do fundador da “*Milícia da Imaculada*”. Ora, a solução passa por «criar uma verdadeira “*Cidade da Imaculada*”, que seja como o motor e o foco que irradie revistas, livros, periódicos, diários (...) para conquistar as almas para Deus através da Imaculada. Começará pela sua pátria, mas com o objetivo de que em todas as nações do Mundo exista uma Niepokalanow»<sup>179</sup>. Deste modo, encontramos o grande objetivo da fundação da Niepokalanow: levar os fiéis até Deus, através dos meios de comunicação social, partindo do modelo de Maria Imaculada.

---

<sup>176</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 117.

<sup>177</sup> Cf. LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 106.

<sup>178</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 61.

<sup>179</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 61.

Segundo Félix Ochayta Piñeiro, «Niepokalanow traduzir-se-ia em latim como ‘Immaculatem’, que significa, ‘pertencente à Imaculada’. Para converter numa língua românica temos que nos servir de uma perífrase: ‘Cidade da Imaculada’»<sup>180</sup>. De facto, a Niepokalanow revelou-se um «centro de vida religiosa e do apostolado através da imprensa, que se tornou numa verdadeira cidade monástica»<sup>181</sup>, sendo que através do seu próprio nome apercebemo-nos desde já da íntima associação que o Convento tinha para com a Imaculada.

O projeto está imaginado e concebido: a construção de uma cidade que pudesse ser, de alguma forma, quase que autossustentável. Mas ainda falta tudo o resto. Relativamente ao terreno para a implementação de tal projeto, Maximiliano aproveitou a generosidade do Príncipe Jan Lucki-Lubecki que, para além dos terrenos que detinha em Grodno, também possuía outros a este da cidade de Varsóvia. No decurso dos contactos com o Príncipe, que foram sempre acompanhados de perto pelos superiores eclesiásticos do nosso Autor, o padre Kolbe escolheu um terreno bem perto de Varsóvia; ou seja, bem situado face ao centro social e comunicacional do país. No início das negociações o príncipe colocou algumas condições, no entanto, a “voz” da Imaculada falou mais alto e Jan Lucki-Lubecki ofereceu o espaço pretendido pelo nosso Autor<sup>182</sup>.

Agora, com o terreno, tudo se torna mais fácil e, neste sentido, os primeiros frades não tardam a chegar ao local. De início era um pequeno grupo (no qual estavam incluídos Maximiliano Kolbe e o seu irmão Afonso) que, animado com a mudança, se empenhou energeticamente no começo da construção do Convento, pois, não havia recursos suficientes para contratar alguém que fizesse o trabalho. Por sua vez, a população vizinha, ao ver que a vontade era muita, mas os meios eram poucos, logo se disponibilizou com o que estava ao seu alcance para ajudar naquilo que fosse necessário<sup>183</sup>.

Como diz o poeta, numa frase que já se tornou de todos, “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. Esta famosa frase de Fernando Pessoa caracteriza na perfeição a obra realizada na “Cidade da Imaculada”, na medida em que Deus quis, Maximiliano sonhou e, no dia 21 de novembro de 1927 e com a bênção do então Padre Provincial

---

<sup>180</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 62.

<sup>181</sup> PIACENTINI, Ernesto – Maximilien Maria Kolbe, in *DSp.* 10, col. 860.

<sup>182</sup> Cf. LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 107-108.

<sup>183</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 112-113.

Cornelius Czupryk, celebra-se a primeira Eucaristia na capela do Convento com a equipa do “*Cavaleiro da Imaculada*”<sup>184</sup>. No dia seguinte inicia-se a “história” propriamente dita, pois, «começam a vida em comum o P. Maximiliano, o P. Afonso e quinze irmãos»<sup>185</sup>, sendo o nosso Autor, agora com 33 anos de idade, nomeado superior do novo Convento e da “Cidade da Imaculada”.

O crescimento da “Cidade da Imaculada” foi algo de genuinamente “inacreditável”. Aquilo que seria apenas, e só, um humilde Convento, logo se transformou numa verdadeira cidade, chegando ao ponto de podermos afirmar que «Niepokalanow basta-se em absoluto, pois todas as profissões estão nela representadas»<sup>186</sup>. A cidade cresceu rapidamente e, atendendo ao maior número de pessoas e de valências, esta passa a contar com: o departamento de redação e administração; o departamento tipográfico; o departamento técnico; o departamento da economia ou o departamento de construção. Para além disto tinha o seu próprio sanatório, duas casas de formação e de noviciado<sup>187</sup>.

Graças à espiritualidade e carisma de Maximiliano, o número de pessoas no Convento não parava de aumentar. De ano para ano havia um maior número de candidatos, de tal modo que passou a ser necessário fazer uma seleção. Para termos uma ideia do crescimento e do número de pessoas que o Convento albergava, em 1937 havia «762 religiosos dos quais 527 irmão professos aplicados na edição de números periódicos»<sup>188</sup>. Isto levou a que Niepokalanow chega-se a ser a maior comunidade religiosa do mundo<sup>189</sup>.

É óbvio que o número de religiosos é um dado muito relativo; ou seja, a história não teria interesse se se ficasse apenas por aí. O relevo histórico fundamental da “Cidade da Imaculada” advém da obra que aqueles frades franciscanos conventuais produziam. Assim sendo, e mesmo resumindo-nos ao que ao material impreso diz respeito, podemos apresentar números que deixam qualquer um admirado: o “*Cavaleiro da Imaculada*” contava com 750000 exemplares; o “*Jovem Cavaleiro*” com 165000 exemplares mensais; o “*Informador da Milícia da Imaculada*” com 42000 exemplares; o “*Pequeno Diário*” com 150000, chegando a 250000 em dias festivos; o “*Miles*

---

<sup>184</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe*, número 16670, p. 113.

<sup>185</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 64

<sup>186</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 134.

<sup>187</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 67.

<sup>188</sup> PIACENTINI, Ernesto – *Maximilien Maria Kolbe*, p. 860.

<sup>189</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 68.

*Inmaculatae*” com 10000 exemplares em latim; o “*Boletim Missionário*” com 4000 exemplares mensais; o “*Eco de Niepokalanow*” que se destinava a informar os habitantes da cidade<sup>190</sup>.

Todavia estas publicações não lhe chegavam. O nosso Autor queria mais, sempre mais, no que dizia respeito a levar o Evangelho aos outros através dos meios de que poderia dispor. Para isso, em 1938 ainda pensa numa rádio que, de facto, chegará a transmitir, mas que logo foi impedida de continuar a emitir, fruto, quer dos problemas existentes na época, quer da ação daqueles que tinham “ciúmes” com as proporções que a obra começada por um jovem frade adquirira<sup>191</sup>.

## **2.9.- Missão no Japão**

A Niepokalanow está formada. O sonho de Maximiliano Kolbe tornou-se uma realidade. Mas, será que isto o iria contentar? Não: ele, como cavaleiro da Imaculada que era, deseja sempre mais e mais. Neste sentido, «ardia em desejos de estender o seu ideal por todo o Mundo. Nada tem de estranho que um dia se ofereça para ir para o Extremo Oriente, às missões entre os “infiéis”»<sup>192</sup>. O desejo de poder vir a publicar a revista em todas as línguas leva-o a estar disposto a superar todos os obstáculos: de saúde, económicos e sociais.

Em consequência disso, em 1930, apenas três anos depois de ter dado início à Niepokalanow na sua pátria natal, Maximiliano manifesta perante os seus superiores o desejo de ser enviado em missão para o Japão. Esta é uma notícia que surpreende a todos, na medida em que na Polónia a missão ainda não estava terminada. Todavia, Kolbe confiava, para levar adiante esse “seu” grande projeto, na ação da própria Imaculada e no espírito missionário dos religiosos que tinham aderido à Milícia<sup>193</sup>.

Posto isto, não há impedimentos e Maximiliano viajará mesmo para o Japão. A viagem até ao Oriente é longa e, como tal, aproveita para peregrinar até alguns dos mais famosos santuários na Europa, nomeadamente Lourdes e Lisieux. O tempo dá para fazer uma rápida visita a outros países como França, Alemanha ou Áustria. Após estes dias de

---

<sup>190</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 69.

<sup>191</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 70.

<sup>192</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 73.

<sup>193</sup> Cf. SIMBULA, Giuseppe – *San Massimiliano Kolbe*, Missionario Francescano. *Miscellanea Francescana*, 106-107 (2006-2007) 390.

visita, parte para o Japão no dia 7 de março de 1930<sup>194</sup>, na companhia de quatro correligionários: frei Zenón Zebrowski, frei Hilary Zysakowski, frei Seweryn Dagis e frei Zygmunt Krol.

A sua chegada ao “País do Sol Nascente” ocorre a 24 de abril desse ano, abraçando com os olhos e o coração a Nagasaki. Aquando da chegada têm à sua espera o bispo Januarius Kyunosuke Hayasaka e, ciente de que não tinha tempo a perder, Maximiliano apresenta imediatamente os seus planos ao prelado de Nagasaki. Por esta altura, o grande objetivo do nosso Missionário é publicar uma revista em japonês. O bispo, apesar de surpreendido com a sua vontade, concorda com a ideia, todavia impõe uma condição: ser professor de filosofia no seminário da diocese. Ora, visto que havia adquirido o doutoramento na área em Roma, Maximiliano aceita o desafio e logo começa a lecionar<sup>195</sup>.

Logo em maio de 1930 sai o primeiro número do “*Cavaleiro da Imaculada*” em japonês. Maximiliano é o redator que escreverá tudo em latim e a partir daí os seus alunos traduzirão para a língua nipónica. O primeiro número da revista terá uma tiragem de 10000 exemplares<sup>196</sup>, sendo que «a revista era dirigida não só aos católicos, que eram uma pequena minoria no Japão, mas também àqueles que então se costumava definir como “pagãos”, aos protestantes e demais cristãos de qualquer outra denominação»<sup>197</sup>. Está dado o primeiro passo e concluído o primeiro objetivo, mas, como é óbvio, os objetivos do nosso Autor não se ficam apenas por aqui. Ele quer construir uma Niepokalanow no Extremo Oriente. Basicamente, o objetivo era fazer aquilo que foi feito na Polónia, aquando da criação da “Cidade da Imaculada”.

Para concretizar este seu segundo objetivo era necessário «estabelecer uma casa religiosa num grande centro urbano, dotado de rápidas e fáceis vias, bem como bons meios de comunicação e no qual existisse um certo número de católicos para trabalhar e colaborar na divulgação da sua imprensa entre os “pagãos”»<sup>198</sup>. Contudo, as dificuldades são novamente abundantes e, segundo Giuseppe Simbula<sup>199</sup>, podem ser agrupadas em três grupos: canónicas; económicas; e de sofrimento pessoal.

---

<sup>194</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 76.

<sup>195</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 78.

<sup>196</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 78.

<sup>197</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 137.

<sup>198</sup> SIMBULA, Giuseppe – *San Massimiliano Kolbe, Missionario Franciscano*, 390.

<sup>199</sup> Cf. SIMBULA, Giuseppe – *San Massimiliano Kolbe, Missionario Franciscano*, 394-398.

Relativamente às dificuldades canónicas, tardava a chegar a permissão das congregações romanas: quer a da *Propaganda Fide*; quer a dos Religiosos. As dificuldades económicas são as inerentes à construção de um projeto tão ambicioso como aquele que germinava no seu coração, sobretudo quando era necessário “partir do zero”; quanto ao sofrimento pessoal, é importante falar em especial da morte do seu irmão Afonso, que afetará profundamente Maximiliano, nomeadamente por, encontrando-se do “outro lado do Mundo”, não poder despedir-se do mesmo nos seus últimos dias de vida terrena.

Os “espinhos” que ia encontrando no caminho, apesar de não poucas vezes se terem tornarem difíceis obstáculos, não se tornaram impedimentos intransponíveis. Aquando da chegada do aguardado documento vindo de Roma e «livres do travão jurídico administrativo, estes pioneiros da Imaculada no Extremo Oriente colocam as mãos à obra, com a expressa autorização do bispo»<sup>200</sup>. Estão assim lançados os alicerces para a construção de uma nova “Cidade da Imaculada”.

O primeiro ano não foi fácil, na medida em que viviam em condições assaz difíceis e precárias<sup>201</sup>, no entanto não baixaram os braços, pois estavam convencidos de que o resultado final compensaria o esforço inicial. No dia seis de maio de 1931, mudam-se todos para a nova residência, a “Mugenzai no Sono”, expressão japonesa que traduzida significa “Jardim da Imaculada”. Num dado que nos parece ser significativo, é de referirmos que para um país como o Japão – que, na ocasião, contava com cerca de 80 milhões de habitantes, sendo que dos quais apenas 100000 eram católicos – a construção desta cidade deu deveras início a uma nova era missionária em terras nipónicas<sup>202</sup>.

Finalmente o plano começa a desenvolver-se de forma mais segura. Em 1931, Maximiliano pede que sejam enviados mais irmãos e padres em missão para o Japão, pois, o noviciado já arrancara e o seminário filosófico-teológico da sua Congregação estava prestes a arrancar. Tudo floresce no “País das cerejeiras em flor”, de tal modo que em três anos a revista “*Seibo no Kishi*” (“*Cavaleiros da Imaculada*”) alcança os 50000 exemplares, facto este permite uma mais dinâmica propagação da mensagem católica, levando a um significativo número de conversões<sup>203</sup>.

---

<sup>200</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 80.

<sup>201</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 143.

<sup>202</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 80.

<sup>203</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 84.

Entretanto os problemas continuam e é importante refletir um pouco sobre eles. O padre Metody Rejentowicz<sup>204</sup>, foi nomeado professor de dogmática no “Jardim da Imaculada” e, embora Maximiliano não tivesse dúvidas de que fosse uma boa e honesta pessoa, não captou da melhor forma o espírito da revista “*Cavaleiros da Imaculada*”. Neste sentido, «na sua forte incompreensão do ideal do P. Kolbe chegou inclusive a acusá-lo diante dos superiores de querer fundar uma nova ordem religiosa (...). [Esta] acusação deu muitas voltas e fez sofrer de sobremaneira o fundador de Niepokalanow»<sup>205</sup>. Sucintamente, o que Metody e outros padres como Konstanty Onoszko pretendiam dizer era que Maximiliano Kolbe não era um fiel seguidor da mensagem de São Francisco, chegando inclusive a acusa-lo de, com todas as obras que ia fundando, ter algum objetivo maior do que os do próprio Santo de Assis.

No entanto, estas acusações não tinham qualquer tipo de fundamento; ou seja, Maximiliano foi, sempre e indubitavelmente, um verdadeiro seguidor dos ideais de São Francisco, sendo que tudo aquilo que fazia, fazia-o por amor à Igreja e por amor à Imaculada. Relativamente à identificação com o espírito do Santo de Assis, e segundo aquilo que mais uma vez nos diz Giuseppe Simbula, denota-se perfeitamente alguns aspetos que sempre estiveram presente em Maximiliano e naqueles que o acompanhavam, tais como: andar no meio dos “pagãos”; ação e testemunho comunitário; presença humilde e respeitosa; paciência perante a dificuldade; esperança do martírio; e vincado amor à Imaculada<sup>206</sup>. Assim sendo, não podem restar quaisquer dúvidas do seu espírito franciscano e até nos podemos perguntar: como é que alguém que não estivesse profundamente imbuído do espírito missionário de cunho franciscano deixaria a obra começada em Niepokalanow, a fim de evangelizar num país em que, por motivos históricos bem conhecidos, o Cristianismo era profundamente marginal?

Na sequência do antes mencionado acerca do espírito missionário, constata-se que o mesmo se vai tornando cada vez mais enraizado na própria “Mugenzai no Sono”. Por isso, Maximiliano tem uma nova ideia: um quarto voto:

«Maximiliano quer que os religiosos residentes no Japão, para além dos três votos comuns, professem um quarto voto: o de estar dispostos a ir para qualquer missão do mundo e mesmo até à morte se for preciso. Este quarto voto parece-lhe exigência e consequência da consagração incondicional à Imaculada»<sup>207</sup>.

---

<sup>204</sup> Cf. SIMBULA, Giuseppe – San Massimiliano Kolbe, Missionario Francescano, 398.

<sup>205</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 82.

<sup>206</sup> Cf. SIMBULA, Giuseppe – San Massimiliano Kolbe, Missionario Francescano, 408-410.

<sup>207</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 85.

Esta sua proposta foi aceite pelo provincial e o nosso Autor profere o mencionado quarto voto no dia 25 de março de 1932.

### **2.9.1.- Testemunho de obediência e submissão**

Para o nosso Santo, o período entre 1933 e 1936 é marcado pela renúncia e a submissão. Florián Koziura é nomeado superior de Niepokalanow e o já nosso conhecido Cornelius Czupryk é nomeado superior da “Mugenzai no Sono”; ou seja, Maximiliano Kolbe já não é mais superior de nenhuma das comunidades que ele próprio havia fundado<sup>208</sup>. No entanto, ao contrário do que seria comum acontecer, «Kolbe não reclama. A vontade dos superiores é, para ele, sempre a vontade de Deus»<sup>209</sup>. Esta atitude coloca, por si só, em evidência a sua capacidade de renúncia, aliada à sua profunda humildade, na qual vemos não a busca de um reconhecimento pessoal, mas a vontade de que se realizem conversões a Jesus Cristo.

Com tudo isto, está a chegar ao fim a sua missão no Japão. Ele permanece na Ásia de 1930 a 1936<sup>210</sup>, onde deixa toda a obra que temos vindo a apresentar. Quando sai definitivamente do Japão, a “Mugenzai no Sono” contava já com dois padres e 18 irmãos, juntamente com as vocações que iam surgindo fruto do processo de noviciado e do seminário que havia sido entretanto fundado<sup>211</sup>.

Deste período por terras nipónicas podemos salientar alguns aspetos, como por exemplo: a experiência missionária, a coerência de vida, a capacidade de decisão e a fácil tomada de posição quando percebe que está presente a vontade de Deus<sup>212</sup>.

### **2.10.- Regresso à pátria**

É como diz o bem conhecido adágio português: “o bom filho à casa torna”. Maximiliano Kolbe não era português – embora agora, e como veremos, seja do Mundo inteiro –, mas abandona o Japão, no dia 26 de maio de 1936, para regressar à Polónia. De regresso a Niepokalanow o nosso Autor fica contente ao ver o que a “cidade” que

---

<sup>208</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 87.

<sup>209</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 153.

<sup>210</sup> Cf. PIACENTINI, Ernesto – *Maximilien Maria Kolbe*, p. 860.

<sup>211</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 157.

<sup>212</sup> Cf. SIMBULA, Giuseppe – *San Massimiliano Kolbe, Missionario Francescano*, 406.

ele fundado havia evoluído na sua ausência. Segundo Félix Piñeiro, encontramos na época de ouro da “Cidade da Imaculada”<sup>213</sup>.

Com o seu regresso, os seus superiores nomeiam-no novamente superior de Niepokalanow, que, à data albergava «511 irmãos e candidatos, 37 clérigos e 137 seminaristas»<sup>214</sup>. Isto dá um total de 685 pessoas empenhadas no serviço, à imagem do fundador. Atendendo a este elevado número, era possível desenvolver várias atividades ao mesmo tempo, como, por exemplo: a adoração permanente do Santíssimo Sacramento; momentos de oração comunitária; ocasiões de fraterna partilha cultural; bem como um sistema de trabalho por turnos, o qual permitia a tipografia trabalhar durante 24 horas<sup>215</sup>.

Antes de, por força de circunstâncias externas das quais falaremos em seguida, esta época áurea chegar ao fim, retenha-se apenas, para termos uma ideia da dimensão da Niepokalanow, que a revista “*Cavaleiro da Imaculada*” chegou a ter tiragens na ordem de um milhão de exemplares!<sup>216</sup> A partir destes números conseguimos imaginar a influência que a mesma tinha na sociedade, fruto do número de pessoas que acabava por ter contacto com a mensagem que os “Cavaleiros” pretendiam transmitir. Este facto acabou por gerar invejas e intrigas e, como tal, os “Cavaleiros” acabarão por se verem envoltos em consequências que se revelaram prejudiciais para os mesmos.

## 2.11.- Os primeiros tormentos

Antecipando, por motivos que cremos que se tornarão evidentes, um pouco o que será por nós exposto mais à frente, devemos agora referir que Maximiliano teve uma morte heroica, tal como fora toda a sua vida. É por isso que ao longo de aproximadamente dois anos ele se comportará com um herói, um exemplo não só para os irmãos do Convento, mas para todos os que sofriam as atrocidades do conflito bélico desencadeado pelo Terceiro Reich.

No mês de agosto de 1939, altura em que a Polónia se encontrava numa profunda crise que já ameaçava a paz em toda a Europa, Maximiliano tentava animar e reconfortar os seus irmãos de Niepokalanow face a uma guerra que já se ia tornando

---

<sup>213</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 92-93.

<sup>214</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 158.

<sup>215</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 94.

<sup>216</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 93.

quase que uma inevitabilidade. No entanto, Kolbe fazia a sua vida como se nada estivesse a passar-se no Mundo exterior<sup>217</sup>. Tenha-se em atenção que este facto não é sinónimo de um qualquer desinteresse por aquilo que se estava a passar, sendo, isso sim, a forma do padre Kolbe lidar humana e espiritualmente com tais circunstâncias. Por outras palavras: ele estava ciente de que, como superior do Convento, deveria manter, pelo menos, a aparência exterior de calma, para, desse modo, poder acalmar e reconfortar todos os outros.

Em setembro do antes mencionado ano, dá-se «o começo da ocupação da pátria [polaca] pela Wehrmacht alemã»<sup>218</sup>. A partir daqui ficará marcada uma das páginas mais negras da história da humanidade. No que diz respeito a Niepokalanow, rapidamente se começaram a sentir os efeitos, pois, logo nos primeiros bombardeamentos, a cidade é atingida e uma parte significativa da mesma fica completamente desfeita<sup>219</sup>. Atendendo às condições e às adversidades que se faziam sentir, era necessário e urgente pensar o que fazer com toda aquela gente que habitava no Convento à data das invasões.

Neste sentido, e «vendo a situação agravar-se de hora para hora, o padre Maximiliano reuniu todos os irmãos e disse-lhes que podiam e mesmo deviam ir refugiar-se junto das famílias, onde enfrentariam um perigo menor»<sup>220</sup>. É de salientar aqui esta ideia de Maria Winowska de “perigo menor”. A verdade é que todos os polacos estariam em perigo, independentemente do sítio em que encontrassem, todavia, no Convento tornar-se-iam presas fáceis para os invasores, fruto da vontade que estes certamente iriam ter em cortar a influência que este tinha junto da população. Os irmãos de Niepokalanow ouviram o conselho do padre Kolbe e partiram, sendo que ficaram com ele apenas um padre e 38 irmãos por opção própria<sup>221</sup>.

Este reduzido grupo que ali permaneceu não desanimou e, rapidamente, entregou-se a uma atividade verdadeiramente energética: num dos edifícios que sobrevivera aos bombardeamentos montaram, rapidamente, um hospital que acolheria um grande número de feridos, fossem eles soldados ou civis – o que importava era o estarem feridos e a necessitar de ajuda.

---

<sup>217</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 162-163.

<sup>218</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 105.

<sup>219</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 105.

<sup>220</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 178.

<sup>221</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 105.

### **2.11.1.- A primeira deportação**

No dia 19 de setembro, Nipokalanow e as redondezas já estão ocupadas pelas tropas alemãs. Qual o objetivo dessa ação focada na “Cidade da Imaculada”? Os eventos posteriores revelarão que era o de levar quem ainda lá estava para um dos “campos de concentração”<sup>222</sup>. É certo que os frades já estavam “preparados” para este acontecimento, mas, porventura, não estariam à espera de que tudo decorresse de um modo tão célere. No entanto, e apesar de tudo o que até um cristão poderia pensar neste momento, «o P. Maximiliano considerava a prisão e posterior deportação para os campos de concentração como uma missão particular em terra estrangeira»<sup>223</sup>. É neste sentido que acabará por se manifestar a convicção do nosso Santo de que todo o sofrimento deve ser encarado de uma forma especial e única, pois, para ele, o mesmo era uma consequência incontornável da sua missão e tal facto passa a ser por ele assumido também como parte da mensagem que tentava transmitir a todos os irmãos<sup>224</sup>.

Sendo deportados, os frades franciscanos conventuais de Nipokalanow foram para o campo de Amtitz, na Alemanha, sendo que, depois e em trânsito de regresso para a Polónia, passaram também algum tempo no campo de Ostrzeszow. As condições destes dois campos eram más, no entanto, não eram nada comparáveis com aquilo que irão ver e viver num futuro não muito longínquo. Mas para se chegar à narração deste “futuro”, devemos ainda referir que tais frades, por motivos que a História não nos esclarece de uma forma completa e satisfatória, acabam por ser libertados e reenviados para a “Cidade da Imaculada”.

### **2.11.2.- Regresso a Niepokalanow**

Curiosamente, é num dia 8 de dezembro de 1939 – dia justamente da celebração litúrgica da Imaculada Conceição – que os prisioneiros de Niepokalanow recebem ordens para regressar ao seu Convento<sup>225</sup>. Tal realidade acarreta um duplo sentimento: por um lado, era obviamente melhor estar no Convento do que naquele local; porém, por outro lado, eles sabiam perfeitamente que a sua situação era muito delicada, pois era muito provável que os alemães voltassem a prendê-los.

---

<sup>222</sup> Cf. Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 167.

<sup>223</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 108.

<sup>224</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 109.

<sup>225</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 112.

Ora bem, quando, vindos de Ostrzeszow, os frades chegaram a Niepokalanow,

«encontraram o Convento saqueado pelas tropas alemãs. A maior parte da área fora devastada, as estatuetas da Imaculada quebradas, os quadros dos santos profanados. Nos mapas apensos às paredes, a Polónia aparecia riscada. Uma máquina impressora poligráfica fora desmontada e levada para local desconhecido. Na sala de tipografia só ficaram três impressoras comuns e três rotativas»<sup>226</sup>.

A partir desta descrição que nos é apresentada por Gino Lubich, ficamos desde já cientes das dificuldades que se viverão no Convento em tempos de guerra. Não vão ser tempos fáceis, estes que vão ser vividos no período compreendido entre dezembro de 1939 a fevereiro de 1941, mas, como até aqui, os “cavaleiros da Imaculada” não desistem e trabalham arduamente dentro das limitações que lhe são impostas, aproveitando, para o efeito, todos os recursos que vão tendo.

Tais recursos, como indicámos mais acima, são poucos e as condições de Niepokalanow não eram, em geral, as ideais, pois acabou por se converter numa residência para os milhares de polacos que fugiam das suas terras, para os poucos que eram libertados dos “campos de concentração” e até para alguns judeus perseguidos. As diferenças de etnia, raça e até religião eram postas de parte, pois, para todos o mais importante tornou-se a fé comum no Deus Único<sup>227</sup>. Assim, aos poucos, «a “Cidade da Imaculada” transforma-se na “Cidade da Caridade”»<sup>228</sup>.

Maximiliano, juntamente com os frades a quem fora permitido regressar, vai organizando a comunidade tentando seguir as estruturas que haviam sido estabelecida<sup>229</sup>. Em consequência, os trabalhos repartiam-se pelo cuidado da terra, pelas máquinas agrícolas, pelos laboratórios de fotografia, pela relojoaria, pelo concerto de bicicletas e pelo consultório médico para tratar dos doentes<sup>230</sup>.

Ainda que o ambiente seja, em todos os sentidos, adverso, tudo parece estar a correr bem. No entanto, Maximiliano e seus companheiros sabiam perfeitamente que, mais cedo ou mais tarde, iriam ser abordados pelos alemães a fim de serem novamente presos. Porém, a partir da história que já conhecemos, sabemos que os “cavaleiros da Imaculada” estão espiritualmente prontos para enfrentar o martírio, pois, tal como nos diz o *“Evangelho segundo São João”*, «é por isto que meu Pai Me tem amor: por Eu

---

<sup>226</sup> LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 171.

<sup>227</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 112.

<sup>228</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 113.

<sup>229</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 176.

<sup>230</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 114.

oferecer a minha vida, para a retomar depois» (Jo. 11,17). Acreditando no Evangelho e seguindo o exemplo de Cristo, os “cavaleiros da Imaculada” tinham os corações abertos ao futuro, comportasse este o que pudesse comportar.

## 2.12.- A última etapa da vida

Na Polónia, as prisões em massa já haviam começado. Cada dia que passa os “campos de concentração” estão mais cheios<sup>231</sup>. As atrocidades avançam a grande velocidade. Poucos são aqueles que escapam às “garras” dos cruéis alemães que não têm escrúpulos, nem a mínima preocupação para com o seu próximo, pois, para eles, a dignidade humana é algo que, simplesmente, parece que nem sequer existia.

Segundo Félix Ochayta Piñeiro, Maximiliano Kolbe teve conhecimento de que os alemães queriam prendê-lo<sup>232</sup>. Porquê? Responde-nos aquele mesmo autor:

«Não procuremos saber as causas imediatas da prisão do padre Maximiliano. Muito se escreveu a este respeito, perdendo-se em conjecturas subtis. Na Polónia os nazis não se prendiam com a consciência para justificar os seus actos. Nos seus métodos de lenta exterminação seguiam principalmente o critério de liquidar os chefes, as elites. E o padre Maximiliano era da “raça dos chefes”, portanto indesejável por excelência. A sua sorte estava, de antemão, traçada!»<sup>233</sup>.

Apesar disto, ao invés de tentar fugir ou simplesmente tentar escapar por força do seu apelido alemão, o nosso Autor prepara-se para aceitar o martírio, recordando-se da ocasião em que, quando era jovem e como vimos, viu Maria com uma coroa vermelha.

Na manhã do dia 17 de fevereiro de 1941, cinco nazis entram por Niepokalanow com um único objetivo: prender os “chefes”. Sem discussões, sem explicações, metem-nos dentro dos carros e levam-nos: «foram detidos, em especial o P. Kolbe, por conspirar contra as autoridades alemãs. Parece que houve umas denúncias falsas de um ex-frade e de outros»<sup>234</sup>. Podemos pensar e especular muito acerca dos motivos que levaram a tal prisão, contudo a conclusão será sempre a mesma, pois não passam de «pretextos, de simples pretextos. Também contra Jesus se alegaram motivos políticos ou de carácter subversivo. E o discípulo não pode ser superior ao Mestre»<sup>235</sup>. Os seus

---

<sup>231</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 195.

<sup>232</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 116.

<sup>233</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 187.

<sup>234</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 119.

<sup>235</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 119.

correligionários, conscientes daquilo que estava a acontecer, ainda tentaram interceder junto dos guardas, para que fossem eles presos no lugar de Maximiliano, mas sem sucesso.

### **2.12.1.- Pawiak**

Consumada a prisão do nosso Autor – e, com ele, a dos demais frades da “Cidade da Imaculada” que também foram capturados –, os militares alemães deslocam-nos até Varsóvia, mais propriamente para a prisão de Pawiak, a qual era a mais temida pelo povo polaco. De acordo com Maria Winowska, estamos no período mais terrível da guerra para tal povo, pois «todos os dias milhares de polacos são mortos pelas armas. Os condenados à morte nem se podem contar»<sup>236</sup>. Chegados os presos franciscanos a Pawiak, deram-lhes a oportunidade de ficar todos na mesma cela – o que, dentro dos possíveis, não era mau, pois desse modo conseguiriam rezar comunitariamente como estavam habituados no Convento. Todavia, Maximiliano será separado dos restantes passado alguns dias<sup>237</sup>.

Em Pawiak, Maximiliano continuava a ser o mesmo que sempre fora ao longo de toda a sua vida: não desistia e animava os seus companheiros de cela, de tal forma que começaram a ir ter com ele para receber palavras ou gestos que diminuíssem o peso da desgraça que caíra sobre eles. Ele «rezava e pedia a todos que orassem, porque a oração (...) dá a força para resistir às mais duras provas da vida. Consolava a todos na medida do possível e escutava confissões de muitos»<sup>238</sup>. Como vemos, não restam dúvidas do grande testemunho que Kolbe dava, independentemente do local onde encontrasse.

### **2.12.2.- Auschwitz**

No dia 28 de maio de 1941 o nosso Santo muda de prisão, desta feita para o “campo de concentração” de Auschwitz. Atualmente, ouvir este nome assusta. Auschwitz é o “campo de concentração” nazi por antonomásia: aquele em que morreram mais de cinco milhões de pessoas, vítimas das maiores e mais atrozias torturas possíveis e imagináveis. Era como uma “fábrica da morte”, para a qual os engenheiros estudavam formas de

---

<sup>236</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 188.

<sup>237</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 121.

<sup>238</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 123.

aumentar o rendimento; ou seja, estudavam modos de aumentarem o número de mortes e, ao mesmo tempo, darem rapidamente sumiço aos corpos<sup>239</sup>, sendo por isso que «as chaminés dos seus fornos crematórios soltavam fumaça noite e dia»<sup>240</sup>; «cada ano representava um progresso nos métodos de extermínio. Quem entrava neste recinto sombrio deixava à entrada toda a esperança humana»<sup>241</sup>.

É um lugar para o qual nos faltam as palavras. Para João Paulo II é um lugar que serviu para «espezinhar radicalmente, não só o amor, mas todos os sinais da dignidade humana, da humanidade. Um lugar que foi construído sobre o ódio e sobre o desprezo do homem em nome de uma ideologia louca. Um lugar que foi construído sobre a crueldade»<sup>242</sup>. Lembremo-nos que o João Paulo II é polaco; ou seja, vivenciou todos estes acontecimentos de perto e, como tal, fala deles com grande emoção, com grande “revolta” por tudo o que feito ao seu povo. Por sua vez, Bento XVI, visitou os “campos de concentração”,

«como um filho do povo alemão (...) e é um dever perante a verdade e o direito de quantos sofreram, um dever diante de Deus, de estar aqui como sucessor de João Paulo II e como filho do povo alemão filho daquele povo sobre o qual um grupo de criminosos alcançou o poder com promessas falas, em nome de perspectivas de grandeza, de recuperação da honra da nação e da sua relevância, com previsões de bem-estar e também com a força do terror e da intimidação, e assim o nosso povo pôde ser usado e abusado como instrumento da sua vontade de destruição e de domínio»<sup>243</sup>.

Acabámos de apresentar dois testemunhos, diferentes mas convergentes, de duas pessoas que viveram o contexto em que ocorreu a situação por eles evocada em diferentes “lados” da II Guerra Mundial. Por um lado, temos João Paulo II, que vivenciou o medo, o ódio e o desespero do povo polaco. Por outro lado, temos Bento XVI que, embora seja alemão, condena vivamente as atrocidades levadas a cabo pelos criminosos do seu povo. No discurso que proferiu nos “campos de concentração”, Bento XVI chama-nos ainda a atenção para um dado relevante: naqueles locais de extermínio ainda lá estão hoje presentes «as lápides em bielorrusso, checo, alemão, francês, grego, hebraico, polaco, russo, romeno, eslovaco, sérvio, ucraniano, judaico-hispânico,

---

<sup>239</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 191.

<sup>240</sup> LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 7.

<sup>241</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 191.

<sup>242</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau* [7 de junho de 1979], n.º 1. *AAS* 71 (1979) 844, com tradução para português em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jpii\\_hom\\_19790607\\_polonia\\_brzezinka.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jpii_hom_19790607_polonia_brzezinka.html). 12-11-2018 09:09.

<sup>243</sup> IGREJA CATÓLICA: BENTO XVI – *Discurso na visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau* [28 de maio de 2006]. *AAS* 98 (2006) 480.

inglês»<sup>244</sup>. Este dado é importante, na medida em que cada língua ali presente, simboliza a morte de alguém que a falava e, neste sentido, podemos ter a noção da diversidade de proveniências linguísticas, culturais e até religiosas das pessoas que foram para tal local, onde «a humanidade atravessou (...) um “vale escuro”»<sup>245</sup>.

Tenhamos bem presente, ainda que somente de passagem, que Auschwitz não era o único “campo de concentração”, ele é somente o mais conhecido, porquanto ficou intacto aquando da retirada das tropas alemãs do local, ao passo que os outros foram destruídos ou incendiados. Com efeito, havia muitos outros, como, por exemplo: Treblinka; Madianek; Sobidor ou Birkenau – famoso pelas suas tremendas câmaras de gás e pelo facto de ter sido onde morreu Edith Stein.

### **2.12.3.- A vida no “campo de concentração”**

Chegado a Auschwitz, Maximiliano torna-se o prisioneiro número 16670. A partir de agora, para aqueles que mandam em tal “campo de concentração”, já não existe Raimundo Kolbe ou o padre Maximiliano. Existe, sim, o prisioneiro número 16670, pois, como já foi aludido, «os homens deixam de ser considerados como pessoas. Convertem-se em simples números de um rebanho de carne humana»<sup>246</sup>.

Pois bem, dentro deste atroz “rebanho” existe uma espécie de hierarquia, baseada no tempo de vida que cada grupo tem. Assim sendo, um judeu poderá viver durante duas semanas; um sacerdote pode viver um mês; os restantes poderão viver três meses<sup>247</sup>. Segundo esta hierarquia, «os padres formam a penúltima categoria, imediatamente depois dos judeus (...) [sendo] encarregados das mais duras tarefas acompanhadas correntemente de chicotadas. Humilhados, reduzidos a farrapos, acoçados como animais por um ódio misterioso»<sup>248</sup>. O padre Maximiliano não foi exceção e, como tal, foi também obrigado aos trabalhos mais duros que havia no campo para onde foi destacado.

Fruto do trabalho forçado a que era sujeito e às terríveis condições em que vivia, a doença voltou a fazer-se sentir no nosso Autor. Em consequência disso, o mesmo foi

---

<sup>244</sup> IGREJA CATÓLICA: BENTO XVI – *Discurso na visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*, p. 482.

<sup>245</sup> IGREJA CATÓLICA: BENTO XVI – *Discurso na visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*, p. 484.

<sup>246</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 127.

<sup>247</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 127.

<sup>248</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 193.

transferido para o “hospital” – palavra que temos que colocar entre aspas, porque, na verdade, de hospital tinha muito pouco<sup>249</sup>. Aqui permanece durante algum tempo, até ser transferido para o barracão dos inválidos, no dia 10 de julho. Se os alemães já davam pouco valor àqueles que podiam trabalhar, podemos imaginar aquele que davam aos inválidos: estes não recebiam «medicina nem cuidado algum, por isso morriam na sua maior parte por causa de infeções. Para o P. Kolbe, sem dúvida, a permanência neste barracão resultou beneficemente. Melhorou um pouco dos seus males e prosseguiu o seu apostolado com os companheiros moribundos»<sup>250</sup>. Até aqui, apesar daquilo que lhe poderia acontecer caso fosse descoberto, Maximiliano evangelizada, confortava e confessava aqueles que se encontram ao seu lado<sup>251</sup>. Como já estava a melhorar, no dia 20 de julho, foi transferido para o barracão 14, aquele que se destinava aos trabalhos agrícolas.

Aqueles presos que pertenciam ao barracão 14, eram os únicos que podiam passar a porta do campo para poderem realizar trabalhos agrícolas no exterior. Entretanto, no final do mês de julho, um desses trabalhadores decidiu fugir. A lei era muito explícita: «pela fuga de um prisioneiro deviam morrer dez companheiros»<sup>252</sup>. O tempo passa e o fugitivo continua a monte. No dia seguinte de manhã ainda não fora encontrado. Fruto disso, os habitantes do bloco 14 estavam a padecer as consequências, permanecendo horas a fio de pé, sendo, nessas circunstâncias já de si difíceis de descrever, vítimas de injúrias e pancadas constantes<sup>253</sup>.

De repente acaba-se a tormenta e Karl Fritsch, o Lagerführer de Auschwitz – ou seja, o comandante militar de um dos três “campos de concentração” que formavam aquele local –, começa a escolher um a um aqueles que vão ser condenados<sup>254</sup>. Um dos escolhidos dá pelo nome de Franciszek Gajowniczek – o prisioneiro número 5659. Quando Franciszek Gajowniczek é escolhido para a morte, lamenta-se profundamente: está preocupado com a sua família: a sua mulher e os seus filhos. Segundo os testemunhos que nos chegaram, e com os quais contactámos graças às leituras que fizemos das fontes que estão presentes na Bibliografia deste Trabalho, estaria verdadeiramente destroçado. Ao ver o desespero deste homem, Maximiliano Kolbe sai

---

<sup>249</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 195.

<sup>250</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 136.

<sup>251</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 195.

<sup>252</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 137.

<sup>253</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 225.

<sup>254</sup> Cf. WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 202.

do seu lugar, adianta-se e enfrenta Karl Fritsch dizendo: «sou um sacerdote católico polaco; sou velho; quero tomar o seu posto, visto que ele tem mulher e filhos»<sup>255</sup>.

É este o grande momento da vida de Maximiliano: o momento da entrega pelo seu próximo, colocando em prática a maior prova de amor possível, pois «ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo. 15,13). Conheceria o nosso Autor a Franciszek a fim de ter para com ele tamanho gesto de amor? Na verdade, não. Contudo, nesta hora ele tem presente os ensinamentos de Deus e sabe que «foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos irmãos» (1Jo. 3,17).

Não há, nos relatos de Auschwitz que chegaram até nós, nenhum outro testemunho de tamanha imolação por outrem, porque ali, só muito raramente se manifestavam gestos de amor ao próximo<sup>256</sup>. Por muitos discursos que façamos, por muitas palavras bonitas que digamos, a verdade é que é raríssimo que alguém esteja disposto a entregar a sua vida por alguém, muito menos por alguém que não conhece. E isto terá sido ainda mais verdade no meio de um campo de extermínio, onde se pensa que, mais dia, menos dia, todos acabarão por sucumbir e morrer de um modo mais ou menos desumano.

O oferecimento de Kolbe tinha tudo para ser aceite. Em primeiro lugar era um sacerdote católico; em segundo lugar, era velho; em terceiro lugar, era doente; em quarto lugar, não tinha família<sup>257</sup>. Com efeito, a troca foi aceite pelos chefes de campo e, pouco depois, Maximiliano seguiu para o *bunker* da fome acompanhando os outros nove prisioneiros.

#### **2.12.4.- O bunker**

Se tudo dentro daquele campo era mau, o *bunker* era, se o pudermos dizer, mais do que mau. Era a suprema humilhação, o desprezo total perante a vida humana. Ali, todos eram despojados das suas vestes e atirados lá para dentro como animais, sem comer e sem beber até ao dia da morte<sup>258</sup>. Como nos diz Lorit,

«aqueles que fossem obrigados a transpor a porta que se abria naquele muro e a descer nas celas do bunker, daquele momento em diante podiam considerar-se “sepultados

---

<sup>255</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 140.

<sup>256</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 142.

<sup>257</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 232.

<sup>258</sup> Cf. LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*, p. 234-235.

vivos”. Era definitivamente cortada qualquer comunicação com o exterior, e cortada era definitivamente qualquer comunicação do exterior com eles»<sup>259</sup>

Destes dias de agonia chegou até nós o testemunho de Bruno Borgowiec. Este, um dos poucos polacos que havia sido recrutado para servir num dos “campos de concentração”, tinha como função ser o coveiro; ou seja, tinha o encargo de retirar os cadáveres daqueles que faleciam no *bunker* da fome e enterrá-los. Para além disso, aproveitando o seu perfeito domínio do alemão, servia também de intérprete<sup>260</sup>. Aproveitando o seu testemunho, é possível ficar a conhecer um pouco da forma como Maximiliano Kolbe viveu encerrado dentro do *bunker*.

«“Parecia-me estar numa igreja”»<sup>261</sup>. Está é, indubitavelmente, uma das mais fortes frases do testemunho de Borgowiec, que também refere que, desde a cela na qual se encontrava Kolbe, era frequente ouvir «“orações recitadas em voz alta, o rosário e cânticos religiosos, aos quais se associavam também os condenados de outras celas”»<sup>262</sup>. É, de facto, algo ao mesmo tempo belo e difícil de compreender. Estão todos dentro do *bunker*; sabem perfeitamente que, não comendo nem bebendo, estão ali à espera da hora da morte; mas, ao invés daquilo que seria de esperar – o desespero –, Maximiliano consegue orar e consegue que os outros orem com ele.

O tempo ia passando como que pautado, no seu avanço, pela morte sucessiva dos seus companheiros que compartilhavam, com ele, a presença no *bunker*. Maximiliano continuava ali, «“sempre sereno, não pedia nada, não se queixava nunca; esforçava-se para dar ânimo aos outros. Exortava-lhes a esperar pois o fugitivo seria encontrado e eles libertados”»<sup>263</sup>. Passaram duas semanas desde a sua entrada para o *bunker*; estamos no dia 14 de agosto – vigília da Assunção – e, através de umas breves palavras de Maria Winowska a descreverem essa ocasião, ficaremos mais uma vez com a ideia da forte presença da matriz sacerdotal em Maximiliano Kolbe, que Félix Ochayta Piñeiro ressalva ser uma das características mais marcantes da sua personalidade humana e espiritual<sup>264</sup>:

«Na masmorra do padre Maximiliano só há quatro sobreviventes dos quais só ele está plenamente consciente. Já não está de pé, nem de joelhos, mas sentado. Foi despedindo o

---

<sup>259</sup> LORIT, Sergio C. – *Kolbe*, p. 10.

<sup>260</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 143.

<sup>261</sup> Bruno Borgowiec citado por OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 144.

<sup>262</sup> Bruno Borgowiec citado por OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 144.

<sup>263</sup> Bruno Borgowiec citado por OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 145.

<sup>264</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 225.

seu pequeno rebanho, um a um. Os três últimos que jaziam no chão, sem conhecimento, estão prestes a comparecer diante de Deus. O bom pastor terminou o seu trabalho. Tem direito ao repouso. Agora, mas só agora, ele pode morrer!»<sup>265</sup>.

Chegara a sua hora; curiosamente na véspera da Assunção de Maria. Continuando a seguirmos o testemunho de Bruno Borgowiec, «“um dia (14 de agosto) ordenaram que viesse ao *bunker* o chefe da sala dos enfermeiros, um alemão, o criminoso e delinquente Boch, o qual injetou no braço esquerdo dos que ainda viviam uma injeção intravenosa de ácido fénico”»<sup>266</sup>. Acaba assim a vida do “cavaleiro da Imaculada”.

## 2.13.- A beatificação

Na beatificação do nosso Autor – ocorrida no domingo 17 de outubro de 1971 –, Paulo VI demonstra toda a importância da, e admiração que ele próprio sente pela, pessoa e exemplo de vida deixado por Maximiliano Kolbe. No solene rito de beatificação destaca isto mesmo, dizendo que

«beato, portanto, significa digno de veneração, isto é, do culto permissivo, local e relativo, que implica admiração para com aqueles que são o objeto (...) e um magnífico reflexo do Espírito santificador. Beato significa salvo e glorioso. Significa um cidadão do céu, com todos os sinais peculiares do cidadão da terra; significa irmão e amigo, (...) identificado como membro operante da comunhão dos santos, que é esse corpo místico de Cristo, a Igreja viva, tanto no tempo como na eternidade; portanto, ele significa um advogado e protetor no reino da caridade»<sup>267</sup>.

Neste sentido, e recorrendo às palavras de Paulo VI, ficamos conscientes da relevância do nosso Autor para a Igreja Católica. Por isso é que o Sumo Pontífice considera que «quase vizinho da nossa geração, tão imbuído da experiência vivida no nosso tempo, tudo é conhecido sobre ele»<sup>268</sup>. Aquilo que se pode depreender destas palavras, é o facto de que todos devem, de facto, conhecer a história do padre Kolbe. E isto por uma breve série de motivos: em primeiro lugar, é alguém que viveu num tempo muito próximo de nós e, como tal, é viável exemplo para qualquer um; em segundo lugar, e relacionado com o primeiro, está o facto de termos a oportunidade de conhecer com firmes certezas históricas a sua vida.

---

<sup>265</sup> WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*, p. 211.

<sup>266</sup> Bruno Borgowiec citado por OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 145.

<sup>267</sup> IGREJA CATÓLICA: PAULO VI – *Homilia na beatificação de Maximiliano Maria Kolbe*, 819.

<sup>268</sup> IGREJA CATÓLICA: PAULO VI – *Homilia na beatificação de Maximiliano Maria Kolbe*, 819.

Com a finalidade de apresentar os dados mais relevantes da vida do novo beato, Paulo VI salienta três elementos que não podem ser olvidados: o culto da Imaculada Conceição, pois é «impossível separar o nome, a atividade, a missão do Beato Kolbe de Maria Imaculada»<sup>269</sup>; o trágico epílogo da vida do sacerdote Kolbe; e, por fim, o orgulho de ser um cidadão polaco.

Fruto da relevância dada por si a este, então, novo beato, Paulo VI coloca, na Exortação Apostólica “*Gaudete in Domino*”, o nome de Maximiliano Kolbe junto a outros grandes santos da Igreja que percorreram longos caminhos de santidade, tais como: «Santo Agostinho, Bernardo, Domingos, Inácio de Loyola, João da Cruz, Teresa de Ávila, Francisco de Sales, João Bosco»<sup>270</sup>. Mais à frente neste último mencionado documento, Paulo VI, ao falar-nos do nosso Autor, procura apresentar um pouco a história da sua entrega, reforçando as ideias que temos vindo a apresentar ao longo deste segundo capítulo da nossa Dissertação:

«No meio das mais trágicas provas que ensanguentaram a nossa época, ele ofereceu-se voluntariamente à morte para salvar um irmão desconhecido; e os testemunhos contam-nos que a sua paz interior, a sua serenidade e a sua alegria converteram de alguma forma aquele lugar de sofrimento, que era como uma imagem do inferno para os seus pobres companheiros e para ele mesmo, na antessala da vida eterna»<sup>271</sup>.

Estas palavras podem até parecer um pouco repetitivas, contudo, e segundo a nossa melhor opinião, têm uma grande importância, na medida em que foram escritas num documento que, presume-se, se desejava que chegasse a muita gente. Neste sentido, possibilitou, possibilita e possibilitará, a todos que o conhecerem, um melhor conhecimento acerca da vida do padre Kolbe, a qual passa, por vezes, despercebida na sombra das de outros nossos irmãos na fé que foram canonizados. Em suma dessa vida, retenhamos, sobretudo, que Maximiliano Kolbe «alcançou uma vitória espiritual semelhante à do próprio Cristo»<sup>272</sup>.

Sabemos bem que as Exortações Apostólicas são, indubitavelmente, documentos importantes para toda a Igreja e o facto de termos Maximiliano junto a estes luminares da santidade é, de facto, um firme sinal indicativo da sua relevância para a espiritualidade do nosso tempo e para a espiritualidade da própria Igreja.

---

<sup>269</sup> IGREJA CATÓLICA: PAULO VI – *Homilia na beatificação de Maximiliano Maria Kolbe*, 820.

<sup>270</sup> IGREJA CATÓLICA: PAULO VI – *Gaudete in Domino* [Exortação Apostólica de 9 de maio de 1975], n.º 38. *AAS* 67 (1975) 307.

<sup>271</sup> IGREJA CATÓLICA: PAULO VI – *Gaudete in Domino*, n.º 41, 307-308.

<sup>272</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*, n.º 1, 844.

## 2.14.- A canonização

No domingo 10 de outubro de 1982, João Paulo II presidiu ao solene rito de canonização de Maximiliano Maria Kolbe e, assim, a partir desse dia «a Igreja deseja chamar “Santo” [a] um homem a quem foi concedido realizar de maneira absolutamente literal as palavras do Redentor»<sup>273</sup>. As palavras às quais se refere o Santo Padre, dizem respeito ao que está patente no “*Evangelho segundo São João*”: «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo. 15,13).

Tal como sucedeu com Paulo VI no rito solene de beatificação do nosso Autor, também agora João Paulo II, deixa transparecer uma grande admiração por Maximiliano Kolbe:

«Padre Maximiliano Kolbe, sendo também ele um prisioneiro do campo de concentração, reivindicou, em lugar da morte, o direito à vida de um homem inocente, um dos quatro milhões. Este homem (Franciszek Gajowniczek) vive ainda e está presente entre nós. O padre Kolbe reivindicou em favor dele o direito à vida, ao declarar a disponibilidade de morrer em lugar dele, porque era um pai de família e a sua vida era necessária aos seus entes queridos. Padre Maximiliano Maria Kolbe reafirmou assim o direito exclusivo do Criador à vida do homem inocente e deu testemunho de Cristo e do amor»<sup>274</sup>.

Como verificamos, João Paulo II salienta vários aspetos: em primeiro lugar, a presença no “campo de concentração”; em segundo lugar, a oferta da sua vida em substituição da vida de Franciszek Gajowniczek – de notar que o Sumo Pontífice polaco fez ainda questão de referir que tal homem, pelo qual Maximiliano ofereceu a vida em 1941, estava ainda vivo aquando da ocasião da celebração solene da canonização do nosso Autor e encontrava-se mesmo presente na celebração –; em terceiro lugar, a relevância dada ao direito à vida; em quarto e último lugar, o testemunho do amor pelo próximo, à imagem do próprio Senhor Jesus.

«É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos Seus fiéis» (Sal. 116,15). Quão preciosa não terá sido a morte de Maximiliano Maria Kolbe? «Mediante a morte, sofrida pelo padre Maximiano Kolbe, um límpido sinal deste amor foi renovado no nosso século, que em grau tão elevado e de múltiplos modos é ameaçado pelo pecado e pela

---

<sup>273</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe* [10 de outubro de 1982], n.º 1. AAS 74 (1982) 1219.

<sup>274</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe*, n.º 2, 1220.

morte»<sup>275</sup>. Estas palavras colocam em evidência uma nova ideia, na medida em que o gesto de Kolbe adquire uma nova relevância, tendo em conta o pensamento do Mundo contemporâneo; um Mundo cada vez mais egoísta, no qual cada um olha apenas para si mesmo, não dando qualquer importância ao seu próximo. Assim, «a morte sofrida por amor, em lugar do irmão, é um ato heroico do homem mediante o qual, juntamente com o novo Santo, glorificamos a Deus»<sup>276</sup>.

«Maximiliano não morreu, mas “deu a vida... pelo irmão”»<sup>277</sup>. João Paulo II procura com esta expressão realçar o ato supremo da vida de Maximiliano. À imagem do exemplo de Cristo, Maximiliano deu a vida pelo seu amigo, deu a vida pelo próximo, pelo companheiro no “campo de concentração”. Por isso mesmo, falamos deste ato como um sinal de vitória, semelhante à vitória do próprio Cristo na Cruz<sup>278</sup>. É por este seu exemplo de dádiva que João Paulo II diz: «decretei que Maximiliano Maria Kolbe, venerado que era como confessor a partir da Beatificação, fosse de agora em diante venerado também como Mártir»<sup>279</sup>.

## 2.15.- O “apóstolo do século XX”

«O que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte» (*1Cor.* 1,27). Assenta na perfeição esta frase de São Paulo aos habitantes de Corinto para descrever vida de Maximiliano Kolbe. O “louco pela Imaculada” – como alguns autores gostam de lhe chamar<sup>280</sup> – construiu grandes obras; coisas imponentes que ainda perduram no tempo embora aos olhos dos sábios não passassem de sonhos utópicos de um pequeno frade que pensava conseguir converter o Mundo inteiro. Por outro lado, temos a fraqueza, incarnada na doença que o acompanhará toda a vida. A doença fá-lo parecer fraco e frágil, todavia, até à hora da morte ele demonstra precisamente o contrário,

---

<sup>275</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe*, n.º 3, 1220.

<sup>276</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe*, n.º 3, 1221.

<sup>277</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe*, n.º 7, 1222.

<sup>278</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe*, n.º 8, 1223.

<sup>279</sup> IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe*, n.º 9, 1224.

<sup>280</sup> Cf. OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 142.

porque ele terá tido presente a seguinte mensagem: «por isso me alegro nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias, por Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte» (2Cor. 12,12).

Maximiliano é um homem que não tem medo de arriscar e, como tal, podemos considerá-lo como alguém à frente do seu tempo; ele, recordemos, «foi um verdadeiro vanguardista em métodos de apostolado, adornando com excepcionais de organizador»<sup>281</sup>. Basta termos presente os esforços que fez para conseguir evangelizar através de revistas e da rádio, pois é preciso termos consciência de que os tempos eram bem diferentes daqueles que atravessamos hoje, em que, embora com muitos mais meios evangélicos ao nosso dispor, parece que os queremos ignorar olímpicamente, com consequências que, um dia, serão lamentadas.

Podemos afirmar, seguindo Ochayta Piñeiro que foi «com toda a justiça [que] João Paulo II proclamou este homem de fé e esperança como “patrono e apóstolo do nosso difícil século”, deste século XX, caracterizado, em grande parte, pelo agnosticismo e a falta de esperança»<sup>282</sup>. É face àquela mudança de paradigma relativa ao Cristianismo e à espiritualidade cristã que vamos assistindo, que homens como Maximiliano Kolbe devem ser cada vez mais lembrados e falados. É por exemplos como o que nos foi deixado pelo «“mártir da caridade”»<sup>283</sup> que a sociedade pode ser melhor, acreditando que «o amor jamais acabará» (1Cor. 13,8), ocorra o que ocorrer à nossa volta.

---

<sup>281</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 187.

<sup>282</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 224.

<sup>283</sup> OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe*, p. 225.

## CAPÍTULO 3

### MARIA, A IMACULADA, NOS ESCRITOS DE MAXIMILIANO KOLBE

Quando se fala, como nós fizemos no título deste terceiro e mais decisivo capítulo da nossa Dissertação, em “escritos”, é possível que venham à mente a imagem de grandes tratados organizados sobre este ou aquele tema. Todavia, ao falarmos em “escritos de Maximiliano Kolbe” não é, de todo, a isso que nos estamos a referir. O padre Kolbe não escreveu grandes tratados e não deixou uma vasta obra publicada. A grande maioria dos textos da sua autoria que chegaram até nós são breves anotações e cartas, quase sempre escritas pela noite dentro após um longo dia de trabalho<sup>284</sup>.

Neste sentido, «o p. Kolbe não é um pensador no sentido clássico da palavra, (...) ele é essencialmente um místico e um apóstolo»<sup>285</sup>. A partir desta opinião de Giuseppe Simbula, é possível perceber que a grande preocupação do padre Maximiliano é traduzir para uma linguagem compreensível o seu pensamento e, a partir daí, tentar fazer com que todos possam perceber aquilo que pretende dizer. Nesta perspectiva, o grande interesse dos escritos do nosso Autor reside na riqueza e na intensidade da sua própria vida; ou seja, importa-nos conhecer, tendo em conta a sua rica experiência, aferir o que dela está presente nos seus textos.

Contudo, a partir do material redigido pelo nosso Autor que chegou até aos nossos dias, é perfeitamente possível abeirarmo-nos da clareza objetiva com a qual aquele demonstra o seu amor a Deus e à Imaculada. Ainda assim, é importante realçar a ideia de que é preciso ler os seus textos – forma privilegiada para se aceder ao, e conhecer o, seu pensamento – «à luz da cultura católica do [seu] tempo, na qual ele está assaz inserido, e da tradição teológico-espiritual do franciscanismo, na qual ele está profundamente

---

<sup>284</sup> Cf. SIMBULA, Giuseppe – Introduzione alla lettura, in *Scritti*, p. 71.

<sup>285</sup> SIMBULA, Giuseppe – Introduzione alla lettura, p. 72.

imerso»<sup>286</sup>. De facto, só assim se poderá evitar incorrer em juízos apressados e (ou) anacrónicos que impeçam, de modo total ou parcial, que aqueles textos nos transmitam o essencial da mensagem neles presente; da mensagem que neles está patente para a sua posteridade que também é o nosso presente.

Os escritos de Maximiliano foram divididos, pelos responsáveis italianos da sua edição crítica, em dez grandes grupos: cartas; exercícios; meditações; apontamentos; artigos; textos inéditos, para um possível livro; escritos pessoais; escritos jurídicos; e invenções. Todos estes grupos são compostos de textos que abordam os mais variados temas, dando-nos particularmente a conhecer como é que aquele ia enfrentando e tentando resolver os mais diversos problemas com que se ia deparando. Dessa forma e tudo somado, são textos que nos permitem aproximar das inquietações pelas quais o padre Kolbe passou e, ao mesmo tempo, do seu pensamento, particularmente, e no que mais nos interessa, a respeito da Imaculada.

### **3.1.- Maria, a Imaculada**

«Brilhou o amanhecer que anunciava a proximidade do sol: na cidade palestina de Nazaré, situada na encosta de uma colina entre o lago da Galileia e o monte Tabor, nasce Maria: a futura Mãe de Deus» (*Scritti*, 1069, 1877). Se estivéssemos a falar de um conto de fadas, diríamos apenas que o resto “é história”. Mas aquelas palavras não se reportam a nenhuma fábula, por mais bem elaborada que esta pudesse ter sido elaborada. Elas referem-se ao evento histórico de uma menina que nasceu para dar à luz o Filho de Deus. Eis o elemento-*pivot* da vida e da missão de Maria, o qual nos permite expor com segurança tudo o que acerca disso há a dizer a partir da análise dos escritos do nosso Autor.

«Não só é difícil, mas impossível chegar mais perto de Jesus sem Maria» (*Scritti*, 643, 1175). É com estas palavras de Maximiliano Kolbe, dirigidas a frei Mateusz Spolotakiewicz, que, apoiados no elemento-*pivot* antes exposto, elegemos começar a nossa reflexão acerca do pensamento daquele sobre Maria, a Imaculada. Um pensamento que revela a decisiva importância que ele atribui a esta e que, sobretudo nos seus escritos mais pessoais, chega a hipérbolos extraordinárias de afeição e desvelo, tal como podemos

---

<sup>286</sup> SIMBULA, Giuseppe – Introduzione alla lettura, p. 73.

constatar quando, deixando entender a impossibilidade – não só ontológica, mas igualmente teológica – disso poder vir a acontecer, o mesmo refere que «se Lúcifer pudesse invocar, para própria salvação, a Ss. Virgem apenas com a palavra “Maria”, alcançaria instantaneamente o paraíso» (*Scritti*, 1335, 2367).

Por força de toda a sua relevância, é deveras importante conhecer a Maria, a Mãe de Deus. Todos nós temos bem presente, independentemente das experiências pessoais mais ou menos gratas que ele possa evocar, o conceito de “mãe”. No mais íntimo do coração de todos nós – seja fruto do vivido ou do esperado –, a mãe é uma mulher carinhosa, preocupada, protetora; em suma, é como que uma “heroína” que tudo faz, ou pelo menos tenta fazer, pelo filho que deu à luz. Esta é, possivelmente, uma breve descrição que poderia ser feita da mãe de qualquer um de nós. Todavia, quando falamos de Maria não estamos apenas a falar de uma mãe de Alguém meramente como nós, mas sim da Mãe de Deus, pois Jesus é não só verdadeiramente humano, mas também verdadeiramente divino, sendo mesmo apenas uma Pessoa divina. Ora, já vimos que o conceito de “mãe” é de relativamente fácil apresentação, no entanto,

«a noção de “Deus” contém o infinito em si, e como a nossa inteligência é limitada, nunca será capaz de entender completamente o conceito da “Mãe de Deus”. Portanto, aqueles que não são capazes de dobrar os joelhos e de lhe implorar, em humilde oração, a graça de saber quem ela é realmente, não se espere que aprendam algo mais sobre ela» (*Scritti*, 1210, 2117).

Como se constata, Maria é, para o nosso Autor, mais do que uma mãe. Mas não só: embora devamos estar cientes de que o nosso intelecto não é capaz de compreender a glória da Virgem (cf. *Scritti*, 1224, 2148), sabemos que há um caminho para nos aproximarmos dela e acerca dela poderemos discorrer: é necessário «dobrar os joelhos e (...) implorar». Ou seja, é na oração humilde – esse amoroso diálogo discreto de coração a coração – que desenvolvemos aquela relação com Maria que, embora agude a mencionada noção de que a nossa inteligência limitada não atinge o que ela é enquanto Mãe de Deus, nos permite realizar o que foi aludido: chegarmos a ela e sobre ela falarmos.

«Deus disse: “*Fiat*” [cf. *Gn.* 1,3-6] e a criação fez-se. Uma criatura, Maria, disse: “*Fiat Mihi*” [*Lc.* 1,28] e Deus tornou-se presente Nela» (*Scritti*, 1283, 2272-2273). Com o “faça-se” de Deus tem início a recriação de tudo aquilo que existiu, existe e existirá de definitivo na história de amor entre Deus e a humanidade. Através do “*fiat*” de Maria, uma pessoa humana, «nasce Jesus, Homem-Deus, Filho de Deus e Filho do homem» (*Scritti*, 1282, 2272). Através da entrega de Maria tornou-se possível a encarnação, a

presença viva de Jesus no seio mais íntimo da humanidade. A vontade de Maria é, pela docilidade da mesma aos desígnios divinos, a vontade de Deus; isto é, ela intui desde logo, como que num *flash* de amor que a iluminará ao longo de uma vida em que a incerteza não-culpável também estará presente, que «nada é impossível a Deus» (*Lc.* 1,37) e, como tal, aceita ser a Mãe do Santo que vai nascer. Aquele a que chamarão Filho de Deus (cf. *Lc.* 1,35). Mas note-se que a resposta de Maria à anunciação do anjo não é dita com orgulho, sendo, antes, um verdadeiro sinal da sua humildade, do seu amor e da sua gratidão por ter sido a eleita para conceber a Jesus; para conceber Àquele que, indo ser o seu filho segundo a natureza humana, fará de si a Sua filha segundo a graça divina.

### **3.1.1.- Quem é Maria, a Imaculada?**

A pergunta que dá nome a esta subsecção trespassa implicitamente a maioria dos escritos do nosso Autor referentes a Maria. Ele mesmo dá-nos uma resçosta: «por si só não é nada, como as outras criaturas, mas por obra de Deus é a mais perfeita entre as criaturas. A mais perfeita semelhança do Espírito Divino e uma criatura puramente humana» (*Scritti*, 1320, 2332).

Que quer isto dizer? Por um lado, diz-nos que, segundo o padre Kolbe Maria «não é nada»; ou melhor, é apenas uma criatura também criada por Deus e por Este sustida a cada momento numa existência que, por ela mesma, não pode garantir. No entanto e por outro lado, ela deixa que Deus opere admiravelmente em si e, dessa forma, do nada passa a ser «propriedade de Deus, semelhança de Deus, imagem de Deus, filha de Deus, no modo mais perfeito possível para um ser meramente criado» (*Scritti*, 1320, 2333). Do nada passa a ser como que tudo, em e para Deus. Fruto da obra que Deus realiza em si, ela passa a ser o Seu instrumento, na medida em que Lhe entrega o seu coração com plena integridade e, assim, logra conformar-se com a Sua vontade.

Em consequência do escrito anteriormente – e recordando nós que a natureza humana, a partir da glorificação da mesma em Jesus aquando da Sua ressurreição e ascensão, está no seio do próprio Deus –, o nosso Autor ousa afirmar, com laivos de um certo exagero retórico, que Maria «é perfeitamente de Deus, até se tornar quase uma parte da Ss. Trindade, embora seja uma criatura finita» (*Scritti*, 508, 1017). Sublinhemos, com atenção, o uso do termo “quase”, essencial para se entender que estas palavras do nosso Autor podem ser entendidas como uma outra forma de se dizer o clássico tema cristão da

“divinização”. Ora bem, com isto bem salvaguardado – para se poder evitar toda e qualquer leitura abusiva, seja por excesso, seja por defeito –, é com uma certa naturalidade que o padre Kolbe aduz que

«a Imaculada é o limite último entre Deus e a criação. Ela é a imagem fiel da perfeição de Deus, da Sua santidade. O grau de perfeição depende da união da nossa vontade com a Vontade de Deus. Quanto maior é a perfeição, tanto mais estreita é a união. Por isso, a Mãe Santíssima superou, com a sua perfeição, todos os anjos e santos, porque, a Sua Vontade está unida e identificada da maneira mais estreita com a Vontade de Deus» (*Scritti*, 1232, 2168).

Desta última citação, que expressa um conjunto de ideias que o pe. Kolbe sustém noutros momentos decisivos das suas reflexões sobre a Imaculada, podemos constatar que, quando o mesmo se refere à Imaculada, estão subjacentes um conjunto de elementos que tendem a estar presentes. Em concreto: ela é a criatura criada que mais se aproxima de Deus; aquela que mais abre o coração ao Seu chamamento; aquela que mais ouve a Sua palavra; e, enfim, aquela que mais e melhor cumpre a Sua vontade.

Consciente de que algumas das suas expressões poderiam ser excessivas se não bem enquadradas, o nosso Autor também não se esquece de vincar que a Imaculada «não é Deus, pois Ele não tem princípio; não é um anjo, criado diretamente do nada; não é Adão, modelado da terra; não é Eva, criada de Adão; nem é o Verbo incarnado» (*Scritti*, 1318, 2329). Contudo, ela deve ser para nós o exemplo mais perfeito daquilo que pode ser um mero ser humano enquanto imagem de Deus, na medida em que supera todos os outros no que diz respeito à união com Ele. Como tal e enquanto meros seres humanos que somos, ela deve ser o nosso ideal do que é ser uma pessoa humana (cf. *Scritti*, 1210, 2117), mas nunca nos esquecendo que o ser humano perfeito é Jesus Cristo, seu filho e nosso Deus, a perfeita Imagem de Deus, face à qual todos nós – inclusive Maria – só somos imagem da Imagem (cf. *Col.* 1,15).

Com Maria tem início uma nova era, pois – com o, e graças ao, seu filho – «não haverá mais os severos castigos do Antigo Testamento, o temor dará lugar ao amor, a criatura será redimida, pois, mesmo que infelizmente seja culpada, possui para sempre a mais misericordiosa e poderosa Medianeira, aquela que não é capaz de a [a criatura] abandonar, e para a qual Deus, seu verdadeiro Filho, nada pode refutar» (*Scritti*, 1069, 1877). Vemos, por conseguinte, que é através de Maria que é possibilitada a grande mudança que se operou na continuidade da História da Salvação: aquela que vai da Antiga à Nova Aliança.

Mas, o que concede toda esta graça a Maria? A resposta é relativamente simples e já a apresentámos no começo deste subcapítulo: a divina maternidade. Dissemos “relativamente”, pois, sabemos bem que, ainda hoje e inclusive entre os cristãos, muitos são aqueles que não compreendem este mistério, que mais do que se reportar a Maria, está todo ele focado em Jesus, pois é Este que, ao ter nascido daquela, é Quem permite que a mesma tenha sido Sua mãe. Contudo, nós sabemos que «da Divina Maternidade brotam todas as graças concedidas à Santíssima Virgem Maria» (*Scritti*, 1210, 2117) e sabemos também que, como o nosso Autor refere no mesmo lugar, a «primeira de tais graças é a Imaculada Conceição»; isto é, a conceção de Maria por seus pais, mas sem que esta conceção tenha sido afetada pelo pecado original, justamente devido à aplicação, antecipada e preventiva e como um dom absolutamente gratuito, da graça salvífica omniabarcante que Jesus Cristo comunicou na Cruz da Sua máxima entrega.

É precisamente isto que, segundo a nossa opinião, talvez possa explicar o facto de que o nome mais vezes usado pelo nosso Autor para se referir a Maria é o de “Imaculada Conceição”. Mas Maximiliano Kolbe aduz uma outra explicação para tal sua preferência: o seu amor a Maria, e em particular o seu amor por esta enquanto dada a vivenciar em Lourdes, ocasião em que aquela, correspondendo ao «repetido pedido de Bernadette, a Imaculada revelou seu nome dizendo: “Eu sou a Imaculada Conceição”» (*Scritti*, 1319, 2332). Ora, nesse evento e segundo o que diz o nosso Autor no local da nossa anterior citação, a Imaculada define-se a si mesma mediante as palavras “Imaculada Conceição”, como se já não fosse “somente” aquela que foi concebida sem pecado, antes passasse a ser a própria Imaculada Conceição. Ou seja: em Lourdes consumou-se a passagem da devoção ao evento – a conceção sem mácula – à pessoa de Maria entendida como a personificação plena desse evento – a Imaculada Conceição.

Podemos verificar, dentro da moldura que fomos delineando precedentemente, que, de acordo com o pensamento do padre Kolbe, Maria é e não é uma criatura igual às outras. É-o, pois é uma criatura que não possui o ser por si mesma; não o é tendo em conta que o Filho de Deus “desce” do céu e incarna no seu ventre sem a cooperação de um varão, facto este que permite que Maria permaneça virgem e pura aquando da conceção de Jesus. Tudo isto – a preservação da virgindade e da pureza<sup>287</sup> de Maria – faz sentido na medida em que, como diz o nosso Autor, é uma realidade que «convinha à futura Mãe de Jesus

---

<sup>287</sup> Cf. LEGASSE, Simon; DUPUY, Michel – Pureté/Purification, in *DSp.* 12, col. 2627-2652.

Cristo, Deus incarnado, infinitamente puro e santo» (*Scritti*, 1279, 2268; cf. *Scritti*, 1203, 2105).

Neste sentido, ao lermos as referências que o padre Kolbe faz à Virgem, percebemos que ela se destaca entre todas as demais criaturas:

«Na ordem natural e no sobrenatural, tudo descende do Pai através do Filho e do Espírito Santo até às criaturas, assim como todas as criaturas ascendem ao Pai através do Espírito e do Filho. A Virgem Imaculada, todavia, a mais perfeita entre as criaturas, foi elevada acima de todas as outras criaturas e é uma criatura “divina” de uma maneira inefável» (*Scritti*, 1224, 2149).

«Criatura “divina”», diz o nosso Autor para assinalar, não uma qualquer divindade estrita de Maria, mas a sua plena pertença a Deus, naquilo que faz dela a mais sublime das criaturas. Como tal, é deveras importante conhecê-la, não só a ela, mas principalmente à relação que a mesma possuiu, e ainda possui, com «Deus Pai, com Deus Filho, com Deus Espírito Santo, com toda a Santíssima Trindade, com Jesus Cristo, com os Anjos e conosco homens» (*Scritti*, 647, 1185). Note-se que ao mencionar, na mesma frase que acabámos de transcrever, «Deus Filho» e «Jesus Cristo», o padre Maximiliano não está a fazer uma distinção radical entre ambos, mas apenas a admitir uma verdade teológica fundamental: Jesus não é apenas Deus Filho, mas Deus Filho incarnado, tendo, assim, unida à Sua Pessoa a natureza humana. Dito isto, é compreensível que, para o nosso Autor, é na medida em que alguém aperfeiçoa o seu conhecimento acerca de Maria que o mesmo aproximar-se-á mais do próprio conhecimento de Deus e, como veremos mais adiante e numa vertente mais decisiva, vice-versa.

### **3.1.2.- O amor de Deus pela Imaculada**

Como vimos anteriormente, não é possível compreender-se a Imaculada sem nos abeirarmos ao mistério do amor de Deus pela mesma. Aquele mistério que faz dela o vértice, o cume do amor da Criação que retorna a Deus. E porquê? Por dois motivos entrecruzados. Em primeiro lugar, porque, pelo amor incondicionado de Deus por Maria e tal como já foi aludido, esta não é manchada pelo pecado, pois foi concebida sem pecado original: através da graça que recebe de Deus, Maria «diferencia-se dos outros seres humanos, na medida em que a sua conceção [dos outros seres humanos] é manchada pelo pecado original, uma vez que são filhos dos progenitores, que pecaram, ao passo que a sua conceção é removida desta lei comum, é uma conceção imaculada» (*Scritti*, 1319, 2332).

Uma que testemunha, de modo admirável, o amor de Deus por si, enquanto suporte do Seu amor por toda a humanidade.

Em segundo lugar, mas não menos importante, visto que em nenhum momento a vontade de Maria se afasta da vontade Deus e – o que é quase dizer o mesmo, pois a “vontade” é a faculdade espiritual amante – em nenhum momento o seu amor se aparta do amor de Deus. Perante isto, toda a sua vida é marcada pela pertença a Deus; uma pertença sempre livre fruto da sua entrega total ao Criador, em consequência de uma resposta voluntária sua a uma prévia entrega amorosa e total d’Aquele à mesma. Eis, aqui, uma das principais razões porque, para se conhecer adequadamente a Maria, é necessário conhecer-se o melhor possível a Deus e ao modo como Este age pelo Seu amor (cf. *Scritti*, 1292, 2280-2281).

Ora bem, em consequência do afirmado, não é de espantar que o nosso Autor refira que é na concepção imaculada – evento que dará origem ao título de “Imaculada Conceição” aplicado a Maria, até se ter tornado um sinónimo desta – que começa a acontecer o milagre da, sempre desejada por Deus, união entre Este e a Criação. Quer dizer: o milagre da união, na Pessoa de Jesus, da natureza divina à natureza humana –, o qual se consumará na glorificação da natureza humana assumida por Jesus. O Pai confia a Maria o Filho, como quem confia um filho à sua esposa e, desse modo, o Filho “desce” ao ventre virginal daquela, por obra do Espírito Santo, o Qual, por Sua vez, gera nela o corpo humano do Filho de Deus (cf. *Scritti*, 1310, 2303), permitindo o surgir de Jesus, «que é o fruto do amor de Deus pela Santíssima Virgem» (*Scritti*, 1291, 2280). Mas isto apenas porque Aquele é sinal do Seu amor por todo o Mundo (cf. *Jo.* 3,16).

É um facto de que, fruto de toda a relevância de Maria para os cristãos e seguindo uma longa tradição cristã, Maximiliano Kolbe atribui-lhe vários títulos, alguns dos quais podem ser vistos na próxima citação: «[Maria é] o refúgio dos pecadores, a ajuda dos cristãos, a Rainha dos apóstolos, dos mártires, dos confessores, de todos os santos e dos anjos com eles mesmos; Tu és a Mãe de Cristo, a Mãe do Salvador, a Mãe do Redentor, a verdadeira Mãe de Deus» (*Scritti*, 1224, 2149). Ainda assim, ficamos com a ideia de que, para o nosso Autor, o título que, decorrendo da concepção imaculada de Maria, melhor poderia definir a esta é o de “rainha”. E isto na medida em que, devido à sua especial colaboração com o amor de Deus e de Jesus por Maria, «ela é a Rainha do universo, a Rainha do céu e da terra» e «no paraíso todos A reconhecem como Rainha» (*Scritti*, 1321, 2334).

Como Rainha que é, Maria adquire um grande poder subsidiário ao poder amoroso de Deus, em que, por conseguinte e seguindo a Este, as suas grandes “armas” são o amor e a misericórdia. Estas “armas” são verdadeiramente eficazes, pois, por mais frágeis que sejam dado que nada podem fazer para limitar a liberdade humana, respondem a anseios profundos do ser humano que são escassamente tidos em consideração no seio da nossa presente sociedade.

Ora, segundo Kolbe, quando é preciso utilizar tais “armas”, Maria, com a anuência de Deus e sempre e apenas graças ao poder amoroso d’Este a agir através da sua pessoa, utiliza-as, particularmente quando é necessário denunciar e refutar o avanço das heresias. De facto, para o nosso Autor, Maria é aquela que subjuga, em união com o seu filho, todas as heresias – que são sempre decorrentes de um vincar exagerado, fruto do egoísmo humano, de uma parcela da verdade –, porque todas as afirmações feitas sobre Maria são sempre corolários de realidades salvíficas fundamentais operadas por Deus e por Deus incarnado. Desse modo, Maria purifica, em colaboração com a ação fundamental de Deus, as almas do pecado e do defeito, adornando-as de virtudes e enchendo-as de um amor ardente (cf. *Scritti*, 1170, 2032-2033).

### **3.1.3.- O Dogma da Imaculada Conceição**

Vimos anteriormente quem é Maria, a Imaculada, para Maximiliano Kolbe. Mas o que é que o mesmo refere a propósito da proclamação dogmática da conceção imaculada daquela? É o que desejamos trazer à consideração dos nossos eventuais leitores neste presente apartado da nossa Dissertação. Ora bem, segundo o nosso Autor, a crença na conceção imaculada da Mãe de Deus foi incrementando com o passar dos tempos no seio da vida mais comum do Povo de Deus, ou seja, tratava-se de uma crença que surgiu na vida do Povo de Deus e que se foi mantendo viva – e assim vitalizante – no mesmo. Todavia, e ainda e sempre de acordo com o padre Kolbe,

«o que no passado estava implícito na fé através da expressão: “plenitude da graça”, que expressa a santidade e pureza sem mancha da Mãe de Deus, agora manifestou-se expressamente (...) [n]o momento em que o Papa Pio IX, 256.º sucessor de S. Pedro, acompanhado por 53 cardeais, 42 arcebispos, 92 bispos e de uma multidão incalculável de fiéis, na qualidade de Pastor de toda a Igreja, declarou solenemente que a doutrina – que afirma que a Ss. Virgem Maria no primeiro instante da sua conceção foi preservada imune a qualquer mancha do pecado original, por uma graça particular e por um privilégio de Deus Omnipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo Salvador do género humano – foi revelada por Deus» (*Scritti*, 1081, 1894).

Como podemos constatar, para o padre Maximiliano, a fé na concepção imaculada de Maria remonta aos próprios primórdios da Igreja, ainda que pudesse, porventura, estar implícita noutras expressões como “plenitude da graça”. Com estas expressões não se retirava, certamente, o valor da sua santidade e da sua pureza integrais – inclusive no que diz respeito ao que de pecaminoso se poderia pensar que comportaria a concepção humana, em especial, e no que agora mais nos interessa, para a pessoa que dela resultasse. No entanto, e ainda de acordo com aquele, era necessário algo mais: era necessário deixar isso patente de modo inequívoco, tendo sempre como fim último, não a glória individual de Maria, mas a própria maior glória de Deus. É neste sentido que o nosso Autor concebe a conveniência da proclamação do dogma da “Concepção Imaculada” de Maria.

Tal dogma acaba – depois de ter sido pela primeira vez definido, de modo oficial e legítimo pela Igreja Católica, através do Decreto “*Elucidantibus*”<sup>288</sup>, exarado a 17 de setembro de 1439, na trigésima terceira sessão do intrincado Concílio medieval de Basileia(-Ferrara)-Florença<sup>289</sup> – por ser novamente proclamado, por motivos históricos também relacionados com o decorrer de tal Concílio, por Pio IX, mediante a Bula “*Ineffabilis Deus*”. Este último documento, na parte do mesmo que é decisiva, diz-nos:

«declaramos, proclamamos e definimos: a doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilégio do Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador de gênero humano, foi preservada imune de toda a mancha da culpa original, é revelada por Deus e por isso deve ser criada firme e constantemente por todos os fiéis (...) pensar diferente do que foi por Nós definido, tais tomem conhecimento e saibam que, condenados por seu próprio juízo, naufragam na fé e estão separados da unidade da Igreja» (DH 2803-2804).

Por força da necessidade de uma expressão concreta, o dogma foi «definido somente no ano 1854» (Scritti, 1222, 2130) e, como se lê no mesmo local dos escritos do padre Kolbe – que, como ainda hoje é frequente mesmo entre os mais avisados dos católicos, ignora o antes apontado dado histórico referente ao aduzido Concílio de Basileia(-Ferrara)-Florença –, «seguidamente à proclamação de tal dogma, a devoção à Imaculada difunde-se amplamente no mundo e muitas associações se comprometeram a lutar, sob a Sua proteção, pelo Reino de Deus sua terra». Como vemos, de acordo com o nosso Autor, a promulgação daquele dogma, no decisivo ano de 1854, teve efeitos deveras

---

<sup>288</sup> O texto deste documento pode ser lido em: ALBERIGO, Giuseppe [et al.] (ed.) – *Conciliorum oecumenicorum generaliumque decreta*, vol. 2/2. Turnhout: Brepols, 2008, p. 1074-1076.

<sup>289</sup> Cf. DECALUWÉ, Michiel; CHRISTIANSON, Gerald – Historical survey, in DECALUWÉ, Michiel; IZBICKI, Thomas M.; CHRISTIANSON, Gerald (ed.) – *A Companion to the Council of Basel*. Leiden: Brill, 2017, p. 35.

benéficos para o culto à Imaculada, não só pelo aumento dos devotos, mas também pela criação de associações que se entregam à sua proteção, como é o caso da própria Milícia da Imaculada.

Pois bem, neste momento da nossa exposição, e devido ao relevo que o padre Maximiliano confere a esse conceito, é conveniente perguntar-nos, ainda que de uma forma tangencial, acerca do que é um “dogma”. Pois bem, segundo o “*Catecismo da Igreja Católica*” de 1992,

«o Magistério da Igreja faz pleno uso da autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, isto é, quando propõe, dum modo que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, verdades contidas na Revelação divina ou quando propõe, de modo definitivo, verdades que tenham com elas um nexo necessário» (*CdIC* 88).

Daqui depreendemos que os dogmas são essencialmente verdades da fé que, baseadas inequivocamente na Revelação divina, o Magistério da Igreja define e às quais, a partir dessa definição, os cristãos devem aderir. Assim, «os dogmas são luzes no caminho da nossa fé: iluminam-no e tornam-no seguro» (*CdIC* 89). Por conseguinte, podemos afirmar, juntamente com o evocado pelo nosso Autor e sem receio algum de estarmos a incorrer num exagero, que com a definição deste dogma – que se juntava, na ocasião de sua proclamação, ao de Maria “*Theotókos*” e ao da “virgindade perpétua” da mesma – a conceção imaculada da mãe do Senhor Jesus passa a iluminar o nosso caminho na fé. Conhecê-la é conhecer melhor a Maria, e, especialmente, Aquele que permitiu que tal acontecesse: Jesus Cristo, pois, na realidade, o dogma da “Conceção Imaculada” pretende, sobretudo e como ocorre com todos os dogmas ditos “marianos”, aclarar algo sobre Este. Em concreto: que a Sua amorosa ação salvífica é universal e cronologicamente ilimitada, abarcando todos os locais e todos os tempos, anteriores e posteriores à Sua vida pela “Terra Santa” há cerca de dois mil anos.

Com isto bem escorado, podemos dar um passo “para trás” para darmos outros “para a frente” na nossa apresentação. Ora bem, com a promulgação deste dogma ocorreu justamente o que já vimos que Maximiliano Kolbe escreveu sobre a necessidade de manifestar expressamente, e como corolário resultante de toda uma convergência de reflexões, a realidade histórico-salvífica da conceção imaculada; ou seja, de se ir além da devoção mais ou menos profunda e universal presente no coração dos fiéis para se entrar no âmbito da definição em nome da Revelação.

Assim sendo, dizer-se que Maria é a Imaculada não se trata de «uma hipótese, de uma probabilidade, mas de uma certeza, de uma certeza total, de um dogma de fé» (*Scritti*,

1305, 2298). Um dogma que, no sentido mais correto a precisar de ser dado a este termo e revelando uma especial e absolutamente «singular missão da Santíssima Virgem Maria e da sua inefável união com o Espírito Santo, [levou a que houvesse] também entre os fiéis a maravilhosa esperança de obter a suave proteção de Maria» (*Scritti*, 1229, 2161). Isto, para o nosso Autor, acontece desde o momento em que os fiéis reconhecem que não se está a falar de imagens, ou simplesmente a fazer analogias, mas trata-se, no parecer do padre Kolbe, da realidade mais bela e mais sublime que, decorrendo do amor de Deus, alguém pode considerar com enlevo filial acerca da mãe espiritual de todos nós (cf. *Scritti*, 461, 959).

### **3.2.- A Imaculada e o Espírito Santo**

Ao longo da nossa pretérita exposição acerca do pensamento do padre Maximiliano sobre Maria, a Imaculada, já pudemos ir constatando a importância que o mesmo outorga à relação entre, por um lado, aquela e, por outro lado, o Espírito Santo. Ora bem, tal relação é uma relação especial, ou não tivesse ela concebido o seu filho por vontade de Deus e pela obra do Espírito Santo, conforme lhe disse o anjo: «“O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus”» (*Lc.* 1,35). Deste modo, sabemos que o Espírito Santo “veio” até Maria a fim de, em colaboração com a ação do Pai – e até com a do próprio Filho eterno que voluntariamente aceitou a “descer” sobre Maria –, nela incarnar Aquele que era, e que é, Filho de Deus.

Maximiliano Kolbe narra diversas vezes a relação entre Maria e o Espírito Santo em tons de uma relação sponsal, na medida em que, segundo aquele e na linha de uma cristalização da piedade mariana já consagrada ao seu tempo e ainda hoje presente no coração de muitos dos nossos irmãos católicos, o Espírito Santo é como que o Esposo divino da sempre virgem Maria (cf. *Scritti*, 1165, 2026). Desde o primeiro momento da sua existência, o Espírito Santo – Aquele que concede todas as graças que descem do céu a partir do Pai (cf. *Tg.* 1,17) – esteve presente no seu ser, libertando-o de toda a mancha de pecado. Assim, o clássico título mariano de “Esposa do Espírito Santo” poderá, porventura e apesar de tudo o que acarreta, até nem ser suficiente para aclarar esta relação, pois, «a união entre os dois é tão estreita que o Espírito Santo, que compenetrou profundamente na alma da Imaculada, não exercita alguma influência na alma se não por

meio Dela. Por isso Ela torna-se mediadora de todas as graças» (*Scritti*, 1224, 2149-2150) comunicadas por Aquele.

De facto, o padre Kolbe considera que desde o momento da união da Imaculada com o Espírito Santo, Este não concede nenhuma graça, que a Si seja transmitidas pelo Pai através do Filho, sem que seja através de Maria. Tudo é feito através da “mediadora de todas as graças”; isto é e na linha de uma tradição teológica franciscana bem conhecida, com o seu consentimento e com a sua colaboração. Deste modo, a função de medianeira – termo que nós estimamos que é preferível ao de “mediadora”, não obstante este último seja o mais usado pelo nosso Autor – atribuída à Imaculada, é elevada a um patamar que faz dela virtualmente indispensável para a própria salvação (cf. *Scritti*, 1310, 2302).

Posto isto, e pelo facto de ser como que a Esposa do Espírito Santo, a Imaculada articula-se de modo perfeito e inefável com Este – o que faz com que nós não consigamos perceber, na sua plenitude, a sua natureza e conseqüências –, sendo tal união «antes de tudo interior, é a união do Seu ser com o ser do Espírito Santo. O Espírito Santo habita Nela, vive Nela (...) sempre e pela eternidade» (*Scritti*, 1318, 2330). Em consequência disto, e como o Espírito Santo, enquanto Terceira Pessoa da Trindade, participa na Obra de Redenção levada a cabo maximamente por Jesus Cristo, é importante compreender-se a Sua missão para se conhecer melhor o que a relação entre Ele e Maria comporta para esta e, assim, para a nossa relação para com a mesma.

Ora bem, segundo o nosso Autor, a missão salvífica do Espírito Santo passa por moldar a alma dos homens em templos de Deus, tornando-os assim em filhos adotivos (cf. *Scritti*, 1229, 2162). A ação do Espírito é, indubitavelmente, importante para o homem, pois, como diz São Paulo:

«A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum. A um é dada, pela ação do Espírito, uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, a fé, no mesmo Espírito; a outro o dom das curas, no único Espírito; a outro o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas, a outro, por fim, a interpretação das línguas. Tudo isto, porém, o realiza o único e mesmo Espírito, distribuindo a cada um, conforme lhe apraz» (*1Cor.* 12,7-11).

Como vemos, de acordo com São Paulo, o Espírito Santo dá a cada um segundo Lhe apraz – facto este que aponta imediatamente para a Sua natureza pessoal –; ou seja, manifesta a cada um a graça que Ele lhe quer comunicar no seio deste rol de numerosas graças possíveis, e isto, recordemos, para benefício não propriamente do próprio, mas, ainda que através deste, dos demais que com ele formam o corpo eclesial. Porém, para

Maximiliano Kolbe, este papel não é suficiente para a manifestação do amor dadivoso do Espírito Santo; ou melhor, o Espírito Santo necessita, se assim o pudermos dizer, de algo mais. Assim sendo, o nosso Autor refere que

«como Jesus, para manifestar o seu imenso amor por nós, se tornou Homem-Deus, assim também a terceira pessoa, Deus-Amor, queria manifestar com algum sinal externo a própria mediação com o Pai e o Filho. Este sinal é o Coração da Virgem Imaculada, como aparece nos escritos dos santos, sobretudo daqueles que consideram Maria Esposa do Espírito Santo» (*Scritti*, 1229, 2162).

Jesus Cristo, o Deus-Homem, incarnou a fim de manifestar o Seu amor por todos nós. Este, podemos dizer, foi o sinal externo da manifestação do Seu amor. Por sua vez, segundo o padre Kolbe, também o Espírito Santo – dito por este pela denominação, de odor agostiniano, de “Deus-Amor” –, pretendia dar-nos um sinal externo, sinal esse que se manifestou no Coração da Imaculada, facto este que reitera, para o nosso Autor, a conveniência de se tratar a Imaculada por “Esposa do Espírito Santo”. É precisamente fruto desta relação que o padre Kolbe chega mesmo a ousar dizer – com palavras que, quando são citadas retiradas fora da mentalidade daquele e do contexto mais amplo dos textos em que surgem, podem parecer teologicamente inadmissíveis –, que «na Imaculada há duas pessoas e duas naturezas, unidas da maneira mais estreita possível» (*Scritti*, 1286, 2275).

Não pode haver quaisquer dúvidas de que esta última afirmação acerca da Imaculada em relação com o Espírito Santo parece um pouco exagerada. Contudo, o nosso Autor tem o perfeito cuidado de ressaltar que não ocorre, em Maria, nenhuma união hipostática como a que aconteceu em Jesus Cristo. Ou seja: com aquelas suas palavras por nós citadas, o mesmo nada mais quer dizer que o Espírito Se fez presente em Maria da maneira mais perfeita possível a um ser meramente humano.

Tentando explicar melhor a ideia que pretendia transmitir com esta sua intuição, Kolbe diz-nos que se «em Jesus existem duas naturezas [a divina e a humana] e uma única pessoa [a divina], (...) aqui há duas naturezas e duas são as pessoas, o Espírito Santo e a Imaculada, todavia a união da divindade com a humanidade supera qualquer compreensão» (*Scritti*, 1310, 2303). Seja como for, e apesar da natureza e a pessoa da Imaculada serem distintas da natureza e da Pessoa do Espírito Santo, na veneração da Imaculada, está genuinamente implícita uma veneração muito especial ao Espírito Santo (cf. *Scritti*, 634, 1165).

### 3.3.- A Imaculada e Jesus Cristo

Maximiliano Kolbe insiste, por diversas vezes, numa mesma ideia: Maria é a verdadeira Mãe de Deus. Todos sabemos que «uma mãe não se chama e não é mãe de uma parte do filho, nem um pai é pai de uma parte, mas se é pai e se é mãe, são progenitores de todo o filho. Também a Mãe Ss. Chama-Se e é Mãe de todo Jesus, Homem-Deus, por isso é Mãe de Deus» (*Scritti*, 1292, 2281). Jesus Cristo, Deus-Filho, Segunda Pessoa da Trindade, é verdadeiramente filho de Maria como fruto do amor existente entre Deus e esta.

O Senhor está com Ela, diz-nos a Bíblia (cf. *Lc.* 1,28), e ela, graças à sua humildade, entrega-Lhe totalmente o seu Coração, a fim de que o Senhor realize nela aquilo que Lhe aprouver. Em jeito de resposta a esta entrega total de Maria a Deus – que já em si mesma é uma resposta a uma prévia entrega plena de d’Este àquela –, Deus-Pai dá-lhe por filho o verdadeiro e eterno Filho monogénito (cf. *IJo.* 4,19) e, assim, o Filho gerado divinamente na eternidade é igualmente gerado no seio do ventre virginal de Maria. Em resultado disto, «o Verbo fez-Se homem e veio habitar connosco» (*Jo.* 1,14) como fruto do amor mútuo entre Deus e a Imaculada, e de outro modo não conheceríamos Jesus Cristo, nem o, já por nós considerado mais acima, amor de Deus para com a, e na, Imaculada (cf. *Scritti*, 1296, 2287), e isto como expressão concreta de um amor universal de Deus pela humanidade. Um amor que em Jesus Cristo, Deus-Filho incarnado e verdadeiramente filho de Maria, tem uma outra e singularíssima expressão: a de o Mesmo, obedecendo ao quarto mandamento da lei comunicada por Moisés, honrar a Sua mãe e, de certo modo, ser “devoto” da mesma (cf. *Scritti*, 1321, 2334) a fim de cumprir a vontade do Pai (cf. *Scritti*, 1293, 2282).

Fruto da consciência «da Sua relação com Deus Pai, com Deus Filho, com Deus Espírito Santo, com toda a santíssima Trindade, com Jesus Cristo, com os anjos e connosco homens» (*Scritti*, 647, 1185), o coração de Maria ama de modo inexcédível para um ser humano a Jesus Cristo, apresentando-nos e dando-nos o modelo de como também nós O devemos amar. Toda a vida da Imaculada representa o mais perfeito ato de amor humano a Jesus Cristo, donde – e regressando nós a uma temática que já abordámos desde outras vertentes –, quanto mais nos aproximarmos verdadeiramente da Imaculada, tanto mais compreenderemos e amaremos a Jesus, a Deus-Pai, ao Espírito Santo e, assim, a toda a Trindade. (cf. *Scritti*, 605, 1122).

### 3.3.1.- A Imaculada está com, e traz, Jesus

Vimos que devemos amar a Jesus da mesma forma que ela ama a Jesus. Mas não só: devemos amar a Imaculada com o mesmo amor que Jesus a amou enquanto Sua mãe, pois, por ser a mãe de Deus incarnado é também a nossa mãe espiritual. Como tal, para o padre Kolbe, «quem não quiser ter Maria Imaculada como Mãe, não terá Cristo Senhor como irmão, Deus Pai não Lhe enviará o Seu Filho, o Filho não descerá à sua alma, o Espírito Santo não formará com as próprias graças o corpo místico segundo o modelo de Cristo, já que tudo isso acontece em Maria Imaculada, plena de graça, e unicamente em Maria» (*Scritti*, 1295, 2284).

Não podemos compreender Cristo sem Maria. Segundo escreve o nosso Autor na sequência do texto que acabámos de transcrever, ainda que não pensemos nela quando falamos com Jesus, ela aponta-nos o caminho para o Caminho (cf. *Jo.* 14,6). Neste sentido, se amamos verdadeiramente Jesus acima de tudo e desejamos cumprir a Sua vontade, a fim de recebermos as Suas graças, necessitamos de ter presente a Sua mãe. Eis porque o padre Kolbe, fazendo eco a debates que então existiam acerca da conveniência da consagração ao Coração de Maria, refere que quando pensamos que nos basta adorar somente o Sagrado Coração de Jesus<sup>290</sup> e, em função disso, deixamos de parte o amor à Imaculada, estamos perante um ato de soberba, pois, quanto mais nos aproximar-nos da Imaculada, mais nos aproximamos do Pai e de Jesus (cf. *Scritti*, 643, 1176). Ou seja: o amor e a consagração a Maria são uma forma de se viver de modo mais intenso o amor e a adoração a Jesus e a Deus.

Para o nosso Autor, é autoevidente a relação de proximidade que existe, e não pode deixar de existir, entre a Imaculada e o Coração de Jesus. Eles completam-se numa mesma missão, e por isso mesmo «o amor pelo Sagrado Coração de Jesus é o único estímulo que nos impulsiona à união a Ele e através da Imaculada [ganhar] o maior número possível de almas no modo mais estrito» (*Scritti*, 1094, 1920). O Coração de Jesus é como que o coração de um bom pai de família, aquele que ama e protege incondicionalmente todos os seus filhos em todas as circunstâncias. Mas também é como o coração de um bom filho, na medida em que protege e defende a sua mãe. Por sua vez, o coração da Imaculada é humilde e misericordioso, sempre disposto a cumprir a vontade de Deus. Assim sendo, e rematando estas nossas palavras que parafraseiam o pensamento do padre Maximiliano

---

<sup>290</sup> Cf. HAMON, Auguste – Sacré-Coeur (de Jésus), in *DSp.* 2, col. 1023-1046.

presente no mesmo texto de onde retirámos as palavras da nossa última citação, o Sagrado Coração de Jesus é o estímulo que Se liga à Imaculada na busca das almas e na preocupação sobre a miséria humana.

O papel da Imaculada é deveras importante, tendo em conta que «Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e a humanidade; a Imaculada é a única Mediadora entre Jesus e a humanidade e nós seremos felizes mediadores entre a Imaculada e a as almas dispersas por todo o mundo» (*Scritti*, 577, 1086). Estamos aqui perante uma espécie de escada, na qual: o Pai é o topo; depois encontra-se o Filho, Seu único Mediador para conosco (cf. *1Tm.* 2,5); em seguida temos a Imaculada, a qual é, em Jesus e por condescendência d’Este que abre a Sua mediação à inclusividade do amor em detrimento da exclusividade própria do egoísmo, a medianeira entre Jesus Cristo e a humanidade; por fim, estamos todos nós, que somos como que medianeiros da Imaculada espalhados pelo Mundo, para levarem os demais ao amor a esta. Ainda assim, não esqueçamos que,

«certamente, o nosso propósito é Deus, a Santíssima Trindade, mas isso não impede de amar Deus Pai como Pai, Deus Filho como Filho, o Espírito Santo como Espírito Santo, Jesus como Jesus, a Mãe de Deus como Mãe de Deus e depois nosso pai, nossa mãe, os familiares, os anjos, os santos e toda a humanidade» (*Scritti*, 643, 1175).

Temos “espaço” para amar a todos, mas sem esquecer o nosso propósito derradeiro que é Deus; Aquele a Quem devemos oferecer todo o nosso amor apenas por Ele e estar preparados para receber o Seu amor por nós, que, no fundo, é a condição de possibilidade daquele mesmo amor.

### **3.3.2.- A mãe espiritual que sempre aponta para o Filho**

Em alguns dos seus escritos, o padre Maximiliano dá conta das acusações de que a Igreja é alvo por parte dos protestantes. Uma das grandes acusações passa pela veneração de Maria, pois, para aqueles – que neste aspeto, como em tantos outros, se afastam das mais sólidas evidências bíblicas (cf., por exemplo, *Js.* 5,13-15; *2Cr.* 32,33; *Dn.* 2,46-48), mesmo que os textos bíblicos não apresentem propriamente termos distintos para “veneração” e “adoração” – os cristãos católicos veneram Maria do mesmo que adoram a Deus. Em jeito de resposta, o nosso Autor considera que as acusações não têm razão de ser posto que «a Igreja Católica (...) venera os santos apenas enquanto servos fiéis de Cristo e sobretudo venera de modo particular a Santíssima Virgem Maria, enquanto Mãe de Deus» (*Scritti*, 1194, 2078), mas nunca adora nem aquela, nem os demais santos.

A antes anotada ideia dos acusadores é fruto de um grande preconceito e, no que por vezes também acontece entre aqueles que se identificam como católicos, de uma não menor ignorância. De facto, tal confusão entre “veneração” e “adoração” decorre de se esquecer de que só Deus é digno de uma glória infinita e, como tal, devemos colocar os nossos esforços para que a maior glória extrínseca – por a intrínseca é imutável – Lhe seja dada. Para isso, é necessário imitar espiritualmente, também pelo carinho a eles votado pela sua veneração, aqueles que foram, pelo seu amor que configura a santidade, os Seus mais insignes representantes na terra; aqueles que demonstraram e demonstram a Sua vontade; aqueles que Lhe obedecem e que O têm como seu único fim último.

É sabido que isto vem nos livros de Teologia e até nos “catecismos” (cf. *CdIC* 1090, 2096s, 2132), mas trata-se de algo que tem a sua “sala de aulas” na própria Cruz, pois é nela que mais se aprofunda o conhecimento do amor de Deus, do amor a Deus e, devido ao amor d’Este por eles, do amor dos santos Àquele. Porém, e posto isto, há ainda uma outra forma que nos permite aproximar, mais facilmente, de Deus: através da Imaculada (cf. *Scritti*, 25, 323-325). Deveras, Deus confiou-lhe toda a economia da misericórdia e, por isso, o padre Maximiliano apresenta-nos, num dos seus escritos, uma máxima que sintetiza justamente aquela realidade: «ad quam maximam Dei gloriam per Immacultam» (*Scritti*, 25, 325). Deste modo, através da Imaculada, estaremos no caminho certo para dar a maior glória possível a Deus-Pai<sup>291</sup>, visto que, e ainda e sempre de acordo com o nosso Autor, ao cumprir a vontade da Imaculada não diminuimos a glória extrínseca e acessória de Deus, mas estamos a aumentá-la (*Scritti*, 1232, 2168).

O Cristianismo não é, como todos devemos saber e nunca devemos deixar de clarificar, a religião de Maria: «os fiéis católicos veneram com fervor a Mãe Divina, mas sem a considerar como Deus» (*Scritti*, 1204, 2107). No entanto, Maria concebeu e gerou Jesus Cristo, o verdadeiro Deus-Homem. Por isso mesmo, o culto de veneração e até de hiper-veneração prestado a Maria é para a Igreja Católica algo de natural e que não justifica discussões (cf. *Scritti*, 1194, 2079). Não é, assim, de estranhar que Maria seja venerada de uma forma especial, tendo em conta que ela foi a eleita para dar à luz o Filho de Deus. Os cristãos nunca poderiam adorar Maria, uma vez que Maria nem é Deus, nem, apesar de ser mãe do Mesmo, nunca transmitiu ou concedeu a natureza divina a Jesus Cristo. Maria é uma pessoa humana, porém é uma pessoa humana que foi escolhida por

---

<sup>291</sup> Cf. DESEILLE, Placide; ADNES, Pierre – Gloire de Dieu, in *DSp.* 6, col. 421-487.

Deus para ser a Mãe do Seu próprio Filho. É este o motivo pelo qual a Igreja a venera e admira acima de todos os santos.

Não pode haver dúvidas de que «o propósito da criação, o propósito do homem é o amor de Deus, Criador e Pai; um amor sempre maior, a divinização, o retorno a Deus do qual surgiu, a união com Deus, um amor fecundo» (*Scritti*, 1326, 2337-2338). A partir do momento do nosso Batismo todos nós pertencemos a uma nova família, na medida em que nos tornamos filhos de Deus-Pai, irmãos do Filho de Deus e filhos da Mãe de Deus. Nesta nova família estabelece-se uma grande relação de amor, porém com algumas diferenças; ou seja: no amor ao Pai e ao Filho o amor adquire a feição de adoração, enquanto que o amor à Mãe de Deus molda-se na forma de veneração. Claro que o nosso amor é ainda imperfeito, mas, não obstante, devemos amar do melhor modo que nos é sinceramente possível.

Um problema espiritual para os cristãos que foi difundido pelos protestantes reside na ausência, no seu edifício teológico, de uma sólida consideração da importância afetiva e efetiva de uma mãe para a vida espiritual (cf. *Scritti* 1196, 2089). Ora, «baseando-se unicamente na doutrina católica da união hipostática da natureza divina e da natureza humana na pessoa do Verbo, os padres do Concílio de Éfeso proclamaram a divina Maternidade de Maria» (*Scritti*, 1229, 2161). O nosso Autor equivoca-se do ponto de vista histórico na atribuição da definição dogmática de Maria “*Theotókos*” ao Concílio de Éfeso – onde apenas se reconheceu que tal título estava presente na Tradição precedente – e não ao de Calcedónia (cf. *DH* 301)<sup>292</sup> – como claramente afirmam os padres do II Concílio de Constantinopla de 553<sup>293</sup> –, mas não erra na sua apreciação espiritual.

De facto, foi desde os primeiros séculos do Cristianismo que foi considerada a maternidade espiritual da Virgem Maria (cf. *Jo.* 19,26s), decorrente da consciência, tida pelos seguidores de Jesus Cristo, de que têm sempre uma mãe na sua vida espiritual: Maria. Esta é, enquanto encarada dentro da paternidade fundamental de Deus, a figura maternal por excelência, pois, como já dissemos, é a Mãe de Deus. Em consequência

---

<sup>292</sup> Cf. CERBELAUD, Dominique – *Marie, un parcours dogmatique*. Paris: Cerf, 2003, p. 93: «não encontramos nenhuma definição dogmática [sobre Maria em Éfeso]»; PRICE, Richard – *Theotókos: The Title and its Significance in Doctrine and Devotion*, in BOSS, Sarah Jane (ed.) – *Mary: The Complete Resource*. New York; Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 60: «o concílio [de Éfeso] não promulgou nenhuma definição ou decretos dogmáticos [sobre Maria]».

<sup>293</sup> Cf. ALBERIGO, Giuseppe [et al.] (ed.) – *Conciliorum oecumenicorum generaliumque decreta*, vol. 1. Turnhout: Brepols, 2006, p. 243.

disto, para o cristão é natural, por um lado, «sentir a solicitude amorosa do Coração de Maria na vida de fé, na vida sobrenatural, na vida da graça, na vida espiritual» (*Scritti*, 1994, 2080), e, por outro lado e conforme se lê no mesmo local, confiar na possibilidade de poder «receber a vida sobrenatural pela mediação da Mãe espiritual». Mais: como mãe, a missão singular de Maria, dá lugar à esperança, entre os fiéis, de poderem obter a sua proteção enquanto singular dispensadora da graça na economia da redenção, facto este que levou a que a fé no auxílio da Virgem tenha, segundo o padre Kolbe, sempre crescido de dia para dia (cf. *Scritti*, 1229, 2161).

«“Ad Iesum per Mariam”, através de Maria chega-se a Jesus» (*Scritti*, 1299, 2290) é, segundo o nosso Autor, o pensamento que devemos ter em relação à Imaculada e à Sua relação com Jesus. No nosso entender, o padre Maximiliano, ao utilizar a expressão “Ad Iesum per Mariam”, em primeiro lugar reconhece, e tenta levar-nos a reconhecer, que a base, centro e meta da vida cristã é Cristo. Mas ele não se fica por aí ao utilizar tal máxima. Com ela, ele também deixa bem patente a importância de Maria, tendo em conta que é Ela que conduz até ao fim último da vida do cristão: «confiando no Coração da Mãe, daquela Mãe, aproximamo-nos do Coração do Filho» (*Scritti*, 1299, 2290). Por outras palavras: devemos aproximar-nos o mais possível da Imaculada, pois a aproximação da Imaculada é sinónimo da aproximação a Cristo e, por sua vez, a aproximação a Cristo é sinónimo da aproximação a Deus (cf. *Scritti*, 1174, 2041).

### **3.3.3.- Amar Jesus com o coração da Imaculada**

É chegada a altura de vincar, com um maior detalhe, algo que já apontámos anteriormente: o cristão deve amar a Jesus com o coração da Imaculada, pois ela ama Jesus como uma mãe que ama o seu filho como o que de mais valioso tem na sua vida: «toda a nossa santidade consiste em imitar Jesus» (*Scritti*, 542, 1052), porém, só seremos capazes de O imitar se O amarmos verdadeiramente, e isto, por seu lado, só é logrável imitando-se o amor de Maria por Ele. Assim, a devoção à Imaculada levar-nos-á a amar o Coração de Jesus (cf. *Scritti*, 751, 1301) e, por sua vez e como já vimos, o nosso amor ao Coração de Jesus levar-nos-á até à Imaculada.

Como constatamos, é como se de um círculo virtuoso de amor se tratasse que, quando vislumbrado com cuidado, acaba por se revelar como profundamente normal, dado que todos formamos «apenas uma família, da qual Deus é pai, a Imaculada é mãe,

o divino Prisioneiro do amor na Eucaristia o Filho maior, enquanto todos os outros não são companheiros, mas filhos e filhas menores, que se amam uns aos outros» (*Scritti*, 1222, 2135). Ora, se somos uma família, devemos amar: a Deus-Pai como Pai; Jesus como o Deus-Filho incarnado; a Imaculada como mãe; e, enfim, a todos os outros como irmãos, tendo presente o primeiro e maior mandamento: «amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente» (*Mt.* 22,37). Ao cumprirmos, no e pelo amor, este mencionado mandamento, estaremos a pautar-nos pela conformidade à vontade de Deus<sup>294</sup> e conseqüentemente à vontade da Imaculada. Por intermédio do amor estaremos mais perto de Deus, de Jesus e da Imaculada.

Todo o homem imita aqueles exemplos que lhe parecem bons ou virtuosos, ou seja, se um sujeito acha que aquilo que alguma pessoa faz está bem feito, ele vai tentar fazer, no mínimo, igual. Contudo, estas pessoas humanas que são para nós uma referência têm, indubitavelmente, imperfeições. Todos temos. Quem é que não tem? Só Ela, a Imaculada. Ela é concebida sem pecado e, como tal e graças à sua colaboração livre com a graça de Deus, nunca procedeu de um modo voluntária e conscientemente errado, nem sequer nas coisas mais pequenas da sua vida. Deste modo, devemos imitá-La naquilo que estiver ao nosso alcance, pois, segundo o nosso Autor, na Imaculada e através dela teremos uma maior facilidade para nos darmos a Jesus e ao próprio Deus. Jesus e a Imaculada conduzem-nos ao Pai, estabelecendo assim um intercâmbio de amor por amor (cf. *Scritti*, 1325, 2337) em que acolhemos o amor infinito de Deus por nós e, na medida das nossas capacidades, retribuímos tal amor a Ele mormente através das nossas decisões e ações que se relacionam com os demais.

### **3.4.- A Imaculada e a Ordem Franciscana**

Tudo o que fomos vendo acerca do pensamento do nosso Autor acerca de Maria, a Imaculada, tem uma, mais ou menos remota e sólida, base no pensamento de São Francisco, e a próxima citação que faremos dos escritos daquele outro é testemunho disto mesmo:

«O homem não foi criado para riquezas, porque quanto mais ele possui, mais ele deseja e tanto mais ele é infeliz. O homem não foi criado para os prazeres, porque quanto mais ele possui, mais ele deseja e mais ele é infeliz. O homem não foi criado para a glória, pois por

---

<sup>294</sup> Cf. CATHERINET, François-Marie – Conformité à la volonté de Dieu, in *DSp.* 2, col. 1441-1469.

mais que ele a possua, tanto mais a deseja e tanto mais é infeliz; nem para a ciência, pois tudo isso é apenas um meio» (*Scritti*, 962, 1506).

Assim, para o padre Kolbe e seguindo o “Pobre de Assis”, o importante não é a riqueza, nem os prazeres, nem a glória, nem a ciência. Tudo isto não é mau, conquanto seja vivido no amor, mas não passa de um meio; ou seja, por melhor que seja e por mais que tenda a poder satisfazer os desejos dos homens não chega para realizar as aspirações profundas dos mesmos. E isto porque, como refere o nosso Autor, o «fim do homem é a glória de Deus» (*Scritti*, 962, 1506), ao passo que, como se pode ler no mesmo sítio e com um itálico do nosso próprio Autor a remeter para uma fórmula celebrada por Inácio de Loyola<sup>295</sup>, «o fim do religioso é a *maior glória de Deus*». Neste sentido, aquele batizado que elege a forma de vida religiosa, deve procurar fazer sempre aquilo que coloca a Deus em primeiro lugar, para d’Ele receber a sua única almejada recompensa: o paraíso que não é senão o próprio Deus.

Não é fácil perceber se este ou aquele candidato possui vocação para seguir a vida religiosa. Todavia, é possível tentar entender: a sua convicção interior; a sua disponibilidade para obedecer com humildade; e até a sua própria disposição para cumprir a vontade de Deus (cf. *Scritti*, 799, 1348). Existe, portanto, a necessidade de uma “seleção”, como se de uma série de “provas” se tratasse, pois nem toda a gente serve ou nem toda a gente tem vocação para seguir a vida religiosa. Para o padre Kolbe, o candidato até pode ser o melhor nos estudos, na condição económica, no prestígio da família de onde vem, ou na relação com os demais, mas isso não chega. O que realmente importa é a sua disposição para, pelo amor e no amor, se consagrar totalmente a Deus através da Imaculada (cf. *Scritti*, 1144, 2004-2005). Aquele que desejar seguir a vida religiosa na Ordem Franciscana deve, por isso e ainda segundo o padre Maximiliano, renunciar a tudo por amor a Deus e à Imaculada.

Segundo ele, quanto mais uma ordem religiosa se afasta do seu fundador, mais ela se enfraquece, esmorece e perde a sua vitalidade. Como tal, para o nosso Autor, os frades franciscanos – e de modo particular, os frades menores conventuais – devem sempre procurar imitar, com toda a seriedade, aquele que, em derradeira análise, foi o seu fundador: São Francisco de Assis. Um franciscano menor conventual tem que ser, por isso, alguém ambicioso; mas ambicioso no bom sentido deste conceito, na medida em que

---

<sup>295</sup> Cf. COUREL, François – Gloire de Dieu, La plus grande, in *DSp.* 6, col. 487-494.

não ambiciona grandezas, mas ambiciona a santidade, o limite da perfeição, o maior amor possível a Deus, a Jesus, à Imaculada e aos demais (cf. *Scritti*, 486, 989).

### **3.4.1.- A devoção especial à Imaculada**

Dentro da moldura entretecida anteriormente acerca da relação entre a Imaculada e a Ordem Franciscana, o padre Kolbe, focando-se mais especificamente na devoção e no culto à Imaculada, diz-nos:

«A Ordem dos Frades Menores Conventuais desde os seus primórdios e ao longo de toda a sua história manifestou a particular devoção pela Conceção da Santíssima Virgem. Portanto, seguindo os passos de seus Padres, o Venerável Definitório decretou a constituição da Santíssima Virgem, sob o título de Imaculada Conceição, como Patrona principal, com a mais firme esperança de que na nossa Ordem se desenvolva e cresça a cada dia o culto à Mãe de Deus e ao mistério da Sua Imaculada Conceição» (*Scritti*, 1184, 2058).

A devoção dos frades menores conventuais à concepção imaculada de Maria é, nas palavras do nosso Autor, distinta e especial, porém, como vemos acima, não é uma novidade, nem é inconstante ou inconsciente, visto que lança solidamente as suas raízes na tradição da sua Congregação. Como tal, o culto e a devoção à Imaculada devem ser preservados e cultivados, devendo o frade menor conventual: reconhecer a sua tradição; aceitar a escolha da Imaculada como Patrona da Ordem Franciscana Conventual; e ter esperança para o futuro (cf. *Scritti*, 1271, 2255). E isto na linha do facto de, ao longo de toda a sua existência, aquela Ordem sempre ter lutado pela defesa da veracidade da concepção imaculada de Maria. Defesa essa que, no entender do padre Maximiliano, ainda precisava de continuar mesmo após a proclamação dogmática de 1854, ainda que esta tenha virado uma página na história de tal Congregação. E isto porque ainda havia muito trabalho por fazer, nomeadamente, e como nos deixa claramente escrito aquele num dos seus mais significativos textos acerca desta temática,

«semear esta verdade no coração de todos aqueles que vivem e viverão até ao fim dos tempos e que cuidarão do aumento e dos frutos da santificação. Introduzir a Imaculada no coração dos homens, para que ela eleve neles o trono do Seu Filho, os conduza ao conhecimento Dele e os estimule com amor para o Seu Sacratíssimo Coração» (*Scritti*, 486, 990).

O frade menor conventual, quando entregue à Imaculada, deixa-se guiar até ao Coração de Jesus e, a partir daí, a sua principal função passará a ser a de ajudar outros a percorrerem o mesmo caminho. Neste sentido, ele deve

«abrir o coração, deixá-La entrar e doar-lhe generosamente o coração, a alma, o corpo e tudo sem restrições ou limitações, consagrando-me completamente sem limitação, para ser Seu servo, Seu filho, Sua coisa e Sua propriedade incondicional, de forma a que, em certo modo, Ela viva, fale, opere neste mundo» (*Scritti*, 486, 990).

Na percepção do padre Kolbe, a missão dos frades menores conventuais, no pós-definição do dogma a meados do século XIX, faz parte da segunda parte da história da sua Congregação. A primeira parte consistiu na luta «para o reconhecimento da veracidade da Imaculada Conceição e esta luta é coroada na proclamação do dogma e na aparição da Imaculada em Lourdes» (*Scritti*, 485, 986). Por sua vez, e usando o nosso Autor palavras quase idênticas a outras por nós antes transcritas, a segunda parte passaria por «semear esta verdade nas almas, cuidar do seu crescimento e fazer com que produzisse frutos de santidade» (*Scritti*, 485, 986).

Neste sentido, cremos que podemos parafrasear o entendimento do padre Maximiliano acerca deste assunto dizendo que, se a primeira parte da história da Ordem dos Frades Menores Conventuais, passou, no passado, pela preparação e elaboração de um plano, agora, no presente dos escritos maximilianos, teríamos a execução e incorporação de tal plano na vida espiritual concreta dos fiéis. Para ele, esse seria também o próprio plano de São Francisco, para quem os frades devem ser vassallos da Mãe de Deus, que deve estar sempre presente nos seus pensamentos e na sua boca (cf. *Scritti*, 485, 987).

Em suma, para o nosso Autor, os frades menores conventuais deverão ser aqueles religiosos que se alegrarão, de modo particular, por poder oferecer toda a sua vida à Imaculada e, como tal, deverão ter a consciência de que «da Imaculada somos servos, filhos, escravos, cavaleiros e tudo, tudo, tudo» (*Scritti*, 605, 1120). Não se trata, portanto, de um mero sentimento ou de uma simples memória; trata-se, isso sim, de uma vontade que consiste em entregar-se totalmente à Imaculada. É nesta vontade de entrega que tem origem o quarto voto que, como já pudemos ver noutra dos capítulos desta nossa Dissertação, os cavaleiros da Imaculada estão chamados a fazer. Todavia, apesar da devoção à Imaculada e deste novo voto, nunca o padre Kolbe procurou a separação, da Congregação franciscana, daqueles que elegiam fazer tal quarto voto. É neste sentido que não pode haver qualquer dúvida a respeito da finalidade dessa especial devoção no seio da sua Ordem:

«A Imaculada, Rainha do céu, deve ser reconhecida, na medida do possível, como Rainha de todos os homens e de todas as almas, seja na Polónia, seja fora das suas

fronteiras, em ambos os hemisférios da terra. Disto, ousamos afirmar, depende a paz e a felicidade das pessoas solteiras, das famílias, das nações, da humanidade» (*Scritti*, 1113, 1955).

Ao falarmos de paz e felicidade, estamos a falar de algo indispensável para a vida humana. Como tal, atendendo ao pensamento do padre Maximiliano, todos viverão melhor quanto mais pessoas acreditarem na, e se entregarem verdadeiramente à, Imaculada. Assim sendo, o Mundo será melhor se deixarmos a Imaculada entrar no nosso coração; se nos tornarmos instrumentos das suas mãos; e isto sempre a fim de conquistarmos para Ela o maior número possível de fiéis através: da pregação; do sofrimento decorrente do amor; e do trabalho (cf. *Scritti*, 1159, 2018). É óbvio que aquilo que acabámos de dizer aplica-se, de certo modo e embora em graus diferentes conforme também as formas de vida elegidas, a todos nós e não só aos franciscanos, mas também é certo que no pensamento do nosso Autor, os frades menores conventuais têm uma responsabilidade acrescida no que diz respeito à Imaculada.

### **3.4.2.- O desejo de pertencer totalmente à Imaculada**

É para sempre. Sem receios, sem rodeios e sem restrições. A consagração à Imaculada por parte daqueles a quem o padre Kolbe chama os “irmãos” é, por isso, a mais perfeita possível, pois, quanto mais perfeita for, maior influência terá na vida de todos e de cada um. Quanto mais se entregarem, tanto mais terão a ganhar, na medida em que estimularão outros a conhecer e a abraçar o amor à Imaculada (cf. *Scritti*, 1211, 2119). Por tudo isto é que «desde o início da Ordem (...) o reconhecimento, obrigatório para todos, da veracidade da Imaculada Conceição, até à proclamação do dogma» (*Scritti*, 1168, 2030) foi incontornável.

Neste cenário, o padre Maximiliano alegra-se pelo facto da sua Ordem estar sob a proteção particular da Imaculada Conceição desde o tempo de São Francisco ou São Boaventura (cf. *Scritti*, 21, 316; 124, 458). É exatamente nesse sentido que podemos afirmar que ele, no fundo, tem como ideal uma simples manifestação peculiar da vontade de seguir a “via franciscana”, que fez com que o amor da Ordem franciscana à Imaculada pareça, e até seja e deva ser, maior do que o amor de outras ordens religiosas (cf. *Scritti*, 487, 993).

No seu pensamento está sempre presente o dever de servir fielmente a Maria, a Imaculada, de tal modo que as tribulações, decorrentes de tal serviço amoroso, servem apenas e só para aumentar os méritos e a contribuição prestada à causa da Imaculada através do Mundo (cf. *Scritti*, 835, 1380-1381). Ela indica o caminho àqueles que lhe entregarem a própria vida; àqueles que desejem verdadeiramente ser seus instrumentos, a fim de, como já foi dito desde outra vertente expositiva, atrair a Si o mais número possível de pessoas (cf. *Scritti*, 1046, 1839).

Tal entrega é de tal ordem que o objetivo passa por «uma união tão íntima que permita quase eliminar a diferença entre a nossa vontade e a Sua» (*Scritti*, 556, 1068). Assim sendo, tal como a vontade da Imaculada se une profundamente à vontade do Pai, também a nossa vontade – e de modo especial a dos membros da sua Ordem Franciscana – se deve unir à vontade da Imaculada, o que, no fundo e pela sua mediação, redonda numa união à d’Aquele. Perfeitamente unidos à Imaculada, tais membros receberão a «graça da iluminação da inteligência, do robustecimento da vontade, da iniciação ao bem; graça ordinária e extraordinária, graça que resguarda diretamente a vida temporal e a santificação da alma» (*Scritti*, 1313, 2307).

Posto isto, é importante deixar claro o que é que era o essencial do essencial em tudo o que vimos, pois tantas vezes nos focamos naquilo que é acessório. O essencial, para o nosso Autor, é «o amor, a essência do amor pela Imaculada (...) portanto, quanto mais perfeito for o amor, mais perfeita é a união da nossa vontade com a Sua Vontade. Isso é o suficiente. Tudo o resto é apenas um meio ou um efeito» (*Scritti*, 1354, 2383). São estas as indicações do padre Kolbe para os frades da sua Congregação – particularmente os que passam por momentos menos bons. A saber: focarem-se no amor, focarem-se na Imaculada e não se preocupar ansiosamente de lado os meios ou os efeitos.

### **3.4.3.- Tudo para a Imaculada e tudo pela Imaculada**

Mas, no fim de contas, o que deve estar disposto a fazer um frade menor conventual pela Imaculada? De acordo com o nosso Autor, a resposta a esta questão poderia ser dada por uma simples palavras: “tudo”. E tudo é mesmo tudo, até «o sacrifício de nós mesmos, oferecendo à Imaculada a nossa humilhação, o sofrimento, os insucessos; façamos o sacrifício do que nos pertence, colocando à disposição um pouco dos nossos bens» (*Scritti*, 1218, 2126). O padre Kolbe pede o sacrifício – o amar sempre mais e melhor, de

modo a tornar algo (mais) sagrado, comporte isso o que puder comportar<sup>296</sup> –, a humilhação – a aceitação das consequências eventualmente rebaixáveis do mencionado amar, face aos obstáculos que este poderá encontrar<sup>297</sup> – e o próprio sofrimento – em especial o que decorre daquele amar, por um lado, para o próprio egoísmo, e, por outro lado, perante a sua por parte dos demais<sup>298</sup>. E isto, em honra, ou para promover a da causa, da Imaculada.

O que foi mencionado pode parecer um pouco exagerado, no entanto e para o nosso Autor, tão-somente assim poderão os frades menores conventuais dizer que amam a Imaculada de um modo tendencialmente ilimitado. Para ele, ao se falar da Imaculada não existem pequenas partes; existe apenas um todo: uma doação total. Aqueles frades, e nós mesmos, nos seremos capazes de amar a Imaculada com o mesmo amor com que Ela nos ama a nós, por isso devemos estar dispostos a dar tudo aquilo que temos, até ao limite de, porventura, se ter que «derramar sangue como mártires» (*Scritti*, 461, 959)<sup>299</sup>.

Note-se que as derradeiras palavras que citámos diretamente dos escritos do padre Kolbe, podem parecer apenas palavras. Mas sabemos bem que não o são, pois como referimos no segundo capítulo desta Dissertação, ele próprio morreu martirizado após entregar a sua vida em substituição da de um pai de família. Que pena que é, e que desgraça que é para a Igreja de Jesus, que haja quem diga e escreva, por vezes abundantemente, coisas imensamente belas, mas não logre viver nem uma pequena percentagem do que proferiu. O amor falado e escrito pode trazer ao de cima expressões belíssimas. Contudo, com o padre Maximiliano, não estamos a trazer à colação meras imagens ou a fazer analogias redutoras. Estamos, isso sim, a evocar uma realidade, por ele assumida até ao verter da vida em prol de outrem, que é bela, sublime e divina (cf. *Scritti*, 461, 959).

Tendo-o vivido admiravelmente na linha da própria forma como o Senhor Jesus o viveu – «até ao fim» (*Jo.* 13,1) –, o padre Kolbe deixou, para a sua posteridade, escritos que são genuínos hinos sobre o amor, especialmente o amor à Imaculada. Um mero exemplo, retirado justamente de uma conferência que deu sobre tal tema aos frades menores conventuais, é, na nossa opinião, genuinamente iluminador. Segundo ele:

---

<sup>296</sup> Cf. LAMARCHE, Paul; DERVILLE, André – Sacrifice, in *DSp.* 14, col. 51-57.

<sup>297</sup> Cf. DERVILLE, André – Humiliations, in *DSp.* 7, col. 1119-1129.

<sup>298</sup> Cf. SEMPE, Pierre – Souffrance, in *DSp.* 14, col. 1086-1098.

<sup>299</sup> Cf. RORDORF, Willy; SOLIGNAC, Aimé – Martyre, in *DSp.* 10, col. 718-737.

«eu mesmo devo fazer de tudo para pertencer cada vez mais à Imaculada, sou *eu* próprio que me devo doar cada vez mais a Ela, render-me a Ela, viver Dela, irradiar Dela, a fim de que o meu ambiente seja iluminado claramente pelo Seu conhecimento, seja aquecido e inflamado sempre mais ardentemente por Ela, para que aumente cada vez mais o número de pessoas semelhantes a mim (...) para que ilumine e influencie sempre mais outras pessoas» (*Scritti*, 1231, 2167).

A vida do frade é como uma longa caminhada que, na verdade, nunca conhecerá o fim, pelo menos na vida terrena, dado que, segundo o padre Kolbe, ele deve procurar pertencer, todos os dias da sua vida, mais e mais à Imaculada. Ele deve desejar sempre uma melhor configuração da sua vida com a vida daquela, a fim de, graças à comunhão dos santos possibilitada por Jesus Cristo, viver dela e nela. Com este estilo de vida, o frade influenciará e conduzirá, indubitavelmente, um maior número de pessoas à Imaculada e conseqüentemente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Face a tudo o que já fomos delineando cuidadosamente, podemos, agora e só agora, avançar para uma espécie de definição de quem é que é, para o nosso Autor, um frade menor conventual enquanto vivendo como cavaleiro da Imaculada. Eis aqui a mesma, tal como aquele a deixa patente num dos seus escritos:

«Ele [é aquele que] não restringe o próprio coração somente a si mesmo, nem à própria família, aos parentes, aos vizinhos, aos amigos, aos conterrâneos, mas abraça com ele o mundo inteiro, todos e cada um, pois todos são redimidos pelo sangue de Jesus, sem exceção alguma, todos são nossos irmãos. Para todos ele deseja a felicidade verdadeira, a iluminação com a luz da fé, a purificação dos pecados, a inflamação do coração mediante o amor a Deus, um amor que não coloca limites. A felicidade de toda a humanidade em Deus através da Imaculada: é o seu sonho» (*Scritti*, 1088, 1909).

Neste sentido, o frade para além do martírio e do sacrifício tem outro grande desejo já por nós visto, ainda que somente de passagem: a felicidade pura e verdadeira, uma felicidade que só se alcança em Deus e com o auxílio da Imaculada. O frade é aquele que se entrega totalmente ao Mundo, amado por Deus, sem “ses”; sem olhar para trás, sabendo que a recompensa será maior do que tudo aquilo que possa até eventualmente ter perdido. Ele tem um sonho – um sonho que não deve, nem pode, ser apenas uma utopia – pelo qual deve lutar sempre e cada vez mais até alcançar o grande objetivo do mesmo: fazer com que todos os homens sejam felizes em Deus através da Imaculada.

Se, na nossa opinião, já não restam dúvidas quanto à importância da Imaculada para a sua Ordem, podemos ainda acrescentar que, para o padre Maximiliano,

«o renovamento de uma Ordem religiosa equivale à conversão e santificação dos seus membros. Portanto, quanto mais uma Ordem religiosa se aproxima da Imaculada, tanto mais se renova, se desenvolve, floresce e se reveste de fruto, de santos, também

canonizados (...) a maior aproximação possível é a consagração ilimitada» (*Scritti*, 668, 1210).

A Ordem só tem a ganhar se se consagrar inteiramente à Imaculada. Uma consagração verdadeira que conduzirá à conversão e santificação. A Imaculada deverá, por isso, ser a Rainha absoluta, enquanto aqueles que a Ela se consagrarem, seguindo o desejo de São Francisco, devem tornar-se como que seus vassallos, que, assim, mais se aproximam do Pai e do Filho.

### **3.5.- A Imaculada hoje**

Maximiliano Kolbe mostra-se numerosas vezes preocupado com a situação da Igreja, principalmente com o modo como os fiéis vivem e transmitem a sua fé. O seu pensamento vai sempre na linha de que não basta dizer ou parecer que somos cristãos, mas que há a necessidade de se viver como tal; a necessidade de se ser verdadeiras testemunhas da fé que dizemos ter.

O homem no tempo do padre Kolbe, tal como nos tempos hodiernos, tinha um desejo: «ser grande, sábio, rico, célebre, feliz» (*Scritti*, 1296, 2286). Mas será este desejo suficiente? Segundo ele não há dúvida alguma de que não é suficiente, antes sabendo sempre a pouco. A felicidade que assim se poderia obter seria sempre limitada; muito aquém daquela mais autêntica e plena pela qual o homem aspira e que apenas pode ser encontrada em «Deus, a fonte infinita de toda a felicidade» (*Scritti*, 1296, 2286). O obstáculo está no facto de o próprio homem querer tornar-se Deus sem Deus; querer tomar posse do próprio Deus e usá-Lo conforme a sua vontade, e isso, que parece um “caminho mais curto” para a felicidade, não é senão um “curto-circuito” impossibilitante da mesma.

A fé não é uma questão de números e, por esse motivo e como nos diz o nosso Autor, «não é necessário andar a cercar pessoas de fé diversa» (*Scritti*, 1103, 1935). Para ele, visto que existe um elevado número de católicos, o que realmente importa é saber educá-los em verdade, pois, não chega ir à Eucaristia dominical ou por ocasião das festas, se nunca pensarmos em receber, por exemplo, o sacramento da Reconciliação. Como vimos, o homem tende a buscar a felicidade momentânea, o que, para Kolbe, é uma insensatez que, entre outras coisas, faz com que peque, sem muitas das vezes, se preocupar com o pecado, como que querendo, ingénua e tragicamente, ignorar a realidade, a qual, não obstante, não desaparece nem deixa de o ser. Para se evitarem estes

reveses, uma solução, para o padre Kolbe, passa pela «Mãe do céu, a personificação da Misericórdia Divina, a Imaculada» (*Scritti*, 1103, 1936). Assim sendo, para viver verdadeira a sua fé, o homem deverá

«oferecer-se totalmente a Ela, sem limites, confiar-lhe por inteiro o problema da sua salvação, toda a sua vida, a morte e a eternidade, confessar com sinceridade e confiar plenamente Nela, e conhecerá a paz e a felicidade, a antevisão do paraíso e suspirará em direção a isso» (*Scritti*, 1103, 1936-1937).

Nesta lógica, a Imaculada apontará ao homem o caminho a seguir para, trilhando o Caminho que é Jesus (cf. *Jo.* 14,6), chegar à sua meta no coração da própria Trindade. É bonito, e fica bem, dizermos que da Imaculada somos servos, filhos, escravos, coisa ou propriedade. Contudo, para o nosso Autor, isso não chega: é, como já vimos anteriormente quando demos mais atenção à vida dos frades menores conventuais, necessário estar-se nela e ser-se dela. É, por isso, fundamental fazer tudo o que for possível para estarmos juntos a Ela, a fim de, no e pelo amor, trabalharmos para a conversão<sup>300</sup> e santificação de todos os seres humanos. Assim, seremos capazes de deixar que Deus e a Imaculada operem por nosso intermédio e, dessa forma, seremos ministros d'Aquele e desta no Mundo em que vivemos (cf. *Scritti*, 508, 1014-1017).

O padre Kolbe aduz que um problema para se lograr o que antes se mencionou é o da falta de conhecimentos para se falar acerca da Imaculada. Perante isso, ele chegou a sugerir a abertura de uma Academia Teológica Mariana, especialmente vocacionada para o ensino de temas relacionados com Maria e que pudesse oferecer um Doutorado em Mariologia. Esta seria, de acordo com aquele, deveras importante para «a vida prática, para a conversão e santificação das almas» (*Scritti*, 508, 1016), na medida em que daria a conhecer mais profundamente a Mãe de Deus.

Dito isto, o nosso Autor não se ilude: mesmo que aquilo fosse implementado, não seria a solução para todos os problemas. Mais: poderia até vir a ser um problema, na medida em que será «uma coisa ótima estudar a mariologia, mas recordemos que nós conhecemos mais a Imaculada na humilde oração e na amorosa experiência da vida quotidiana do que em definições aprendidas, distinções e argumentações» (*Scritti*, 634, 1165). O homem não pode deixar-se maravilhar pelas suas descobertas, pela sua inteligência limitada, uma vez que apesar de ser de extrema importância, nunca se sobreporá à relação pessoal com a Imaculada. Ou seja: um estudo abstrato e impessoal

---

<sup>300</sup> Cf. PINARD DE LA BOULLAYÉ, Henry – Conversion, in *DSp.* 2, col. 2224-2265.

sobre Maria sem um sólido alicerce espiritual, decorrente de um contacto coração a coração com ela, poderia redundar num afastamento do próprio conhecimento que se desejava acerca da mesma.

Ou se a ama a Imaculada por inteiro ou pura e simplesmente não se a ama. Devemos aproximar-nos dela, amá-la verdadeiramente com tudo o que isso implicar, pois, «nós não servimos Deus Pai, Jesus e a Imaculada de modo distinto, mas Deus em Jesus e através de Jesus, Jesus na Imaculada e através da Imaculada» (*Scritti*, 634, 1165). De facto, por força da sua particular relação com cada uma das pessoas da Trindade, bem como pelo seu “importante papel” na comunicação das graças (cf. *Scritti*, 634, 1165), o ser humano só tem a ganhar com a sua devoção particular à Imaculada. Não uma devoção vivida para daí se retirar dividendos egoístas, mas para se amar mais à mesma para benefício de todos. Nas palavras do nosso Autor, os homens

«através de uma devoção particular à Ss. Virgem, santificar-se-ão e não só resistirão aos ferozes inimigos de Deus, mas varrerão da face da terra as heresias, as idolatrias, a impiedade, edificarão o verdadeiro templo de Deus e estimularão *todos* à verdadeira devoção à Mãe de Deus» (*Scritti*, 1129, 1980).

Todos temos e pertencemos a uma mãe biológica. Do mesmo modo, todos devemos pertencer espiritualmente à Imaculada, tendo em conta que ela é verdadeiramente nossa mãe espiritual, a quem devemos amar como tal. Ela é a suma humana das virtudes e, por isso, devemos ser seus filhos obedientes. Assim, se fizermos a nossa parte, Ela ajudar-nos-á a preservar do pecado e da mundanidade, o que, por si só, deve levar a que estejamos profundamente gratos ao Pai por ter criado a Imaculada (cf. *Scritti*, 1334, 2360-2363). É indubitável pensarmos que, como diz o nosso Autor, «os homens não entenderam isso. Ainda hoje quão poucas são as almas que o compreendem, e quão imperfeitamente o compreendem» (*Scritti*, 1305, 2298). Não obstante isso, jamais devemos desanimar na busca da edificação de uma consciência coletiva de que «somos irmãos e irmãs, porque temos uma comum Mãe celeste, a Imaculada, um comum Pai que está nos céus e um comum Irmão maior, Jesus, Homem-Deus» (*Scritti*, 1218, 2127). Na hipótese de todo o homem compreender que somos esta família – porque somo-lo de facto – o entendimento e a compreensão deste mistério seria mais fácil e a própria mentalidade do homem configurar-se-ia com a que está expressa na seguinte oração:

«Ó Imaculada, Rainha do céu e da terra, refúgio dos pecadores e nossa Mãe amorosa, a quem Deus quis confiar toda a economia da misericórdia, eu, indigno pecador, me prostro a Teus pés implorando humildemente que Tu me aceites completamente como coisa e

propriedade Tua, e façás o que quiseses de mim e de todas as faculdades da minha alma e do meu corpo, toda minha vida, morte e eternidade”» (*Scritti*, 1331, 2351).

Deus Pai confiou à Imaculada uma missão deveras importante que comportou e comporta, por exemplo, o ser Mãe, Rainha e refúgio dos pecadores. Porém, ela é todas estas coisas graças à, e na, sua relação com a Trindade e com os homens. Ora, sabemos que no que diz respeito à relação divina não há imperfeições, mas, por sua vez, na relação com os homens e fruto da natureza ferida destes, as coisas são diferentes. Ao homem, para o padre Kolbe, cabe-lhe a “missão” de pedir à Imaculada para que ela se digne aceitá-lo completamente, o que acontecerá pelo facto do Pai lhe ter confiado, tal como já vimos mais acima, a economia da misericórdia. A partir do reconhecimento desta realidade, o homem deverá entregar-lhe as suas faculdades e todo o seu ser, desde hoje até à eternidade e, assim e só assim, poderá dizer à Imaculada: «eu sou verdadeiramente Teu, sem limites, sem condições, irrevogavelmente, para sempre, e Tu minha» (*Scritti*, 1165, 2026).

À imagem do nosso Autor gostaríamos, agora que estamos a findar este nosso terceiro capítulo, de dizer: entreguemo-nos à Mãe.

## CONCLUSÃO

No decorrer do presente Trabalho tentámos, essencialmente, conhecer e partilhar a vida e o essencial do essencial do pensamento de Maximiliano Kolbe. Este conhecimento acarreta consequências práticas para as nossas vidas – e sobretudo para a nossa –, na medida em que importa agora discernir de que modo é que ele, o nosso Autor, pode ser o *influencer* – essa palavra tão em moda nos nossos dias – da nossa vida quotidiana. E a verdade é que, segundo a nossa mais franca opinião, temos imenso a aprender com ele; certamente bem mais do que com um qualquer *influencer* dos tempos modernos.

O padre Kolbe, profundamente marcado pelo seu contexto vital e pela sua própria vida, não deseja o poder, a grandeza, o reconhecimento, o luxo, o dinheiro ou um lugar de destaque na sociedade. Estes são os desejos mundanos: são os desejos do homem que não alcança aquilo que realmente importa. Ter desejos é essencial para um ser humano criado à imagem e semelhança de um Deus que sendo Amor também é, de certo modo e na Sua relação de amor connosco, um ser de desejos. Contudo há desejos e desejos; há tê-los e humanizar-se ou desumanizar-se. Para o nosso Autor, os desejos que humanizam são aqueles que estão no ponto oposto da mundanidade; são aqueles que são maiores do que o Mundo, pois o homem, para se realizar justamente como homem, precisa de algo maior do que o Mundo lhe dá. Esse “algo mais” é o próprio Deus, que, como vimos ao longo dos três capítulos desta Dissertação – embora de modos diferentes –, nos aponta o caminho para, e ajuda a discernir, o que nos realizará em profundidade na linha da nossa autenticidade.

Maximiliano Kolbe, ao longo de toda a sua vida e também devido às circunstâncias históricas que nela convergiram, comprovou saber aquilo que realmente importa na hora de distinguir o que é mundano e o que é de Deus. Neste sentido, podemos estimar, com grande segurança, que ele é um mestre na arte de se deixar guiar por Deus e um mestre no ofício de ajudar os demais a se deixarem guiar no seu caminho até Deus, não menos porque o seu derradeiro objetivo passava única e exclusivamente pela demanda da maior

glória de Deus, e isto não obstante a importância decisiva por si dada à Imaculada como meio instrumental para essa realidade. De facto, para o nosso Autor, o caminho mais seguro para a glorificação de Deus passa pela devoção à Imaculada, pois, unidos à Imaculada estaremos intimamente unidos a Jesus e, conseqüentemente, unidos a Deus-Pai. Maria, a Imaculada, é o nosso grande exemplo meramente humano, visto que apesar de ser uma criatura como nós, é aquela que mais se aproxima e assemelha à divindade, não menos devido a ser, precisamente, a Imaculada. Assim, a atenta consideração espiritual da sua humildade amorosa e a sua disponibilidade total para dar à luz e acompanhar o Salvador, deve suscitar em nós um impacto, inicialmente afetivo e depois efetivo, que nos leve a uma entrega sem “ses” e sem reservas à mesma enquanto nossa mãe espiritual. Foi justamente isto que Maximiliano Kolbe experienciou ao longo da sua caminhada sobre a terra e que, assim, dá tão grande valor à sua mensagem e proposta espiritual.

Felizmente para todos nós, o nosso Autor não guardou a sua vivência apenas para si, mas, pelo contrário, procurou revelar aos homens a vida e a missão da Imaculada, nomeadamente mediante a percepção da necessidade da utilização de todos os meios legítimos disponíveis para se lograr a evangelização, nomeadamente os meios de comunicação social. Através deles, sobretudo da imprensa, ele procurou chegar ao maior número de pessoas, a fim de que todos pudessem conhecer o que para ele era tão importante: a Imaculada como caminho para o Caminho. O contexto era difícil, os meios eram escassos, porém a vontade de anunciar ultrapassava todos os obstáculos.

Hoje em dia vivemos numa época em que o digital está na “crista da onda” e isto não é, de todo, algo mau. Todavia, é necessário sermos capazes de utilizar os meios para aquilo que realmente é relevante e não apenas para trocar uns *likes*. O homem dispõe de quase todos os meios e mais alguns e, mesmo assim, com todas as facilidades daí decorrentes, não consegue alcançar as centenas de milhares de pessoas a que Kolbe chegou com a sua mensagem acerca da Imaculada. A Niepokalanow e a “Mugenzai no Sono” são, indubitavelmente, dois centros de irradiação incríveis da mensagem do Senhor mediada pelo amor à Sua mãe. E lembremo-nos que, porventura, Kolbe não foi mais longe porque não o deixaram.

Não o deixaram porque o débil padre Kolbe foi tido ora como um mau gestor de relações humanas face às sensibilidades nipónicas, ora como uma ameaça para os marmóreos comandantes alemães. Na verdade, eles estavam certos; ou seja: o padre

Maximiliano não era tão “politicamente correto”, nem tão débil como aparentava ser. Viktor Frankl diz-nos que nos campos de concentração «não havia nem tempo nem vontade para olhar a questões éticas ou morais. Cada pessoa era controlada por um único pensamento: manter-se viva (...) sem hesitação, pois, fazia os possíveis para que outro preso, outro número, tomasse o seu lugar»<sup>301</sup>. Ora, a partir daqui, constatamos que todos os prisioneiros tinham um único objetivo: salvaguardar a todo o custo a própria vida, procurando manter acesa a esperança de que quando chegasse ao seu termo o terrível conflito a que se denominou de “Segunda Guerra Mundial”, a “vida normal” pudesse retomar o seu curso. Porém, eis que algo inédito acontece contra todas as expectativas: o, para muitos anónimo, prisioneiro número 16670 oferece a sua vida em lugar de outra pessoa. Assim, o nosso Autor constituiu, e ainda constitui, uma exceção à regra do egocentrismo assentido e, por isso mesmo, mereceu, por um lado e como vimos a seu tempo, ser apelidado por João Paulo II como “apóstolo do século XX”, e, por outro lado, ser estabelecido como patrono desse mesmo século. Desta forma, a debilidade derrotou o “oportunismo correto” e a “pujança marmórea”, ou melhor, a força interior sobrepôs-se à força exterior.

«Hoje em dia já não precisamos de hesitar em usar a palavra “santos”: basta pensar no padre Maximilian Kolbe, forçado a passar fome e por fim assassinado com uma injeção de ácido carbónico em Auschwitz»<sup>302</sup>. O próprio Viktor Frankl, que conheceu pessoal e intimamente a realidade dos “campos de concentração” – ou não tivesse sido ele mesmo um dos sobreviventes dos mesmos – e apesar de ser um psicoterapeuta, rendeu-se ao exemplo do padre Kolbe. Na nossa opinião, este é um fator importante, ao mesmo tempo que faz justiça ao ato de entrega aquele realizou em prol do seu próximo.

Em jeito de autoapreciação crítica do nosso Trabalho, ficámos com a certeza de que ele nos permitiu uma aproximação concisa à vida e ao âmago do pensamento espiritual deste santo dos nossos dias. Ele fez-nos reconhecer que, apesar do ruído que se faz sentir vindo do mundano, se quisermos, é possível viver segundo o exemplo de Cristo e cumprir os ensinamentos que Deus escreve docilmente no nosso coração. Mais: e que quem dele se aproximar, com os olhos libertos das escamas dos preconceitos do seu egoísmo, também poderá deixar-se *comover* pelo que em nós originou aquele reconhecimento.

---

<sup>301</sup> FRANKL, Viktor E. – *O Homem em busca de um sentido*, 8ª ed. Alfragide: Lua de Papel, 2019, p. 21.

<sup>302</sup> FRANKL, Viktor E. – *O Homem em busca de um sentido*, p. 149.

Também não podemos deixar de reconhecer, agora que nos aproximamos do fim desta “Conclusão”, que temos plena consciência das lacunas do nosso Estudo. A primeira dessas decorre da barreira linguística existente, e para nós intransponível, entre os idiomas que nós conhecemos e o polaco – a língua materna do padre Kolbe. Deste modo, foi necessário procurar outras vias que permitissem o contacto com os escritos do nosso Autor, elegendo abordar os mesmos mediante o recurso ao idioma italiano, também devido ao facto de nesse idioma haver uma edição crítica de tais escritos, justamente a por nós utilizada e trabalhada. Por outro lado, podemos referir a falta de bibliografia mais aprofundada e crítica para a elaboração do nosso segundo capítulo, bem como a manifesta falta de tempo para, através o recurso a outras obras – em especial aquelas que pudessem falar sobre a história da Igreja Católica na Polónia –, fundamentarmos de outra forma mais substancial o que escrevemos no nosso primeiro capítulo.

Enfim, resta-nos referir que, ao longo dos oito meses dedicados à redação deste Trabalho, nos cruzámos com muitos temas que, não fora os limites que nos colocámos a respeito da realização do mesmo, teríamos gostado de aprofundar, tais como: as consequências da força espiritual do Catolicismo polaco patentes nomeadamente ao tempo do nosso Autor para a compreensão do que pode ser uma Igreja Católica nos nossos dias; a fundação e o florescimento da Milícia da Imaculada como possível modelo para um outro meio de evangelização mais adaptado aos nossos dias; as perspectivas eclesiológica e escatológica do nosso Autor também enquanto definidoras de molduras configuradoras de dimensões incontornáveis da sua proposta de espiritualidade – inclusive no que concerne à Imaculada; e, por último e somente para não estarmos a prolongar esta lista, as normas e conselhos que o mesmo elaborou para o bom funcionamento das comunidades cristãs em geral e religiosas em particular. Tudo isto constitui um desafio para o futuro.

Quem diria que a nossa viagem à Polónia terminaria, por agora, desta forma.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES

#### Principais:

KOLBE, Massimiliano M. – *Scritti di Massimiliano Kolbe*, ed. Centro Nazionale Milizia dell’Immacolata. Roma: ENMI, 1997.

#### Secundárias:

*BIBLIA SAGRADA*. 5ª ed. Lisboa; Fátima: Difusora Bíblica, 2015.

IGREJA CATÓLICA: PIO X – *Carta aos arcebispos e bispos polacos* [13 de dezembro de 1905]. *AAS* 38 (1905-1906) 321-328.

IGREJA CATÓLICA – *Concordata entre a Santa Sé e o Reich alemão* [20 de julho de 1933]. *AAS* 25 (1933) 389-413.

IGREJA CATÓLICA: PIO XI – *Mit Brennender Sorge* [Carta Encíclica de 14 de março de 1937]. *AAS* 29 (1937) 168-188 [na sua versão italiana].

IGREJA CATÓLICA: PIO XII – *Radiomensagem do Papa Pio XII aos governantes e aos povos no iminente perigo de guerra* [24 de agosto de 1939]. *AAS* 31 (1939) 333-335.

————— *Radiomensagem sobre as bases da ordem nova* [24 de dezembro de 1941]. *AAS* (1942) 10-21.

IGREJA CATÓLICA: PAULO VI – *Homilia na beatificação de Maximiliano Maria Kolbe* [17 de outubro de 1971]. *AAS* 63 (1971) 818-823.

————— *Gaudete in Domino* [Exortação Apostólica de 9 de maio 1975]. *AAS* 67 (1975) 289-322.

IGREJA CATÓLICA: JOÃO PAULO II – *Discurso à conferência plenária do episcopado polaco em Jasna Góra* [5 de junho de 1979]. *AAS* 71 (1979) 784-797, com tradução para português em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790605\\_polonia-jasna-gora-episcopato.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790605_polonia-jasna-gora-episcopato.html).

————— *Homilia no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau* [7 de junho de 1979]. *AAS* 71 (1979) 844-848, com tradução para português em: [https://w2.vatican.va/content/johnpaulii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jpii\\_hom\\_19790607\\_polonia-brzezinka.html](https://w2.vatican.va/content/johnpaulii/pt/homilies/1979/documents/hf_jpii_hom_19790607_polonia-brzezinka.html).

————— *Discurso aos participantes na assembleia nacional da Milícia da Imaculada* [18 de outubro de 1981]. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_198110018\\_milizia-immacolata.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/october/documents/hf_jp-ii_spe_198110018_milizia-immacolata.html).

————— *Homilia na canonização de Maximiliano Maria Kolbe* [10 de outubro de 1982]. *AAS* 74 (1982) 1219-1224.

IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*, 2ª ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

IGREJA CATÓLICA: BENTO XVI – *Discurso na visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau* [28 de maio de 2006]. *AAS* 98 (2006) 480-484.

## ESTUDOS

DI MURO, Raffaele – *Storia e Prospettive della Milizia dell’immacolata*. *Miscellanea Francescana*, 117 (2017) 238-259.

JEDIN, Hubert (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1988, vol. 8.

JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad (dir.) – *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1984, vol. 9.

LEGASSE, Simon; DUPUY, Michel – *Pureté/Purification*, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 12, col. 2627-2652.

LORIT, Sergio C. – *Kolbe*. 3ª ed. São Paulo: Cidade Nova, 1980.

LUBICH, Gino – *Maximiliano Kolbe, número 16670*. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

KARPINSKI, Jerzy; PECAK, Kazimiers – Polónia: 4) História, in *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Lisboa: Verbo, vol. 15, col. 462-470.

MAYEUR, Jean-Marie [et al.] (dir.)– *Storia del Cristianesimo (Religione-Politica-Cultura): Liberalismo, industrializzazione, espansione europea (1830-1914)*. Roma: Borla; Città Nuova, 2003, vol. 11.

————— *Storia del Cristianesimo (Religione-Politica-Cultura): Guerre Mondiali e Totalitismi (1914-1958)*. Roma: Borla; Città Nuova, 1997, vol. 12.

OCHAYTA PIÑEIRO, Félix – *San Maximiliano Kolbe: Mártir de la caridad*. Madrid: BAC, 2009.

PIACENTINI, Ernesto – Maximilien Maria Kolbe, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 10, col. 859-861.

SIMBULA, Giuseppe – Introduzione alla lettura, in MASSIMILIANO M. KOLBE – *Scritti di Massimiliano Kolbe*. Simbula. Roma: ENMI, 1997, pp. 41-285.

————— San Massimiliano Kolbe, Missionario Francescano. *Miscellanea Francescana*, 106-107 (2006-2007) 388-413.

WINOWSKA, Maria – *Maximiliano Kolbe: construtor da Polónia cristã*. 2ª ed. Braga: Edições Lux, 1982.

ZAMOYSKI, Adam – *Poland: a History*. London: William Collins, 2015.

## SUBSÍDIOS

ALBERIGO, Giuseppe [et al.] (ed.) – *Conciliarum oecumenicorum generaliumque decreta*, vol. 1. Turnhout: Brepols, 2006.

————— *Conciliarum oecumenicorum generaliumque decreta*, vol. 2/2. Turnhout: Brepols, 2008.

CATHERINET, François-Marie – Conformité à la volonté de Dieu, in *DSp*. 2, col. 1441-1469.

- CERBELAUD, Dominique – *Marie, un parcours dogmatique*. Paris: Cerf, 2003.
- COUREL, François – Gloire de Dieu, La plus grande, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 6, col. 487-494.
- DECALUWÉ, Michiel; CHRISTIANSON, Gerald – Historical survey, in DECALUWÉ, Michiel; IZBICKI, Thomas M.; CHRISTIANSON, Gerald (ed.) – *A Companion to the Council of Basel*. Leiden: Brill, 2017, p. 8-39.
- DENZINGER, Heinrich; HÜNERMAN, Peter – *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- DERVILLE, André – Humiliations, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 7, col. 1119-1129.
- DESEILLE, Placide; ADNES, Pierre – Gloire de Dieu, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 6, col. 421-487.
- DULLES, Avery – *The Craft of Theology: From Symbol to System*. New York: Crossroad, 1995.
- FRANKL, Viktor E. – *O Homem em Busca de um Sentido*. 8ª ed. Alfragide: Lua de Papel, 2019.
- HAMON, Auguste – Sacré-Coeur (de Jésus) , in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 2, col. 1023-1046.
- LAMARCHE, Paul; DERVILLE, André – Sacrifice, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 14, col. 51-57.
- PINARD DE LA BOULLAYÉ, Henry – Conversion, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 2, col. 2224-2265.
- PRICE, Richard – *Theotókos: The Title and its Significance in Doctrine and Devotion*, in BOSS, Sarah Jane (ed.) – *Mary: The Complete Resource*. New York; Oxford: Oxford University Press, 2007.

RORDORF, Willy; SOLIGNAC, Aimé – Martyre, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 10, col. 718-737.

SEMPE, Pierre – Souffrance, in *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, vol. 14, col. 1086-1098.

## ÍNDICE GERAL

<b>RESUMO</b> .....	3
<b>SIGLÁRIO</b> .....	4
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1: A FORÇA DO CATOLICISMO POLACO FRENTE ÀS ADVERSIDADES (1894-1941)</b> .....	13
1.1.- A divisão da Europa Centro-Oriental .....	13
1.1.1.- A Igreja como primeiro fator de coesão na Polónia ocupada ...	14
1.2.- As “três zonas” polacas .....	16
1.2.1.- O setor russo .....	17
1.2.2.- O setor austríaco .....	18
1.2.3.- O setor prussiano .....	20
1.2.4.- Considerações finais acerca dos “três setores” e reflexos na população polaca .....	21
1.3.- A Polónia independente .....	22
1.3.1.- O lugar da Igreja na Polónia renovada .....	23
1.3.2.- As minorias .....	24
1.3.3.- O reforço da posição da Igreja Católica polaca .....	25
1.4.- A Igreja Católica e o nazismo .....	26
1.4.1.- O regime de Adolf Hitler .....	26
1.4.2.- O eclodir dos problemas .....	29
1.4.2.1.- A tomada de posição por parte da Igreja Católica .....	29
1.4.3.- A Propaganda antirreligiosa .....	31
1.5.- A Polónia novamente ocupada .....	32
1.5.1.- A divisão da Polónia .....	33
1.5.2.- Pio XII perante a II Guerra Mundial .....	35

1.5.3.- Consequências da II Guerra Mundial na Polónia e na Igreja Católica polaca .....	37
<b>CAPÍTULO 2: BIOGRAFIA DE MAXIMILIANO KOLBE</b> .....	<b>40</b>
2.1.- A infância .....	40
2.2.- A formação no Seminário e em Roma .....	43
2.3.- A “Milícia da Imaculada” .....	45
2.4.- O sacerdote .....	49
2.5.- O regresso à Polónia .....	51
2.6.- O “Cavaleiro da Imaculada” .....	53
2.7.- De Cracóvia a Grodno .....	54
2.8.- Niepokalanow .....	56
2.9.- Missão no Japão .....	59
2.9.1.- Testemunho de obediência e submissão .....	63
2.10.- Regresso à pátria .....	63
2.11.- Os primeiros tormentos .....	64
2.11.1.- A primeira deportação .....	66
2.11.2.- Regresso a Niepokalanow .....	66
2.12.- A última etapa da vida .....	68
2.12.1.- Pawiak .....	69
2.12.2.- Auschwitz .....	69
2.12.3.- A vida no “campo de concentração” .....	71
2.12.4.- O <i>bunker</i> .....	73
2.13.- A beatificação .....	75
2.14.- A canonização .....	77
2.15.- O “apóstolo do século XX” .....	78
<b>CAPÍTULO 3: MARIA, A IMACULADA, NOS ESCRITOS DE MAXIMILIANO KOLBE</b> .....	<b>80</b>
3.1.- Maria, a Imaculada .....	81
3.1.1.- Quem é Maria, a Imaculada? .....	83
3.1.2.- O amor de Deus pela Imaculada .....	86
3.1.3.- O Dogma da Imaculada Conceição .....	88
3.2.- A Imaculada e o Espírito Santo .....	91

3.3.- A Imaculada e Jesus Cristo .....	94
3.3.1.- A Imaculada está com, e traz, Jesus .....	95
3.3.2.- A mãe espiritual que sempre aponta para o Filho .....	96
3.3.3.- Amar Jesus com o coração da Imaculada .....	99
3.4.- A Imaculada e a Ordem Franciscana .....	100
3.4.1.- A devoção especial à Imaculada .....	102
3.4.2.- O desejo de pertencer totalmente à Imaculada .....	104
3.4.3.- Tudo para a Imaculada e tudo pela Imaculada .....	105
3.5.- A Imaculada hoje .....	108
<b>CONCLUSÃO</b> .....	112
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	116
<b>ÍNDICE GERAL</b> .....	121

